



m Memória
Embrapa

**Embrapa
Amazônia Ocidental**

**50 anos do
IPEAAOc**



Embrapa



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Amazônia Ocidental
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Embrapa Amazônia Ocidental: 50 anos do IPEAAO

*Embrapa
Brasília, DF
2019*

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Amazônia Ocidental

Rodovia AM-010, Km 29,
Estrada Manaus/Itacoatiara
69010-970, Manaus, Amazonas
Fone: (92) 3303-7800
Fax: (92) 3303-7820
www.embrapa.br

www.embrapa.br/fale-conosco/sac

**Unidade responsável pelo
conteúdo e edição**
Embrapa Amazônia Ocidental

Comitê Local de Publicações
da Unidade Responsável

Presidente

Cheila de Lima Bojink

Secretária

Gleise Maria Teles de Oliveira

Membros

*Maria Augusta Abtibol Brito de Sousa, Maria
Perpétua Beleza Pereira e Marcos Vinícius
Bastos Garcia*

Textos:

Lindomar de Jesus de Sousa Silva

Alfredo Kingo Oyama Homma

Revisão de texto

Maria Perpétua Beleza Pereira

Normalização bibliográfica

Maria Augusta Abtibol Brito de Sousa

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Gleise Maria Teles de Oliveira

Fotos da capa

Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental

1ª edição

1ª impressão (2019): 300 exemplares

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Amazônia Ocidental

Embrapa Amazônia Ocidental: 50 anos do IPEAAOc. – Brasília, DF : Embrapa, 2019.
173 p. : il. color

ISBN 978-85-7035-947-6

1. Instituição de pesquisa. 2. História.

CDD 630.72

Agradecemos a Afonso Celso Candeira Valois, Alba Luci Machado da Silva Rego, Alfio Celestino Rivera Carbajal, André Segura Tomasi (IEB), Antônio Francisco Souza, Aurora Leite Malcher, Celso Paulo de Azevedo, Cheila de Lima Boijink, Daiana de Matos Parintins, Endrio Moraes dos Santos, Fátima Nakajima, Felipe Santos da Rosa (Embrapa Pecuária Sul), Fernando Antonio Araújo Campos, Gilmar Antônio Meneghetti, Gleise Maria Teles de Oliveira, João Maria Japhar Berniz, José Carlos de Oliveira, José Olenilson Costa Pinherio, Lea Ângela Assis Cunha (Embrapa Mandioca e Fruticultura), Leopoldo Brito Teixeira, Luiz Carlos de Almeida, Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro, Luiz Januário Magalhães Aroeira, Marcos Vinícius Bastos Garcia, Maria Augusta Abtibol Brito de Sousa, Maria Conceição Faria Nascimento (esposa de José Carlos Nascimento), Maria Perpétua Beleza Pereira, Maria Pinheiro Fernandes Corrêa, Mirilete Oliveira dos Santos, Nádima de Sá Rodrigues Campelo, Nelson de Oliveira Leite, Paulo Iemini de Resende, Robert Tatsuo Nakajima, Walda Corrêa dos Santos, Ana Carolina Neiva Canto Mérel e Ana Júlia Canto Rocha (filhas de Acilino do Carmo Canto).



Apresentação

É com grande satisfação que lançamos o livro *Embrapa Amazônia Ocidental: 50 anos do IPEAAOc* em comemoração aos 50 anos da criação do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc).

A despeito de sua curta existência (1969–1973), o IPEAAOc foi o precursor da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) no Amazonas com a criação, em 1974, da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (Uepae-Manaus) e, em 1975, do Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira (CNPSe). Como uma ecdise, o IPEAAOc foi o embrião de uma transformação na pesquisa agropecuária no estado. Pois, de uma dúzia de técnicos abnegados, o Amazonas teve um súbito aumento no quadro de pesquisadores com pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, vindos de diversos estados do País, verdadeiros desbravadores.

Em 1980 o CNPSe foi transformado em Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê (CNPSe). Em atenção às mudanças nos cenários regional e nacional, decidiu-se, em 1989, unificar as Unidades Uepae-Manaus e CNPSe, nascendo o Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Ocidental, ou simplesmente Embrapa Amazônia Ocidental.

A partir de 1994, tive o privilégio de integrar a equipe da atual Embrapa Amazônia Ocidental, vinte anos depois da criação da Embrapa, desenvolvendo atividades de pesquisas e de administração científica como chefe-adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento (2006-2017) e depois como chefe-geral (2017–2019).

Trazer o passado para o presente, apresentar às novas gerações os ricos relatos de como se realizava a investigação científica com poucos recursos tecnológicos e tentar ajudar a determinar os rumos da pesquisa agropecuária na região é o objetivo deste livro. As histórias da fase pré-Embrapa, narradas por diversos empregados, entre pesquisadores e técnicos, que dedicaram parte da sua juventude à pesquisa, são uma viagem ao passado sem deixar de refletir sobre o futuro. São modelos importantes a inspirarem estudantes de ciências agrárias, técnicos, pesquisadores e historiadores a perseguirem o ideal da ciência superando dificuldades. São inspirações de idealismo e força de vontade de homens e mulheres na busca de sonhos e esperanças e no encontro de soluções para ajudar no desenvolvimento da agricultura regional.

Boa leitura!

Celso Paulo de Azevedo
Chefe-Geral Interino



Prefácio

A fundação da Associação Philomática, que seria o embrião do futuro Museu Paraense Emílio Goeldi, pelo mineiro Domingos Soares Ferreira Penna (*1818–†1888), em 6/10/1866, anterior, portanto, à criação do Instituto Agrônomo de Campinas, em 1870, mostrava o interesse que a criação de uma instituição de pesquisa na Amazônia despertava.

O ensino agrícola na Amazônia é anterior à pesquisa agrícola e tem origem na Escola Universitária Livre de Manaus, fundada em 17/1/1909 (anterior à Universidade do Paraná, em 1912), com a fundação da Escola Média de Agricultura. Em 26/2/1912 foi transformada em Escola Agrônoma de Manaus, diplomando a primeira turma de três agrônomos em 1918. Essa escola, que fechou em 1943, teve entre seus brilhantes alunos o amazônense de Benjamin Constant Frederico de Menezes Veiga (*1911–†1974), formado em 1936, o qual daria nome ao prêmio máximo da Embrapa.

Em Belém, no dia 1º/3/1918, era criada a Escola de Agronomia do Pará, ampliada no ano seguinte para Escola de Agronomia e Veterinária do Pará, que perdurou até 1941. O ensino agrícola na Amazônia só foi retomado em 17/4/1951, quando iniciaram-se as atividades da Escola de Agronomia da Amazônia, em Belém, atual Universidade Federal Rural da Amazônia, fun-

dada pelo primeiro diretor do Instituto Agronômico do Norte (IAN), Felisberto Cardoso de Camargo (*1896–†1977).

O início da pesquisa agrícola na Amazônia pode ser tomado como origem em 1907, quando o senador José Ferreira Teixeira (*1865–†1944) criou a Estação Experimental de Igarapé-Açu, localizada à margem da Estrada de Ferro Belém-Bragança (1908–1967), considerada como a fronteira agrícola da época. Outros esforços foram realizados pelo governo do estado do Pará e pelo Museu Paraense, ao criar a Estação Agrícola Experimental de Peixe-Boi, para o fornecimento de mudas e plantas econômicas, em 1900, e do Campo Experimental de Tracuateua, em 1925, com arquitetura inglesa, para dar apoio à produção de fumo e feijão.

A pesquisa agrícola oficial concretizou-se em 4 de maio de 1939, quando o presidente Getúlio Vargas (*1882–†1954) criou o IAN, entregando ao agrônomo Enéas Calandrini Pinheiro (*1880–†1945) a tarefa da sua instalação, tendo Felisberto Cardoso de Camargo como seu primeiro diretor (1941–1952). A área de abrangência do IAN, no período 1939 a 1969, como capitania hereditária compreendia os estados do Amazonas, Pará, Acre, Maranhão e Piauí e os territórios federais de Roraima, Rondônia e Amapá. Com a criação, em 15/5/1969, do IPEAAO, pelo Ministro da Agricultura Ivo Arzua Pereira (*1925–†2012), delimitou-se a área desse Instituto para os estados do Amazonas e Acre e os territórios federais de Roraima e Rondônia, e a área do Ipean para os estados do Pará e Maranhão e o território federal do Amapá.

A pesquisa agrícola não oficial com caráter experimental ocorreu com a implantação do plantio de seringueiras na região de Santarém, por Henry Ford (*1863–†1947) em 1927, com os imigrantes japoneses, que se instalaram em Tomé-Açu, em 1929, e em Parintins, em 1931. Ambos os municípios, respectivamente, tiveram como saldo a implantação das lavouras de pimenta-do-reino e de juta, que modificaram a agricultura regional. Destacam-se: a contribuição que os primitivos habitantes da região legaram na domesticação da mandioca, no conhecimento sobre frutas nativas, medicinais, aromáticas, corantes, tóxicas, técnicas de caça e pesca, entre outros; o papel dos migrantes nacionais e externos, promovendo a transferência e sua adaptação de tecnologias dos seus locais de origem. O movimento inverso também ocorreu, com graves prejuízos para a economia local.

Pretende-se, portanto, com este ligeiro encarte histórico, realçar a importância da ampliação da fronteira do conhecimento científico e tecnológico na região. A redução de desmatamentos e queimadas, a transição florestal, a redução do passivo ambiental, a geração de emprego e renda, a garantia de segurança alimentar, de novas alternativas produtivas, entre outras, irão depender de maiores investimentos em C&T focados na resolução dos problemas.

Há um futuro brilhante para a pesquisa agrícola e para os pesquisadores independentemente da atual crise. Foco, determinação e busca dos objetivos planejados para o longo prazo constituem caminho favorável ao sucesso. É um caminho que exige paciência, sorte e persistência rumo à pesquisa de soluções para os produtores. Esperamos que este livro sirva para estimular os jovens pesquisadores na busca desses objetivos.

Lindomar de Jesus de Sousa Silva
Pesquisador da Embrapa Amazônia Ocidental

Alfredo Kingo Oyama Homma
Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental



Sumário

13 **Introdução**

17 **Um Pouco da História do IPEAAOc**

29 **Entrevista**

37 **Biografias**

85 **Depoimentos e Recordações**

135 **Mensagem aos Pesquisadores do Amazonas**

137 | **Publicações IPEAAOc**

143 | **Fotos Históricas**

165 | **Anexos**



Introdução

Em maio de 2019, comemoraram-se cinquenta anos da criação do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), por meio do Decreto nº 104.492, de 15 de maio de 1969, hoje Embrapa Amazônia Ocidental. Trata-se de um marco para a pesquisa agropecuária no estado do Amazonas, considerando que tal iniciativa contribuiu para apoiar a agricultura regional e garantir a ocupação da região baseada na doutrina do “vazio a ocupar” e de segurança e desenvolvimento, defendida pelos governos militares. Em 1970, quando as primeiras imagens de satélite foram divulgadas, a área desmatada representava apenas 14 milhões de hectares, ou 2,9% da Amazônia, em contraste com mais de 76 milhões de hectares, ou mais de 18% da Amazônia, em 2018.

A criação do IPEAAOc ocorreu sem alarde, em um momento de grande entusiasmo para a população manauara, que tinha na criação da Zona Franca de Manaus (ZFM), em 1967, a esperança de impulsionar o desenvolvimento do Amazonas. Nesse mesmo período, o setor agropecuário passava por uma crise e buscava alternativa ao extrativismo da borracha no pós-Segunda Guerra Mundial, ao extrativismo do pau-rosa e da castanha e ao início dos estertores da lavoura de juta, principal cultivo do estado na época.



Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc).

Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental.

O IPEAAOc nasceu com a missão de contribuir para o desenvolvimento do meio rural da Amazônia Ocidental, que incluía, além dos estados do Amazonas e Acre, os territórios de Rondônia e Roraima, com a proposta de formulação de tecnologia e inovação visando solucionar problemas básicos da agricultura amazônica, reduzir a dependência de importação de alimentos e criar alternativas econômicas.

Imbuída do espírito inovador, a pequena equipe do IPEAAOc era formada por engenheiros-agrônomo vindos principalmente dos estados do Pará, Maranhão e Minas Gerais, graduados, principalmente, e egressos da Escola de Agronomia da Amazônia. Isso contrastava com a vinda maciça de agrônomos formados pela Universidade Federal de Viçosa, MG, para a Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas (Acar-AM), que tinha sido fundada em 1966.

O primeiro trabalho divulgado pelo IPEAAOc foi o Boletim Técnico intitulado “Solos do Distrito Agropecuário da Suframa: (Trecho: Km 30 - Km 79 - Rod. BR-174)”, produzido por RODRIGUES, T. E.; MORIKAWA, I. K.; REIS, R. S. dos; FALESI, I. C, todos do quadro do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean). Esse boletim foi feito sob encomenda para atender à Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), em 1971. Foi a primeira publicação de um total de 34, no período de 1971 a 1973, envolvendo estudos relacionados a solo, seringueira, pastos e capim, juta, guaraná, rebanho bovino, herbicida e culturas alimentares

– como milho, arroz e feijão –, além de um conjunto de relatórios técnicos e de atividades desenvolvidas nos campos experimentais de Manaus, Tefé, Roraima, Rondônia e Acre.

A presente obra tem como objetivo resgatar a história do IPEAAOc, suas publicações técnicas e relatórios de atividades. Compõe-se de pequenos textos históricos e biográficos, de documentos e registros fotográficos que dão vida à história do Instituto, priorizando-se os atores que dele fizeram parte.

É importante ressaltar que ela foca um período da pesquisa agropecuária no Amazonas compreendido entre os anos de 1969 a 1973, ou seja, da fundação do IPEAAOc até a implantação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em 1974. Toda a história posterior a esse período, portanto, deve ser objeto de pesquisa futura. Com a extinção do IPEAAOc o estado do Amazonas ganhou duas instituições de pesquisa: o Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira, por meio da Deliberação da Diretoria nº 098/74, de 16 de abril de 1975; e a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Manaus (Uepae de Manaus), pela Deliberação da Diretoria nº 028/75, de 13 de junho de 1975.

Temos consciência de que o material coletado apresenta ainda muitas lacunas, mas acreditamos que tais omissões involuntárias sejam preenchidas a partir desta publicação, ou seja, outras informações que enriqueçam este livro serão bem-vindas.

Esta publicação está organizada em sete partes. Na primeira parte faz-se uma abordagem sobre a história do IPEAAOc, por Lindomar de Jesus de Sousa Silva e Alfredo Kingo Oyama Homma. Na segunda parte, uma entrevista com Luiz Fernando Monteiro, primeiro diretor do IPEAAOc, responsável por construir as bases da pesquisa agropecuária entre 1969 e 1974.

A terceira parte é composta por textos biográficos de pesquisadores e técnicos que iniciaram a carreira no IPEAAOc, entre eles: Acilino do Carmo Canto, Afonso Celso Candeira Valois, Alba Luci Machado da Silva Rego, Alfio Celestino Rivera Carbajal, Alfredo Kingo Oyama Homma, Antônio Francisco de Souza, Aurora de Araújo Leite, Fernando Antônio Araújo Campos, João Maria Japhar Berniz, José Carlos Nascimento, Leopoldo Brito Teixeira, Luiz Carlos de Almeida, Luiz Fernando Monteiro, Luiz Januário Magalhães Aroeira, Maria Pinheiro Fernandes Corrêa, Paulo Iemini de Resende, Robert

Tatsuo Nakajima e Walda Correia do Santos. É evidente a ausência de muitos nomes, em razão principalmente do tempo, da distância, da dificuldade de comunicação. Porém esperamos, com este livro, ter iniciado um processo, e que muitas outras biografias e informações venham se juntar às atuais.

Na quarta parte encontram-se os depoimentos: *Minhas Recordações da Fase Pré-Embrapa e como Estudante de Agronomia*, de autoria de Afonso Celso Candeira Valois; IPEAAOc (1971-1973): lembranças de um período, de Alfredo Kingo Oyama Homma; IPEAAOc (1971-1973): um pequeno recorte da sua história, de João Maria Japhar Berniz; IPEAAOc (1971-1973): janeiro de 1972 a dezembro de 1973, de Leopoldo Brito Teixeira; e IPEAAOc (1971-1973): ricas lembranças e grandes desafios, de Maria Pinheiro Fernandes Corrêa. A quinta parte traz uma mensagem de Luiz Fernando Monteiro aos pesquisadores do Amazonas. Esse conjunto de textos nos remete a um período distante, apresenta motivações e desafios para o desenvolvimento da pesquisa na região Amazônica.

Na sexta parte desta publicação encontram-se informações diversas, como a lista de publicações, imagens de documentos, como notas técnicas e relatórios e outros documentos da época, que são fundamentais como instrumentos para observar a história em seus detalhes.

Na última partem há um conjunto de fotografias históricas e imagens dos funcionários do IPEAAOc; outros documentos (Anexo), além da lista de empregados à época. Algumas fotos não remetem ao período de 1969 a 1974, porém são registros de pesquisadores e demais funcionários desenvolvendo atividades que iniciaram no IPEAAOc e que são retratos de acontecimentos e trabalhos relacionados à pesquisa agropecuária. Talvez seja essa a maior reunião de imagens das décadas de 1960 e 1970 da pesquisa agropecuária no Amazonas.

Entregamos, assim, uma obra aberta a contribuições, com forte desejo de que ela seja mais do que um olhar para o passado, que seja uma possibilidade de renovar a esperança, aperfeiçoar estratégias e fortalecer o compromisso da pesquisa agropecuária com o desenvolvimento rural, como condição de consolidar produção com maior sustentabilidade. Trata-se de um civismo institucional e de uma prestação de contas à sociedade.

Um Pouco da História do IPEAAOc

Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc): Alguns Aspectos da Nossa História¹

Lindomar de Jesus de Sousa Silva
Alfredo Kingo Oyama Homma

Esta publicação tem como objetivo comemorar o cinquentenário da criação do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), que hoje representa a Embrapa Amazônia Ocidental, fundado na ebulição da Zona Franca de Manaus, quando a obtenção de bens importados considerados luxos da época (relógios Seiko, caneta Cross, pasta Samsonite, perfumes, fitas cassete, rádios para carros, etc.) justificava a necessidade de deslocamento para a cidade de Manaus. O setor primário do estado do Amazonas ainda sofria com os estertores da decadência do extrativismo da borracha, da lavoura da juta dando sinais de declínio (Instituto de Pesquisa Agropecuária da Amazônia Ocidental, 1973; Monteiro et al., 1973), da pecuária criada em marombas, da dependência proteica sadia do peixe, do guaraná semiextrativo com capacidade de atender o mercado nacional e da incipiente agricultura de abastecimento.

O cosmopolitismo provocado pela Zona Franca de Manaus promoveu a migração rural urbana, o aumento do fluxo turístico, da demanda por frutas,

¹ Informações fornecidas pelos engenheiros-agrônomo Luiz Carlos de Almeida e Afonso Celso Candeira Valois e pela jornalista Lea Ângela Assis Cunha.

verduras e ovos, gêneros de primeira necessidade, entre outros, supridos por importações nacionais ou externas. Revivendo o fausto do passado, importavam-se leite em pó e biscoitos do exterior, tomate do Sul e Sudeste, e, sem nenhuma preocupação ambiental, araras, papagaios e quelônios eram levados em aviões.

A primeira metade do século XX foi marcada por uma clara tentativa de o estado brasileiro incentivar a geração de tecnologias autóctones na Amazônia e assim superar os grandes problemas sociais, econômicos e ambientais presentes na região. É com esse intuito que são criados o Instituto Agrônomo do Norte (IAN) em 1939, a Escola de Agronomia da Amazônia em 1951, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) em 1954, a Universidade Federal do Pará em 1957, que seria seguida de outras universidades federais e estaduais, e a entrada da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceploc), em 1965, na região (Homma, 2013).

É importante ressaltar que, em Manaus, já existia o ensino agrícola na Escola Universitária Livre de Manaus, criada em 17 de janeiro de 1909, considerada a mais antiga do Brasil, com a fundação da Escola Média de Agricultura em 26 de fevereiro de 1912, que depois passou a ser Escola Agrônoma de Manaus, que formou sua primeira turma em 1918. Entre seus brilhantes alunos destaca-se Frederico de Menezes Veiga (*1911–†1974), natural de Benjamin Constant, que contribuiu para aumentar a produtividade da cana-de-açúcar no País, levando-o à posição de maior produtor mundial e grande exportador de açúcar.

Na linha histórica da pesquisa agropecuária oficial, encontra-se a criação do IPEAAOc, em 12 de maio de 1969, por meio do Decreto nº 64.492, publicado no Diário Oficial do dia 15 do mesmo mês e ano, que marca o início da independência oficial da pesquisa agropecuária na Amazônia Ocidental, antes vinculada ao Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), sediado em Belém, que tinha jurisdição sobre os estados do Amazonas e Acre e sobre os territórios federais de Roraima e Rondônia. O IPEAAOc era parte de um conjunto de nove institutos distribuídos em todo o território nacional.

O IPEAAOc, com sede na cidade de Manaus, mais precisamente na AM-010, no famoso “Km 30”, situava-se encravado em 16.570.614 m² de mata virgem. A estrutura inicial comportava os escritórios para os pesqui-



Institutos de Pesquisa Agropecuária Federal do Ministério da Agricultura.

Fonte: Instituto de Pesquisa Agropecuária da Amazônia Ocidental (1973, p. 5).

sadores e funcionários da administração, uma pequena biblioteca, além da garagem e de uma oficina mecânica.

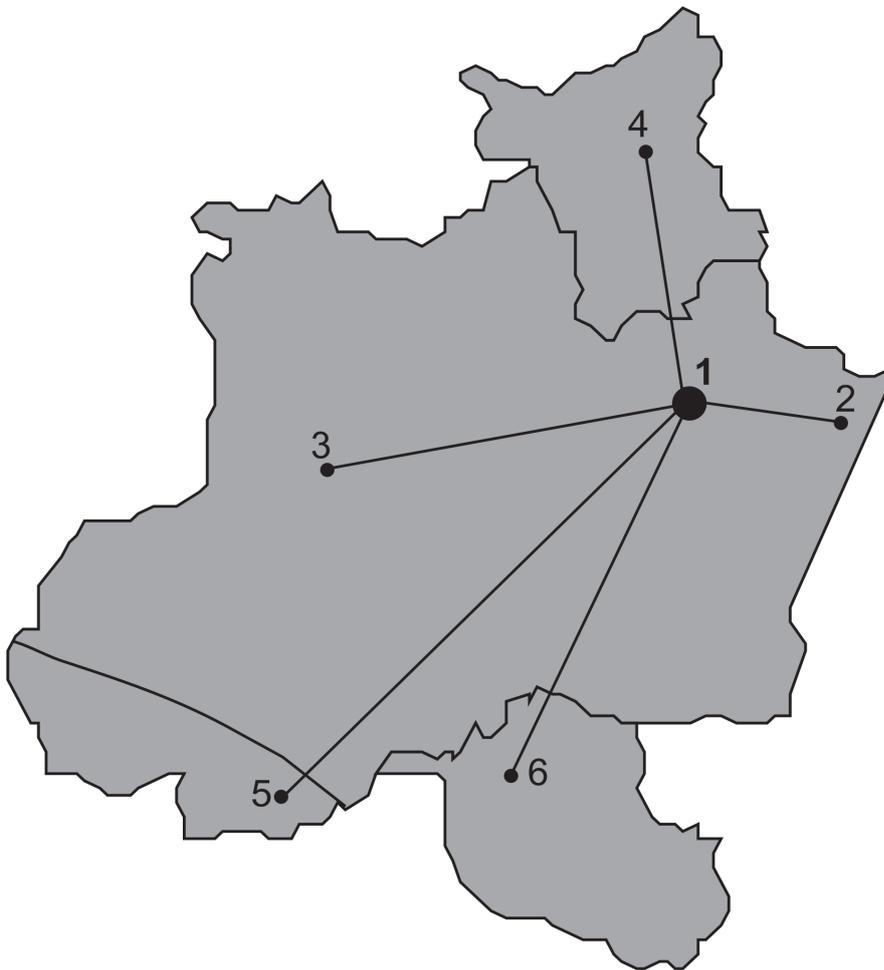
Os principais equipamentos do IPEAAOc eram “um velho trator de rodas, chamado de bodinho, equipado com arado, grade e roçadeira” (Valois, 2018); um caminhão e uma Kombi que fazia o transporte da equipe; e depois uma Rural Willys, que passou a transportar a Chefia.

O Instituto tinha um corpo técnico formado por menos de uma dúzia de pesquisadores e agentes administrativos. Homma (2015, p. 73) diz que em 1971 “havia apenas três pesquisadores com mestrado, em toda a Amazônia Legal, que se dedicavam à pesquisa agrícola”. No IPEAAOc tinha o Acilino do Carmo Canto (*1941–†2018), que constituía um troféu para assegurar

recursos da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) e da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam).

É nesse ambiente que um grupo de pesquisadores do IPEAAOc, retirados do cordão umbilical do Ipean, começava a delinear as ideias que pudessem promover o desenvolvimento da agricultura no estado do Amazonas.

Localizado entre os Km 27 e 32 da margem esquerda da Rodovia Torquato Tapajós², zona rural da cidade de Manaus, o IPEAAOc possuía uma rede de seis estações experimentais: duas localizadas no estado do Amazonas, nas cidades de Maués e Tefé; uma localizada no município de Rio Branco, Acre; e mais duas nos territórios federais de Roraima e Rondônia.



Localização dos campos experimentais do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc).

Fonte: Instituto de Pesquisa Agropecuária da Amazônia Ocidental (1973, p. 6).

² Segundo Gomes (2015, p. 1), “projetada como Estrada AM-1, depois passou a AM-010 e, quando inaugurada, foi batizada de Rodovia ‘Torquato Tapajós’ em alusão ao engenheiro amazonense Torquato Tapajós (*1853–†1897)”. Disponível em: <https://www.franciscogomesdasilva.com.br/am-010-a-pioneira/>.

O relato de Afonso Celso Candeira Valois, que atuou como vice-diretor, aponta que, no período de existência do IPEAAOc, foram organizados o Campo Experimental do Caldeirão, que possuía os dois ecossistemas que caracterizam o ambiente amazônico: terra firme e várzea; o Campo Experimental de Itacoatiara; a Estação Experimental de Maués; e a Estação Experimental de Tefé. Foram instalados também pequenos campos experimentais em Autazes, Manacapuru e Uruará. Esse último voltado à pesquisa com juta.

No estado do Acre e nos territórios federais de Roraima e Rondônia, com auxílio da Delegacia Estadual do Ministério da Agricultura (Dema), foi organizado um conjunto de experimentos a partir de 1968. Entre os experimentos estavam principalmente os helmintos e viveiros de gramíneas e leguminosas nativas e exóticas. Para Valois (2018), o apoio de instituições como a Dema, em Roraima, permitiu que fossem organizadas “várias equipes, inclusive com a participação de valorosos técnicos agrícolas, mestres rurais e operários rurais”. Para o vice-diretor, “as dificuldades enfrentadas eram muitas, porém plenamente contornadas com sucesso, daí os vários resultados auspiciosos de pesquisa que foram obtidos”.

Em 1969 e 1970, o IPEAAOc inclui em seu portfólio: Phaseolus, guaranazeiro, milho, juta, gramíneas e cacauzeiro, além da criação de bovinos e o estudo de fertilidade do solo. Nos anos de 1971 a 1973, passa a constar nos registros a pesquisa com mandioca, seringueira, pimenteira-do-reino, pastagem, além de gramíneas e leguminosas indígenas e exóticas. Nesse período havia um experimento voltado a testar a cultura da soja em frente à sede do IPEAAOc, conduzido por Luiz Carlos de Almeida e Antônio Augusto da Silva Costa. Uma curiosidade é que o experimento com soja despertou o interesse dos colonos japoneses da comunidade localizada próximo ao IPEAAOc, principalmente porque era uma comunidade muito produtiva, com produção de mamão, tomate, repolho e pimentão e aves (Brasil, 1973). Essa comunidade, situada às margens da Rodovia AM-010, vislumbrou, com base na observação do experimento, a possibilidade de plantar soja e produzir molho de soja, o shoyu, um tempero raro na época, assim como produzir ração para a criação de frangos, atividade presente até os dias atuais.

Em 1968 há registro de estudos na Estação Experimental de Roraima, Acre, Porto Velho e Tefé com helmintos, como também de viveiros de gramíneas e leguminosas nativas e exóticas.

A pesquisa agropecuária desenvolvida na sede estava concentrada em aspectos como adubação, época de plantio, avaliação de cultivares, melhoria do sistema produtivo, espaçamento, manejo, variabilidade, avaliação de cultivares e variedades e sistema de custo, entre outros.

O Campo Experimental de Maués, desde 1970, concentra sua ação de pesquisa na cultura do guaranazeiro. Um agrônomo que se formou na Bolívia, chamado Vitor Nogueira, que não conseguiu revalidar o seu diploma, era o encarregado das atividades. Iniciou com a produção de sementes, avançando para a elaboração de um sistema de cultivo, no período de 1971 a 1972, e estudo da fertilidade e fertilização em 1973.



Base física do Campo Experimental de Maués (galpão de adubos).

Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental.

Na Estação Experimental do Acre e de Roraima, há registros de experimentos em 1968 com arroz de sequeiro como principal cultura estudada, principalmente nos aspectos relacionados a processo produtivo, competição, formação de coleção e produção de semente. Nos relatórios do IPEAAOc dos anos 1970, há referências a experimentos de produção de sementes de juta em Manacapuru, Urucará e Careiro.

Foram muitas ações de pesquisa desenvolvidas ao longo do tempo por pesquisadores do IPEAAOc. As pesquisas focaram nos principais produtos amazônicos com alta demanda pela população e com grande potencial de gerar renda e emprego no meio rural, como a seringueira, o guaranazeiro, a juta e culturas alimentares, principalmente arroz, feijão e mandioca. Unidades Demonstrativas foram instaladas em municípios como Autazes, Manacapuru e Urucará, entre outros, e desta forma a pesquisa chegava, mesmo que timidamente, aos agricultores que desenvolviam suas atividades nos dois principais ecossistemas da região: terra firme e várzea.

Além das culturas vegetais, o IPEAAOc pesquisava formas de impulsionar a produção animal, principalmente com a caracterização do rebanho e manejo de novilhas leiteiras criadas em terra firme. Os pesquisadores do IPEAAOc também realizaram avaliação de plantas forrageiras, buscaram estabelecer métodos de conservação de forragens, competição entre gramináceas tropicais para formação de pastagens. Com capim-elefante (*Pennisetum purpureum* Schum) foram realizados estudos comparativos entre as variedades existentes e técnicas de manejo adequadas e o custo de formação de pastagem e capineiras na região. A busca por uma tecnologia apropriada à região levou os pesquisadores a desenvolverem a coleta de informações em pastagens nativas, onde eram criados os rebanhos.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas pelos pioneiros da pesquisa agropecuária no Amazonas, como as distâncias, os poucos recursos financeiros e a infraestrutura, os relatos mostram que existia grande energia entre os pesquisadores e instituições da época. Segundo Valois, havia grande pressão sobre o setor primário, principalmente relacionada aos temas: várzea, culturas alimentares, solo, juta. Na década de 1970, a produção de juta e malva era a principal atividade econômica do interior do Amazonas, ocupando cerca de 25 mil agricultores (Noda, 2010).

Na época, uma das primeiras contribuições do IPEAAOc, por demanda do setor de fibras, foi um estudo sobre descorticação mecânica das fibras de juta, em conjunto com a Dema e a Comissão de Desenvolvimento Econômico do Estado do Amazonas (Codeama) (Valois; Homma, 1972).

Em todos os processos de pesquisa, como um núcleo irradiador, o IPEAAOc fortaleceu parcerias, compartilhando e aperfeiçoando técnicas e metodologias. Assim foi o trabalho com juta como também o de levantamento de solos realizado com o Ipean e a GTZ (alemã), parceira que permaneceu

nas pesquisas com animais. Com a GTZ foram realizadas pesquisas de campo, montagem e funcionamento dos laboratórios do IPEAAOc.

As parcerias com outras instituições, além de permitirem a ampliação de pesquisas, aprimoraram metodologias e também contribuíram para a criação de uma infraestrutura adequada. Foi por meio da Secretaria de Produção Rural do Amazonas (Sepror) que o IPEAAOc adquiriu seu primeiro Jeep de quatro portas que, em tempos em que os transportes público e privado eram escassos, serviu para transportar a Chefia e os funcionários até o Km 30, já que até então o Instituto contava apenas com um caminhão e uma Kombi, que transportava pesquisadores e agentes administrativos. Como lembra a datilógrafa Aurora, responsável pela datilografia dos documentos dos grupos de pesquisa sobre animais³, “quando eu comecei a trabalhar no IPEAAOc, a gente vinha de caminhão, as mulheres na parte da frente, depois apareceu uma Kombi, mas essa Kombi dava a volta na cidade, e a Chefia vinha numa Rural Willys”.

Outro apoio essencial foi do secretário da Sepror à época, Dr. José Sílvio de Souza, disponibilizando um escritório no Bairro do Aleixo, espaço utilizado como sede administrativa, principalmente devido à distância e dificuldade de realizar a administração a partir do Km 30.

Com a Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas (Acar-AM) foi ampliado o trabalho em campo, com a montagem de Unidades Demonstrativas e de Observação e a realização de dias de campo aos agricultores, em diversos municípios do estado do Amazonas.

No âmbito dos institutos federais, para Celso Valois, o IPEAAOc manteve grande articulação com o Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Leste (Ipeal), que atualmente é a Embrapa Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas, BA, na pessoa de Paulo Iemini de Resende. Segundo Valois, “certa vez em reunião realizada em Brasília (DF), esses dois institutos receberam menção especial, pois foram os únicos que exerceram magnificamente essa muito bem-vinda articulação, estando o extensionista em constante interação com os seus colegas pesquisadores e com os nobres produtores rurais. Realmente prosperaram!”.

³ O grupo inicial de pesquisas animais era formado por Acilino do Carmo Canto, Fernando Antônio Araújo Campos e José Clodoveu Medeiros, que depois foi chefe da Delegacia Estadual do Ministério da Agricultura (Dema), mais tarde da Delegacia Federal de Agricultura.

Foi em decorrência de sua boa relação institucional que a Embrapa iniciou a organização de uma das mais importantes bibliotecas com informações agropecuárias da Amazônia. Essa biblioteca iniciou seu acervo com a doação de importantes livros técnico-científicos realizada pela Biblioteca da Escola Nacional de Agronomia (ENA), com a intervenção do Instituto de Pesquisa Agropecuária do Centro-Sul (IPEACS), devido a uma eficaz atuação “in loco” do pesquisador Celso Valois.

O trabalho desenvolvido no IPEAAOc foi realizado com grande dificuldade, porém os primeiros pesquisadores resistiram, foram valentes. Faltavam muitas coisas, a começar pelo restaurante, compreendido aqui como um espaço apropriado para fornecer a alimentação aos pesquisadores, agentes administrativos e profissionais de campo. Em seu depoimento, o pesquisador Homma lembra que a jornada de trabalho iniciava às 6h30, com a saída de casa, e encerrava às 17h com o retorno, e, durante esse tempo, a principal refeição do dia, o almoço, tinha como base arroz, feijão, linguiça em lata, fatias de tomate e farinha, preparada pela esposa de um motorista, em uma cozinha improvisada embaixo de uma árvore, próximo ao prédio do IPEAAOc. Pelo fato de serem jovens, na maioria solteiros, com reduzida informação, característica na época, tais quais crianças que aprendem que o fogo queima quando sofrem a primeira queimadura, eram mais propensos a assumir riscos e à adoção do processo de erro e acerto.

Como diz Luiz Carlos de Almeida, o período do IPEAAOc era uma “época de muitas carências, de pioneirismo”, de “sair” de Manaus para fazer sua pesquisa em campo, e ter de enfrentar dificuldades relacionadas à manutenção dos experimentos em campo, devido à carência de mão de obra.

Os resultados de todo esse processo foram os principais ingredientes e a base para o desenvolvimento da pesquisa agropecuária. Entre os resultados de pesquisa da época, destacam-se os mecanismos de floração e frutificação do guaranazeiro (*Paullinia cupana* var. *sorbilis*), um arbusto amazônico simbólico para populações tradicionais da região, com forte demanda pela indústria de refrigerantes e outros segmentos produtivos. A pesquisa iniciada no IPEAAOc fez parte do começo da jornada dos pesquisadores da região Amazônica, a qual possibilitou a disponibilidade de tecnologias para o cultivo do guaranazeiro em escala comercial, com cultivares de alta produtividade e resistentes a doenças. Atualmente são 19 cultivares disponíveis aos agricultores da região.

Além do guaranazeiro e da juta, culturas com ampla demanda pela indústria, há no rol dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos no IPEAAOc os testes com variedades de cana-de-açúcar e soja. Foi implantada uma área de dendezeiro com mudas formadas a partir de sementes híbridas Tenera x Psifera, ao lado da sede, no Km 30, pelos agrônomos Luiz Carlos de Almeida e Afonso Celso Candeira Valois, objetivando futuros experimentos em solos de terra firme. Na égide do então Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê (CNPDS), hoje Embrapa Amazônia Ocidental, foi implantado o Campo Experimental do Rio Urubu, no município de Rio Preto da Eva, AM, onde encontram-se o Banco Ativo de Germoplasma (BAG) de dendezeiro de origem africana (*Elaeis guineensis*) e dendezeiro da região Amazônica, chamado de caiaué (*Elaeis oleifera*), e atualmente plantios de cultivares como a BRS-Manicoré, híbrido resultante do cruzamento entre as duas espécies (dendezeiro africano e caiaué).

Outra cultura que teve suas pesquisas iniciadas nas décadas de 1960/1970 foi a seringueira, que remonta ao tempo do Ipean, no município de Itacoatiara. O pesquisador Valois (2019) lembra que, no Campo Experimental do Km 30 da AM-010, existia um experimento de aproximadamente 3 hectares de competição de clones de seringueira. Isso antes da implantação do CNPDS. Nesse campo eram realizadas as pesquisas de melhoramento genético, fitopatologia, entomologia, nutrição e adubação, testes de equipamentos de pulverização, etc.

As inúmeras atividades de pesquisa realizadas no Km 30, segundo Valois, fizeram com que essa área experimental recebesse a “denominação carinhosa de Tudo Eu”. Ele lembra que, em uma de suas viagens realizadas a Belém, conseguiu “1.000 sementes pré-germinadas de dendezeiro junto à Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e Secretaria de Estado da Agricultura do Pará”, genótipos que deram surgimento ao pré-viveiro e viveiro conduzidos ainda sobre a institucionalidade do IPEAAOc, e que depois contribuíram para o início da pesquisa com a palma do CNPDS.

Com a Ceplac / Centro de Pesquisas do Cacau (Cepec) foi realizado experimento com a cultura do cacaueteiro, sendo instalada uma Unidade de Observação no Km 30 pelo falecido José Carlos Nascimento (*1943–†2017). Segundo Valois foi montado um experimento “inédito sobre a seleção de genótipos de cacaueteiros sem o teste usual de progênies” e do cultivo de ca-

caueiro na mata, com os resultados publicados posteriormente pela Revista PAB, com autoria de Valois e José Carlos Nascimento⁴.

Portanto, construir a história do IPEAAOc é estabelecer uma importante conexão com a história, valorizar as estratégias de consolidar pesquisas com culturas industriais, fortemente demandadas pelo mercado, capazes de influenciar a geração de divisas e como culturas importantes para garantir a segurança alimentar da população da região. Visualizar a história do IPEAAOc é compreender que, na Amazônia, a pesquisa agropecuária tem dupla missão: contribuir com a dinâmica de desenvolvimento de culturas industriais, ampliando a capacidade de transformar os recursos agrícolas da região em produtos que impulsionem o crescimento, como também atender as carências da população amazônica, dotando-as de tecnologias que garantam a produção de alimento para segurança alimentar, geração de renda e que favoreça o desenvolvimento de comunidades amazônicas.

Referências

BRASIL. Ministério da Agricultura. Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária. **Relatório de atividades de pesquisa agropecuária desenvolvidas através do Convênio IPEAAOc/SUFRAMA**. Manaus: IPEAAOc, 1973. 17 p.

HOMMA, A. K. O. **História da agricultura na Amazônia**: da era pré-colombiana ao terceiro milênio. 2. ed. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2013. 274 p. E-book.

INSTITUTO DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL. **Relatório de Estudo de Viabilidade Técnico-Econômica para Produção de Sementes de Juta no Estado do Amazonas**. Convênio FFAP/IPEAAOc/DEMA-AM. Manaus, 1973.

MONTEIRO, L. F.; HOMMA, A. K. O.; SOUZA, N. A. **Considerações sobre a produção de sementes de juta (seu centro produtor na Amazônia)**. Manaus: IPEAAOc, 1973. (Circular, 7).

NODA, S. do N. Agricultura familiar amazonense: mobilidade e relações de trabalho na produção de juta e malva. In: WITKOSKI, A. C.; FERREIRA, A. da S.; HOMMA, A. K. O.; FRAXE, T. de J. P. (Org.). **A cultura de juta e malva na Amazônia Ocidental**: sementes de uma nova racionalidade ambiental? São Paulo: Editora Annablume, 2010.

VALOIS, A. C. C.; HOMMA, A. K. O. **Análise econômica da descorticação mecânica na cultura da juta**. Manaus, IPEAAOc, 1972. 41p. (Boletim Técnico, 2).

⁴ Segundo Valois e Nascimento (1986), a "condição de solos distróficos na Terra Firme do Amazonas não permitiu o sucesso da cacaucultura no Amazonas, diferente do ocorrido em Rondônia, que possui excelentes solos de terra roxa estruturada".

VALOIS, A. C. C. ; NASCIMENTO, J. C. Estimativa de parâmetros genéticos em cacauero sem utilização de testes de progênies. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 21, n. 9, p. 965-970, set. 1986.

Entrevista

Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro¹

Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro nasceu em Alenquer, Pará, no Baixo Amazonas, em 10 de setembro de 1937. Formou-se em Agronomia pela Escola de Agronomia da Amazônia em 1961. Foi chefe de produção de sementes do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), diretor do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc) e diretor de defesa vegetal do Ministério da Agricultura, até se aposentar, em 1991, como coordenador federal de defesa vegetal da Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária, do Ministério da Agricultura (SNAD/MA).

1. Onde o senhor começou sua carreira profissional?

Eu me formei e passei dois anos tomando conta da fazenda dos meus pais. Depois entrei no Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), em 1962. Comecei meu trabalho em fitotecnia, depois

¹ Pesquisador aposentado do Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária, hoje Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

passei para assessorar a parte de genética e melhoramento de semente, e foi no que eu fiz minha vida profissional, em genética e melhoramento de semente de juta. Na época só existia um município que produzia semente de juta, e a juta era muito importante para o Amazonas. O município de Alenquer era o único produtor, distribuía para o Amazonas, e como eu estava no Ipean me designaram para trabalhar com a juta. Eu era chefe do serviço de multiplicação de juta em Alenquer, serviço que foi feito não só para fazer a pesquisa de melhoramento da semente, como também a distribuição da semente para o estado do Amazonas, gerenciando todo o plantio de semente. Então se fazia a pesquisa, o gerenciamento de toda a produção de semente, e essa semente passaria a ser distribuída para os estados do Pará e Amazonas. Eu fiquei como chefe do serviço, de 1962 ao ano de 1967. Em 1967, o Ipean recebeu a incumbência de criar uma estrutura, que viria a ser o Instituto de Pesquisa e Experimentação da Amazônia Ocidental (IPEAAOc). Foi então que, em 1967, fui para Manaus.

A estação experimental de Manaus tinha como objetivo principal a pesquisa de juta. O primeiro objetivo era ver a possibilidade de se produzir semente no Amazonas, porque a única região produtora era o Pará, onde existe terra apropriada para a semente. Eu tinha dois objetivos, primeiro tentar montar um sistema de produção dentro do estado e, ao mesmo tempo, criar a estrutura para o IPEAAOc. A essa altura, a pesquisa era subordinada ao Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária, do Ministério da Agricultura, assim o ministro da Agricultura autorizou fazer esses estudos, que foram transferidos para mim. A partir de 1967, comecei a fazer os prédios, porque a estação, na realidade, funcionava numa sala da Delegacia Federal da Agricultura, e o governo estadual então doou um terreno que hoje é a sede da Embrapa Amazônia Ocidental, no Km 30 da estrada Manaus-Itacoatiara. [...] Em 1969 já tínhamos montado uma pequena estrutura, tinha a parte administrativa, o prédio já estava quase pronto. Então, em 12 de maio do mesmo ano foi criado o IPEAAOc, por meio de decreto presidencial, e a partir daí eu comecei a ser o diretor desse Instituto.

2. Antes, quando o senhor estava em Alenquer desenvolvendo a pesquisa de juta, era vinculado ao Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Norte, que também era do órgão federal?

Sim, sempre foi do órgão federal. Foi o que deu origem à Embrapa. Hoje a Embrapa nada mais é do que os institutos de antigamente, havia vários espalhados pelo Brasil todo. Tinham os institutos do Leste, do Oeste, Centro-Oeste, cada um com seus objetivos, por exemplo: Instituto do Leste era focado mais na parte de cacau e na parte leiteira; o do Norte era o que compreendia um todo, pecuária, fitotecnia, genética e melhoramento das plantas da região Amazônica, porque só existia um instituto para toda a região.

O Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Norte comandava o estado do Pará, Amazonas, Acre, de Rondônia e Roraima. Então o Instituto de Pesquisa Ocidental passou a comandar a parte ocidental da Amazônia, e daí vieram outros estudos que não aqueles originalmente definidos para essa região, como a seringueira, o guaraná e uma série de estudos, inclusive a pecuária.

No estado do Amazonas tínhamos três estações: a de Maués, mais especificamente voltada para o guaraná; a de Manacapuru, que é a estação experimental do Caldeirão, que tinha uma parte de lavouras e pastos; e a de Tefé, que era a região do Alto Solimões, além da sede de Manaus. É claro que nós não tínhamos técnicos suficientes para isso, começamos em 1969 praticamente com quatro técnicos, quando eu saí da direção, acho que eram 12 ou 13 técnicos, entre agrônomos, veterinários e economistas. Eu estive na direção de 1969 até 1974; em março de 1974 já se tinha a Embrapa, e eu passei pouco tempo na Embrapa. Eu já tinha 22 anos de serviço público e preferi retornar ao Ministério.

3. O senhor voltou para o Ministério da Agricultura em Belém ou no Amazonas?

Em Manaus, veja bem, quando assumi o Ministério da Agricultura, eu fiquei praticamente sem função. Como eu trabalhava em pesquisa e tinha noção da parte meteorológica, fui designado pelo Departamento Nacional de Meteorologia como chefe do Distrito de Meteorologia da Amazônia,

que compreende os estados do Amazonas, Roraima e Rondônia. A partir de então fiquei como chefe do distrito até o dia em que me transferi para Goiás, tendo em vista vir para Brasília, pois eu já havia recebido vários convites desde Alenquer, mas como eu precisava ficar na fazenda do meu pai, acabei deixando para adiante. Porém, quando cheguei a Manaus, a situação mudou. Eu fiquei até 1976 ou 1977 no Instituto Nacional de Meteorologia (Inemet), como chefe do distrito, e foi quando eu conheci o Amazonas por inteiro, tive essa felicidade. Eu acho que conheço mais o Amazonas do que o meu estado do Pará, porque nós tínhamos estação em Boca do Acre, AM; Rio Branco, AC; no município de Ji-Paraná, RO; em Roraima, cuja estação ficava na fronteira com Pacaraima; tínhamos estação experimental na fronteira da Guiana Inglesa com o Brasil.

4. O senhor poderia descrever o Km 30 da estrada Manaus/Itacoatiara (onde hoje está situada a Embrapa Amazônia Ocidental) quando lá chegou?

Quando eu cheguei lá, a estrada Manaus-Itacoatiara não tinha asfalto, só uma parte era asfaltada. O Km 30 era mata virgem, não existia quase nada. A primeira providência foi demarcar o terreno que o governo deu e começamos a fazer a parte estrutural da sede, que iniciou com o levantamento do solo da estação, coordenado pelo técnico do Ipean Ítalo Claudio Falesí. Em termos de equipe, começamos com poucos, era eu, o Acilino, o Valois, Japhar... eram três ou quatro. Como foi criado o Instituto, o Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária (DNPEA) tinha feito concurso para agrônomo, veterinário e então transferiu o pessoal para nós. Veio gente do Pará, Centro-Oeste, de Goiânia, a maioria veio de fora. Usou-se esse concurso para colocar gente na estação, porque quando eu cheguei à estação quem trabalhava lá era eu, algumas pessoas da parte administrativa e um técnico agrícola para fazer a parte de campo. Depois do concurso público, montei a minha equipe, e quando saí de Manaus tínhamos bons técnicos, quando foi criada a Embrapa. Alguns técnicos foram designados para fazer especializações. Quando foi criado o Centro de Seringueira, eu já não estava mais lá. O Vicente Morais foi o primeiro chefe do Centro de Seringueira da Embrapa em Manaus e eu segui uma trajetória diferente.

5. Quais eram as suas fontes de recurso durante a administração do Instituto?

Nós tínhamos convênio com a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), com o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), o governo do estado e a verba do governo federal da própria instituição. Foi como começamos a montar toda a estrutura de pesquisa. Eu fiquei praticamente com dois trabalhos: a juta, que eu fiz com o Homma; e o guaraná, que eu fiz com o Souza.

6. Sobre o guaraná o senhor lembra qual foi o tema da investigação?

A história do guaraná, como se deu a evolução, a domesticação da planta. Tínhamos relação com a tribo indígena de Maués, e o guaraná era praticamente indígena. Depois que começamos a pesquisa sobre o guaraná, a Antarctica montou uma estação lá, em colaboração conosco. Quanto à juta, o tema era achar um lugar que produzisse semente para o estado do Amazonas, porque esse estado era dependente do estado do Pará, trabalhava-se com melhoramento genético. Um dos principais impedimentos foi o solo e o clima, porque, você sabe, a Amazônia tem vários microclimas; e dentro do Amazonas há inúmeros microclimas, por isso, infelizmente, não conseguimos. Aconteceu também que o preço da juta caiu, foi feita a fibra sintética, que derrubou a juta. Quanto à seringueira, a pesquisa envolvia a clonagem, época de corte, boas práticas, pragas.

7. Como funcionava a administração do IPEAAOc em relação ao Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária (DNPEA)?

O IPEAAOc era subordinado ao DNPEA, hoje Embrapa, era basicamente um órgão do DNPEA. Quem coordenava os institutos era o DNPEA, todo ano nós tínhamos uma reunião nacional, o diretor do Departamento elegia um dos estudos para fazer um encontro nacional, em que todo diretor fazia um relato do que tinha programado e do que foi feito, era uma prestação de contas.

8. Havia estímulo para a publicação ou participação em encontros?

Sempre teve, é claro que no início foi difícil, não apenas por problema de recursos financeiros, mas sim por uma série de dificuldades, a própria estrutura do estado, naquela época, não facilitava a publicação de um livro; e ir a outro estado não era fácil. O estado do Amazonas começou a se desenvolver depois da Zona Franca de Manaus.

9. Como funcionava a questão das publicações? O que o senhor fazia para publicar?

Nós tínhamos o boletim técnico do próprio Instituto e as publicações técnicas do DNPEA na Revista Pesquisa Agropecuária, voltada para a programação nacional, embora fosse uma programação também estadual. Então esses resultados eram todos comandados e direcionados ao boletim técnico do DNPEA. Acho que não se chamava muito bem um boletim técnico, mas era uma espécie de livro, denominado Pesquisa Agropecuária.

10. Eles também buscavam publicar com outros meios ou em outras revistas?

Sim. O Instituto tinha o boletim técnico e um jornal, mas o principal era o boletim técnico.

11. Havia parceria com universidades?

Não só com universidades, como a Universidade Federal do Amazonas, mas também com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e a Escola Técnica do Estado do Amazonas.

12. Depois de sua saída do IPEAAOc, o senhor manteve contato com a equipe de pesquisadores ou técnicos agrícolas? Como foi?

Mantive sim, mas uma relação diferente, porque quando eu saí do IPEAAOc, em meados de 1976, fui para Goiás, trabalhar na fiscalização de sementes pela Delegacia Federal da Agricultura, mas prestando consultoria em produção de sementes a empresas; o produto principal era o milho híbrido. Fiquei então na área de fiscalização de semente genética e semente básica, e foi quando tive a oportunidade de conhecer o estado de Goiás melhor do que muito goiano. Eu tinha um Fusca zero km e quando saí de Goiás para Brasília esse Fusca já tinha rodado mais de 160 mil km.

13. O senhor saiu do Amazonas para o Ministério da Agricultura em Goiás?

Sim, fui convocado para Brasília, que por sinal a minha mulher teve grande participação nessa decisão, onde trabalhei na fiscalização de fertilizantes. Primeiro eu fui designado como assessor do secretário de Defesa Sanitária Vegetal (SDSV) e comecei a trabalhar na Divisão de Fertilizantes (Dicofe) no Ministério da Agricultura. A partir daí eu peguei outras funções, fui secretário de Defesa Sanitária Vegetal, fui representante do Ministério da Agricultura, no Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), por meio do qual também tive a oportunidade de conhecer a América do Sul e o Caribe. O DNPEA coordenava a pesquisa do Brasil, o IICA coordenava pesquisa de toda a América Latina. Quando eu era diretor do IPEAAOc tinha uma reunião nacional do DNPEA; da mesma maneira quando eu fui membro do IICA, nós tínhamos uma reunião internacional nos países sul-americanos, como Peru, Guatemala, Venezuela, Colômbia, Brasil. E lá, no Ministério da Agricultura, fiquei até me aposentar como coordenador geral de Secretaria Nacional Defesa Agropecuária (SNAD).



Biografias

As páginas seguintes complementam tópicos anteriores e destinam-se a todos aqueles que desejam conhecer a trajetória da pesquisa agropecuária no estado do Amazonas. São páginas com biografias dos empregados que fizeram parte do surgimento do IPEAAOc, como pesquisadores ou profissionais de apoio à pesquisa.

Infelizmente o tempo, a distância, assim como a ausência de informações atualizadas dos empregados que passaram pelo Instituto, limitaram a inclusão de muitos relatos, biografias e memoriais dos pioneiros da pesquisa agropecuária no Amazonas. Entretanto, há, no presente capítulo, 18 biografias que possibilitam entender um pouco o período histórico, a formação dos pesquisadores e a agenda de pesquisa conduzida pelo IPEAAOc.

Nos relatos encontram-se aspectos pessoais, como a origem, a formação pessoal e acadêmica e os caminhos profissionais, apresentados de forma resumida, porém cheios de conteúdo e capazes de mostrar o pioneirismo de homens e mulheres que, em plena juventude, assumiram o desafio

de colocarem a agropecuária do Amazonas em um novo patamar, como, por exemplo, os programas de pesquisa com culturas alimentares e industriais que contribuíram para o desenvolvimento agropecuário do estado.

Os relatos são mais do que biografias. Constituem uma viagem ao passado, um convite a todos que desejam fortalecer a agropecuária como uma atividade voltada ao desenvolvimento e ao bem-estar das comunidades amazônicas a conhecer a vida daqueles que ajudaram a traçar o caminho da pesquisa agropecuária no Amazonas.



Acilino do Carmo Canto

Acilino do Carmo Canto nasceu na cidade de Óbidos, estado do Pará, em 9 de agosto de 1941, filho de Pedro Soares do Canto e Maria do Carmo Canto. Casou-se com Ana Lúcia Neiva Canto em 27 de fevereiro de 1973, na cidade de Belém do Pará, com quem teve três filhas: Ana Carolina Neiva Canto Mérel (19/5/1978), Ana Júlia Canto Rocha (16/7/1979) e Ana Paula Canto Santiago (10/10/1982).

Cursou Agronomia na Escola de Agronomia da Amazônia (1962), mestrado em Ciência Animal na Universidade Estadual da Carolina do Norte, em Raleigh, nos Estados Unidos (1966–1968), sob a orientação do Dr. Milton Bee Wise; e doutorado em Biologia (Ecologia), no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), no estado do Amazonas (1982–1989), sob a orientação do Dr. Herbert Otto Roger Schubart.

Em 1968 ingressou no Instituto de Pesquisa e Experimentação da Amazônia Ocidental (IPEAAOc). Foi coordenador dos trabalhos da Estação Experimental de Roraima, vinculada ao IPEAAOc/DNPEA-MA. Em 1972, coordenou os grupos de pesquisas animais e de pesquisas fundamentais (solos e climatologia), além de execução do Projeto Especial PL-480-IX-4/1-IPEAAOc/DNPEA: Formação e Manutenção de Pastagens em Terra Firme na Amazônia Ocidental. Depois, em 1973, fez parte da Subcomissão Regional da Amazônia, diretamente ligada à Comissão Especial de Alto Nível (Cean), para atuar na área sob jurisdição do IPEAAOc, com os seguintes objetivos: arrolar pessoal e acervo técnico; aplicar os questionários, além de ser membro da Comissão que elaborou o Relatório Básico de Diagnóstico e Diretrizes de

Pesquisa Agropecuária para o estado do Amazonas. Foi representante do IPEAAOc no Comitê de Coordenação Nacional do Programa Cooperativo do Desenvolvimento do Trópico Americano - IICA/Trópicos (1972 a 1974), foi coordenador do Grupo que propôs a reorganização da sede do IPEAAOc, em Manaus, AM, para passar a atuar como Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual - Uepae da Embrapa no Amazonas (1974). Foi chefe da Uepae/Embrapa nos períodos compreendidos entre 15 de janeiro de 1975 e 15 de março de 1976 e de 16 de junho de 1987 a 15 de agosto de 1989. Durante sua permanência na Embrapa, Acilino coordenou diversas pesquisas, destacando-se o projeto referente ao contrato Embrapa/Banco da Amazônia S.A, denominado Projeto de Melhoramento de Pastagens da Amazônia Legal – Propasto (1977–1979); a elaboração do Projeto Ocupação das Várzeas Amazônicas (PDRI-Amazonas) (1981), do projeto de pesquisa em floresta/agrossilvicultura denominado Melhoramento Genético do Jacarandá-da-Bahia (*Dalbergia nigra* Fr. Allem.) na Amazônia (1981–1982), projeto de pesquisa em floresta/agrossilvicultura Técnicas Silviculturais para Melhoria da Forma e Qualidade da Madeira de *Dalbergia nigra* Fr. Allem. na Amazônia; projeto de pesquisa Estabelecimento e Manejo de Plantas de Cobertura em Guaranazal no Estado do Amazonas, que também fez parte da sua tese de doutorado.

Em 1989, fez parte do Grupo de Trabalho designado pela Portaria nº 805/89, da Presidência da Embrapa, com o objetivo de elaborar o Projeto de Implantação do Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia (CPAA) com as linhas de atuação e áreas de abrangência do Centro; e no período de 1989 a 1990 foi chefe-adjunto técnico, designado pela Portaria Embrapa nº 746/89, com a responsabilidade de planejar, orientar, coordenar, analisar e controlar as atividades técnico-científicas de 62 pesquisadores do Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Ocidental. Foi vencedor do Prêmio Jabuti, em 1998, na categoria Ciências Naturais e Medicina, pela publicação, em coautoria, do livro Fruteiras da Amazônia, 1996, Editora Embrapa.

Acilino do Carmo Canto, um admirador das músicas cantadas por Paulo Diniz, especialmente: “E agora, José?” e “O meu amor chorou”, aposentou-se em 1996, mas, com diz sua filha Ana Carolina, “não conseguiu ficar por muito tempo em casa, sem ter alguma atividade [...] era uma pessoa muito ativa”. Trabalhou no Instituto Fundiário do Amazonas (Ifam) no período de 1995 a 1998; na Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) como gerente de projeto de desenvolvimento regional, de 1999 a 2004; na Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Fucapi), mi-

nistrando a disciplina Ecologia Geral, no curso de pós-graduação lato sensu em Meio Ambiente com Ênfase na Indústria, de 2005 a 2009. Ele também ministrou aulas em duas universidades particulares: Universidade Nilton Lins e Centro Universitário do Norte (Uninorte).

Acilino faleceu em 24 de janeiro de 2018, em decorrência de câncer. Para Nádima Campelo, que trabalhou com ele na Embrapa, “ficaram a imagem e as lembranças de um homem dedicado à esposa e à família, via como era a relação dele como pai, como filho, uma casa que sempre acolhia muitas pessoas, num ambiente de alegria. Ele conseguiu fazer suas passagens pela chefia de uma maneira muito tranquila, e o que ficou dele foi tanto o trabalho relevante como pesquisador como o ser humano que ele era, a pessoa que nos encorajava, nos incentivava, e que não se impunha em nenhum momento como um chefe autoritário, mas sim de uma maneira bem equilibrada, e acho que era essa generosidade que faz com que nós tenhamos essa imagem dele, essa sensação de que era uma pessoa especial, e que realmente faz falta na humanidade (informação verbal)¹”.

¹ Depoimento realizado por Nádima Campelo, chefe-adjunta de Administração, em 25 de maio de 2018, em homenagem a Acilino Canto, ocasião em que a família doou o acervo pessoal dele para a Biblioteca Juramir Ferreira Lima, da Embrapa Amazônia Ocidental.



Afonso Celso Candeira Valois

Afonso Celso Candeira Valois nasceu em São Luís, MA, no dia 15 de março de 1945, filho de Cândida Candeira Valois e Oscar Valois. Fez o curso primário na Escola Santa Teresinha, de 1951 a 1956; o ginásio na Escola Técnica do Comércio “Centro Caixeiral”; e o científico, sendo o primeiro ano no Colégio São Luís (1961), o segundo e o terceiro ano no Liceu Maranhense (1962–1963), todos localizados na cidade de São Luís. Coursou Engenharia Agrônômica na Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), atual Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), localizada em Belém, PA, iniciando em 1964 e formando-se em engenheiro-agrônomo em 1967. Ingressou no curso de mestrado em Genética e Melhoramento de Plantas na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq – USP), no período de 1971 a 1972. O doutorado em Genética e Melhoramento de Plantas também foi obtido na Esalq (USP), de 1980 a 1981, e o pós-doutorado em Melhoramento Genético de Plantas e Biotecnologia de Plantas, na NMSU (EUA), no período de 1990 a 1991.

Casou-se em 1975 em Manaus, AM, com Marília Rodrigues Alves Valois, natural do município de Tefé, AM, com quem teve uma filha e dois filhos: Caroline Valois Metz (22/10/1977), Leonardo Rodrigues Alves Valois (15/4/1979) e Igor Rodrigues Alves Valois (16/9/1980). Todos nascidos na cidade de Manaus.

A sua trajetória profissional de pesquisador iniciou-se em 1968, no Escritório de Pesquisa e Experimentação (EPE), que depois passou a ser denominado Departamento Nacional de Pesquisa e Experimentação Agrope-

cuária, posteriormente Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária (DNPEA), a atual Embrapa, sendo depois lotado na Estação Experimental de Manaus (EEM), ligada ao Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), Belém, PA, cuja estação se constituiu no fulcro para a criação do IPEAAOc, atual Embrapa Amazônia Ocidental, sendo o único emprego na longa carreira profissional. Ainda no EPE, como recibado, frequentou, em 1968, o primeiro treinamento em serviço oferecido a recém-formados, efetuado em diversas instituições, em conjunto com outros colegas, tendo como locais o Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Centro-Oeste (Ipeaco), Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Centro-Sul (IPEACS) e Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac)/Centro de Pesquisas de Cacau (Cepec), passando em agosto do mesmo ano a ser contratado sob o regime de CLT.

No IPEAAOc assumiu a Vice-Diretoria, organizou o campo experimental localizado aos fundos da sede, como também no Caldeirão, Maués e Tefé; deu sustentação à formação de uma pequena biblioteca e ampliou os escritórios para acolher pesquisadores, funcionários da administração e apoio. Foi o primeiro coordenador do Grupo de Pesquisas Vegetais, publicou diversos artigos de pesquisa e desenvolvimento com destaque a temas relacionados à produção de sementes de juta no estado do Amazonas, competição de clones de seringueira, nutrição e adubação da seringueira, além da floração e frutificação do guaranazeiro, também sintetizou o Composto de Milho Manaus. Participou do boletim técnico sobre o levantamento de solos do IPEAAOc, executado pela competente equipe do Ipean.

Na Embrapa exerceu importantes cargos administrativos, como: chefe-adjunto técnico e chefe-geral da Embrapa Seringueira e Dendê, chefe-adjunto técnico e chefe-geral da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. No município de Tefé foi secretário municipal de Meio Ambiente. Foi ainda assessor da Diretoria-Executiva da Embrapa, assessor científico da PAB, Fapesp, FAP-DF e FAP-AM, e presidente do II Simpósio Latino-Americano e do Caribe de Recursos Genéticos (SIRGEALC), sendo ainda fundador da Amazontec. No magistério trabalhou como professor associado da Universidade de Brasília (UnB) e professor contratado da UEA/CEST (Tefé, AM) após a aposentadoria da Embrapa. Atuou na criação do Curso de Pós-Graduação de Agricultura Tropical da UnB e de Fitossanidade da Ufra, Belém. Participou da elaboração dos documentos básicos de criação das redes de recursos genéticos: Tropigen, do Procitrópicos e Genamaz, da Sudam. Realizou estudos e levantamentos em 26 países, em missão oficial.

Colaborou com a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e a Organização do Tratado de Cooperação Amazônia (OTCA). Publicou cerca de 700 artigos técnico-científicos.

Trabalhou na Embrapa no período de 1974 a 2007, quando se aposentou. Atualmente é colaborador da Revista RG News, publicação da Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos, e do Procitrópicos.



Alba Luci Machado da Silva Rego

Alba Luci Machado da Silva Rego nasceu em 20 de agosto de 1947, em João Pessoa, PB, filha do engenheiro-agrônomo Alberto da Silva Rego (*1918–†2005) e Ligia Machado da Silva Rego (*1922–†2005). Graduiu-se em 1970 pela ESA/UFV, Viçosa, MG, e foi a primeira engenheira-agrônoma a integrar o quadro de técnicos do IPEAAOc, após contratada no regime de 11 meses, a partir de maio de 1971, por indicação do também engenheiro-agrônomo Paulo Iemini, à época responsável pela articulação da pesquisa e extensão.

Casou-se em 17 de abril de 1971, na cidade de Recife, PE, com o engenheiro-agrônomo Ernani de Moraes Peloso, natural de Campos Gerais, MG, colega de graduação na Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, passando a assinar Alba Luci Rego de Moraes Peloso.

Em razão de o marido já ter sido contratado pela Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas (Acar-AM), passou a residir na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, e por indicação de Paulo Iemini, foi trabalhar no IPEAAOc coordenando os Subprojetos Fruteiras Tropicais e Olericultura nos Trópicos. Nesse ínterim, participou da reunião anual da Sociedade Brasileira de Horticultura (ABH), realizada em Curitiba, PR, sob a presidência de Mozart Liberal, na qual teve a oportunidade de trocar informações com pesquisadores afins. Na sua apresentação, expôs as condições da produção “hortifrutícola” na várzea e na terra firme, destacando aspectos relativos à composição dos solos, climatologia, topografia, bem

como doenças identificadas pela Acar-AM, nos plantios de agricultores no Careiro e na colônia japonesa de Cacau Pirêra, no município de Manacapuru, a 80 km da cidade de Manaus.

Como resultado da sua participação no evento anual da ABH, foi implantada a primeira coleção de hortaliças tropicais no campo experimental do IPEAAOc, com o recebimento de sementes e materiais vindos de outras localidades e enviados por pesquisadores e instituições voltadas à pesquisa da horticultura. Destaca-se o apoio recebido de Flávio Augusto D'Araújo Couto, engenheiro-agrônomo e professor da UFV, com amplo reconhecimento pelos serviços prestados à olericultura do Brasil.

Em 1972 participou do *Curso Control Químico de Malezas*, financiado pelo Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), realizado na Fundación Shell, na Estación Experimental de Cágua, Venezuela, representando os pesquisadores da região Norte do Brasil.

Durante a estadia no IPEAAOc também atuou como instrutora em cursos de formação sobre olericultura promovidos pela Acar-AM para produtores rurais.

Foi no período de trabalho no IPEAAOc que teve seu primeiro filho, Ernani Rego de Moraes. Findados os 11 meses de contrato com o Instituto, foi contratada pela Secretaria de Produção Rural do Amazonas (Sepror) e, após estágio, pelo Departamento Técnico da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), sob a chefia de Neper Antony (advogado). Na Suframa, por meio de Hugo de Almeida, superintendente na época, foi solicitada à Secretaria Estadual de Produção do Estado para assumir a chefia responsável pelo acompanhamento da implantação do Distrito Agropecuário da Suframa (DAS), onde ficou até o início de 1975, sendo liberada para participar do curso para a implantação das Comissões Estaduais de Planejamento Agrícola (Cepas), realizado na Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), Belém, PA. Depois retornou para o Nordeste, indo trabalhar na Comissão Estadual de Planejamento Agrícola do Ceará (Cepa/CE), em fevereiro de 1976. Com a extinção da Cepa/CE, em fevereiro de 1991, no governo Ciro Gomes, foi integrada à Secretaria de Planejamento Estadual (Seplan).

Em 1990 foi eleita para presidir o Sindicato dos Servidores do Estado do Ceará, onde ficou até 1993.

Em 1994, assumiu um trabalho na Embrapa, na Secretaria de Apoio aos Sistemas Estaduais (SSE), trabalhando na sede da Empresa em Brasília, no convênio com o IICA, ficando na liderança do Projeto Apoio ao Aprimoramento das Legislações Federal, Estaduais e Municipais, Visando Fortalecer o Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia Agropecuária.

Foi aprovada em concurso público para a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), porém, por questões familiares, optou por retornar ao Ceará, após a conclusão do convênio com o IICA.

De volta ao Ceará, passou a trabalhar como assessora parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado e na Câmara Municipal em Fortaleza. Durante esse período foi tesoureira e conselheira fiscal da Central Única dos Trabalhadores (CUT) do Ceará. Em 1998 retornou à Seplan, quando solicitou sua aposentadoria, que foi aceita em fevereiro de 1999. Atualmente é aposentada, mora na Reserva Extrativista Batoque, no litoral do Ceará.



Alfio Celestino Rivera Carbajal

Alfio Celestino Rivera Carbajal nasceu em Juliaca-Puno, República do Peru, em 19 de maio de 1944, filho de Ismael Hilário Rivera Villafuerte e Trifonia Carbajal de Rivera. Casou-se em 1974 com Nair Farias de Silva Carbajal, com quem teve quatro filhos.

Cursou o primário e o secundário no Colégio Nacional de Ciências, Cusco, Peru, de 1950 a 1960. Em 1961, ingressou na Facultad de Agronomía de la Universidad Nacional San Antonio Abad, Cusco, Peru, permanecendo até 1962. Mudou-se para o Brasil em 1963, quando estudou na Escola Nacional de Agronomia (ENA), atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, formando-se em 1966. Estagiou no Setor de Estatística Experimental e Análise Econômica (SEEAE) do Instituto de Experimentação e Pesquisa Agropecuária Centro-Sul (IPEACS), Seropédica, RJ, nos anos de 1969 e 1970. Em 1976 participou do *Curso de Planejamento e Execução de Programas de Desenvolvimento Rural Integrado (CPEDI)* do Banco do Nordeste do Brasil (BNB)/Governo de Israel: Fortaleza, CE. Cursou o mestrado em Economia Rural na Universidade Federal do Ceará, no período de 1989 a 1991.

Em 1970, convidado por Afonso Celso Candeira Valois e por Luiz Fernando Monteiro, ingressou no Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), Manaus, AM, onde foi responsável pelo Setor de Estatística Experimental e Análise Econômica (SEEAE), assessor do coordenador do IPEAAOc e pesquisador do cultivo de pimenta-do-reino. Permaneceu no IPEAAOc até 1974.

Ingressou na Associação de Crédito e Assistência Rural do Território Federal do Amapá (Acar-AP), em 1975, como coordenador técnico. Em 1976 voltou ao Amazonas para atuar na Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas (Acar-AM) e na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Amazonas (Emater-AM), como assessor técnico da Coordenadoria de Planejamento. Foi coordenador de planejamento, coordenador de operações, coordenador de desenvolvimento de sistemas, assessor do presidente da Emater-AM. Em 1980, colocado à disposição da Superintendência de Desenvolvimento da Borracha (Sudhevea), em Brasília, DF, foi assessor da Diretoria de Planejamento Coger e de Produção Agrícola (Depag) até 1985.

Em 1981 retornou à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), onde foi responsável pela área de difusão e transferência de tecnologia do CNPSD, Manaus, AM, no período de 1986 a 1987. Responsável pela área de difusão e transferência de tecnologia do CNPCaju, Fortaleza, CE, no período de 1988 a 1995; chefe-adjunto de Apoio Técnico do CNPC: Sobral, CE, de 1996 a 1999; assessor do chefe-geral do CNPAT, Fortaleza, CE, em 2000. Em 2001, aposentou-se, porém permaneceu como coordenador da Plataforma Regional do Agronegócio do Caju – CNPAT/CNPq, em Fortaleza, CE, de 2001 a 2003.

No IPEAAOc e nas demais instituições, fez parte da área técnico-administrativa, colaborando com o desenvolvimento de processos e procedimentos administrativos e com diversos pesquisadores. Sua contribuição foi além do IPEAAOc, ele foi importante para o fortalecimento da assistência técnica e extensão rural do Amazonas.



Alfredo Kingo Oyama Homma

Alfredo Kingo Oyama Homma nasceu em Parintins, AM, em 1947. Filho de Takeshiro Homma (*1910–†1988) e Yoshime Oyama Homma (*1913–†2008), iniciou a carreira profissional no estado do Amazonas, na Comissão de Desenvolvimento do Estado do Amazonas (Codeama), onde trabalhou sete meses e foi contratado por Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro, então diretor do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), para integrar a equipe, na época em plena selva, localizado no Km 30 da Estrada Manaus-Itacoatiara. Dessa forma entrou para o serviço público federal sem fazer concurso, o que era permitido na época.

Começou suas atividades no IPEAAOc em 20 de agosto de 1971 (uma sexta-feira) e permaneceu até a confraternização natalina da Instituição, realizada no dia 22/12/1973, quando viajou para iniciar o curso de mestrado no dia 2/1/1974. Ingressou no IPEAAOc como “recibado”, designação para os funcionários que não tinham carteira assinada, vigente para o País inteiro em muitas unidades de pesquisa pertencentes ao então Departamento Nacional de Pesquisa e Experimentação Agropecuária (DNPEA), presidido na época por Roberto Meirelles de Miranda.

Os trabalhos mais importantes de que participou no IPEAAOC, segundo ele, se referem à descorticação mecânica da juta, com base na demonstração do protótipo Iseki Mitsui, no município de Barreirinha, na propriedade do Sr. Saburo Ono (*1913–†1984); à tentativa de produzir sementes de juta em Manacapuru; e a um levantamento de produtores de semente de juta em Alenquer, Pará.

Depois da conclusão do mestrado, em 1976, Homma foi alocado para trabalhar na atual Embrapa Amazônia Oriental, em Belém. Pela experiência acumulada no estado do Amazonas e pelo conhecimento obtido no mestrado, passou a se dedicar à economia extrativa, nas horas vagas, cujos resultados convergiram para sua tese de doutorado, defendida em 1988. Os trabalhos sobre a dinâmica da economia do extrativismo vegetal na Amazônia ensejaram-lhe, em 1989, o recebimento do Prêmio Nacional de Ecologia, patrocinado pelo CNPq, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), pela Companhia Vale e Petrobrás, e o Prêmio Prof. Edson Potsch Magalhães, concedido pela Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (Sober). Também foi agraciado com o Prêmio Frederico Menezes da Veiga 1997, o maior prêmio concedido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), outorgado anualmente para dois pesquisadores nacionais.

Recebeu o Prêmio Jabuti 1999, na categoria Ciências Naturais e Medicina, com o livro *Amazônia: meio ambiente e desenvolvimento agrícola*, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Em 2000 recebeu o Prêmio Destaque Científico, escolhido entre as profissões coligadas ao Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado do Pará e concedido pelo Clube de Engenharia do Pará.

Em novembro de 2004 conquistou o primeiro lugar no Prêmio Prof. Samuel Benchimol, concedido pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), que foi repetido em 2010. Em abril de 2008 recebeu a Comenda do Mérito Agrônomo 2007 concedida pela Associação dos Engenheiros Agrônomos do Pará (AEAPA). Em 2013 recebeu o Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social 2013 sobre Tecnologia Certificada com trabalho de equipe sobre bacurizeiro.

Em 2011 foi um dos dez homenageados pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) nas comemorações dos 50 anos do Curso de Mestrado em Economia Rural daquela universidade e, em 2015, recebeu Homenagem Especial a Personalidades Nipo-Brasileiras pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará. Recebeu também prestigiadas distinções de Membro Legendário da Sober (2015) e a Medalha do Mérito 2015 Confea. Foi articulista do Correio Agropecuário (1969–1971) e da Gazeta Mercantil (1998–2002) e colaborador eventual de jornais e revistas. É membro correspondente da Academia Amazonense de Letras.

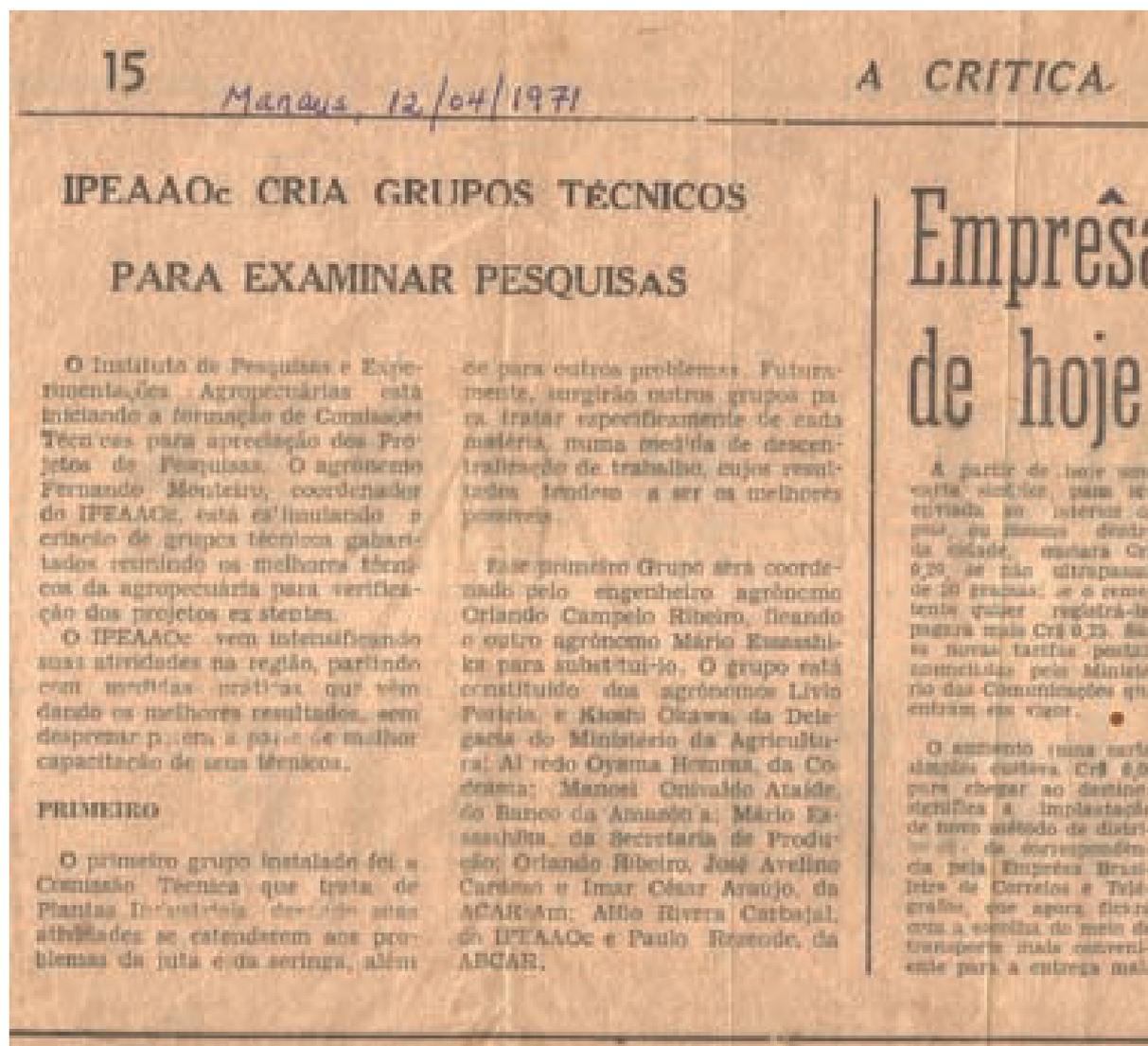


Pesquisadores do IPEAAOc, provavelmente em 1972. Em pé, da esquerda para a direita, Maria Pinheiro Fernandes Corrêa, Alfredo Homma, Luiz Januário Magalhães Aroeira, Fernando Antônio Araújo Campos, Antônio Francisco Souza, agrônomo do Campo Experimental de Porto Velho, Luiz Fernando Monteiro e o agrônomo do Campo Experimental de Rio Branco. Sentados, da esquerda para a direita: Marcos Antoino Porto (Campo Experimental de Boa Vista), Luiz Carlos de Almeida, João Maria Japhar Berniz e Acilino do Carmo Canto.

Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental.

São palavras de Alfredo Homma: “Recém-formado, completamente imaturo, sem experiência profissional e de vida pública, apenas baseado no curso de agronomia em Viçosa, de leituras e de ter trabalhado com hortaliças com meu pai, em São Luís, foi quando iniciei as atividades de pesquisa no IPEAAOc. Sou bastante grato ao IPEAAOc e ao Luiz Fernando Monteiro, do qual tenho muitas lembranças, tanto pela minha iniciação como pesquisador como por antever a necessidade de cursar a pós-graduação, que era visto como algo inacessível, viabilizado com a criação da Embrapa. Creio que os depoimentos dos 50 anos da criação do IPEAAOc reforçam a nossa

esperança e convicção, a despeito da crise, quanto às oportunidades para aqueles que abraçaram a pesquisa agrícola na busca de uma utopia plausível para a região” (comunicação pessoal)¹.



Notícia sobre a programação de pesquisa para o Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAO_c) no *Jornal A Crítica* de 12/4/1971.

Fonte: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental.

¹ E-mail recebido por Lindomar de Jesus de Sousa Silva, pesquisador da Embrapa Amazônia Ocidental, de Alfredo Kingo Oyama Homma, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA, em 26 de maio de 2019.



Antônio Francisco de Souza

Antônio Francisco de Souza nasceu em Vitória do Mearim, estado do Maranhão, em 26 de novembro de 1940. Realizou o curso primário no colégio Almeida Oliveira, em São Luís, MA; o ginásio (1956 a 1959) e o científico (1960 a 1962), no Liceu Maranhense.

Em 1964 ingressou no curso de Engenharia Agrônômica da Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), formando-se em 1967, na mesma turma de João Maria Japhar Berniz e Afonso Celso Candeira Valois, colegas com quem, em 1968, participou do primeiro curso de especialização para formação de pesquisadores, organizado pelo Departamento Nacional de Pesquisa e Experimentação Agropecuária (DNPEA) e com os quais veio a trabalhar na Estação Experimental de Manaus e depois no Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc).

O referido curso de especialização foi realizado primeiramente no Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Centro-Oeste (Ipeaco), em Sete Lagoas, MG; depois no Instituto de Pesquisa Agropecuária do Centro-Sul (IPEACS), no Rio de Janeiro, RJ, no Km 47 da antiga Rodovia Rio-São Paulo, onde ficava situada a Escola Nacional de Agronomia, finalizando com estágio na Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac)/ Centro de Pesquisas do Cacau (Cepec), em Itabuna, BA, que estavam entre as unidades de pesquisa coordenadas pelo DNPEA.

Durante o treinamento no IPEACS, conheceu Maria da Graça Demberg da Fonseca, com quem se casou em 12 de janeiro de 1973, na cidade do

Rio de Janeiro, e teve três filhos: Marcelo Alexandre Demberg de Souza (7/10/1974), nascido em Piracicaba, SP; Klaus Frederico Demberg de Souza (17/2/1978) e Paulo Filippe Demberg de Souza (*1982–†2006), ambos nascidos em Brasília, DF.

Em 1969 foi designado por Alfonso Wisniewski (*1918–†1993), diretor do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), para trabalhar na Estação Experimental de Manaus, vinculada a esse instituto, que posteriormente passaria a ser o IPEAAOc, cujo diretor era Luiz Fernando Monteiro.

No IPEAAOc, entre 1971 e 1972, chefiou o Grupo de Pesquisa Fundamental, que envolvia solos e agrometeorologia, e realizou trabalho pioneiro intitulado “Cultura do guaraná: alguns aspectos sobre a formação de mudas de guaranzeiro através de sementes em condições de ripado” e “Prospecção de solos no município de Maués, Amazonas”. Foi precursor em pesquisa relacionada à nutrição e adubação de arroz e feijão-caupi em terra firme, em parceria com o Ipean; instalou unidade de observação da cultura de soja. Trabalhou com João Maria Japhar Berniz e Luiz Carlos de Almeida no desenvolvimento de pesquisa relacionada à cultura do arroz em condições de várzea, na fazenda Caldeirão, no município de Iranduba, AM, localizada, na época, na Vila de Iranduba, pertencente à cidade de Manaus. Chefiou o Campo Experimental de Maués, onde teve a colaboração, na execução do projeto guaraná, do engenheiro-agrônomo Vitor Nogueira, que veio da Delegacia Estadual do Ministério da Agricultura para o IPEAAOc e passou a ser o responsável pela estação.

Participou do VII Congresso Brasileiro de Sementes, em Recife, PE, e do I Congresso Internacional de Feijão, realizado em Campinas, SP, em 1971, nos quais teve a oportunidade de conhecer pesquisadores de renome, como Ricardo José Guazzeelli, Clibas Vieira (*1927–†2004), além de expoentes do México, da Colômbia e Costa Rica, o que muito contribuiu para lhe despertar o interesse em aprimorar os conhecimentos técnico-científicos e aguçar o desejo de fazer pós-graduação. Foi um dos responsáveis pela implantação da primeira unidade experimental constituída por 220 plantas procedentes de sementes previamente selecionadas de matrizes em ambiente de cultivo comercial por pequenos e médios produtores de guaraná nos municípios de Manacapuru e Maués no período de 1971–1973. As mudas foram instaladas numa área experimental na sede do IPEAAOc em Manaus, localizada no Km 30, da AM-010, no ano agrícola de 1972/1973, constituin-

do as bases para o programa de pesquisa de melhoramento genético e seleção de guaranazeiros resistentes a doenças e altamente produtivos no estado do Amazonas. Programa que, ao longo dos anos, já desenvolveu e disponibilizou 18 cultivares aos agricultores, contribuindo para a elevação da produtividade da cultura no estado.

Cursou mestrado (1974–1976), defendendo a dissertação intitulada “Absorção de nutrientes por quatro cultivares de morangueiro (*Fragaria spp.*)”, e doutorado (1989–1994), defendendo a tese “Tolerância de cultivares de tomateiros à toxicidade de alumínio em solo e em solução nutritiva”, ambos na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq).

A partir de janeiro de 1977, iniciou suas atividades de pesquisa na Unidade de Pesquisa de Âmbito Estadual de Brasília (Uepae de Brasília), que atualmente é o Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças ou simplesmente Embrapa Hortaliças, até a sua aposentadoria em 2006. Antônio Francisco de Souza é viúvo e reside na cidade de São Luís, MA.



Aurora Leite Malcher

Aurora Leite Malcher nasceu na cidade Alenquer, PA, no dia 4 de dezembro de 1953. Aos 11 meses de vida ficou órfã de mãe e passou a morar em Manaus, AM, com a sua avó materna, que assumiu sua criação.

Em novembro de 1969, concluiu o curso de datilografia na Escola de Datilografia Ideal. Em dezembro do mesmo ano, foi admitida no Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAA-Oc) como datilógrafa, atuando no Grupo de Pesquisas Animais, coordenado por Acilino do Carmo Canto. Trabalhavam também o médico-veterinário Fernando Antônio Araújo Campo e o agrônomo José Clodoveu Medeiros. Em 1970, Aurora concluiu o ensino fundamental na Unidade Educacional Ruy Araújo; de 1971 a 1973 fez o Curso Técnico em Administração na Unidade Educacional Sólon de Lucena, em Manaus, AM. Com a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em 1974, passou a exercer a função de secretária da Chefia da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (Uepae-Manaus), trabalhando diretamente com Acilino do Carmo Canto, Erci de Moraes, José Antônio Dias Costa Aroeira e Luiz Antelmo Silva Melo.

Para poder cursar a Faculdade de Serviço Social na Universidade do Estado do Amazonas (1976–1979), que era no horário vespertino, Aurora contou com o apoio e incentivo do chefe da Uepae-Manaus, Luiz Antelmo, de quem era secretária na época. Em 1989 passou a exercer o cargo de assistente social no CPAA/Embrapa, criando a Área de Bem-Estar, iniciativa

voltada a orientar os empregados e seus familiares quanto aos seus direitos e deveres, visando a melhor qualidade de vida tanto aos da sede como aos dos campos experimentais.

Em depoimento, ela diz: “Eu gostava do trabalho que realizava. Visitava periodicamente os campos experimentais, conversava com os funcionários e trazia para a Chefia suas reivindicações e necessidades. Hoje me sinto muito feliz, pois, apesar de 22 anos aposentada, ainda mantenho vínculo com os colegas, que me tratam com carinho, consideração e respeito (informação verbal)¹”.

Em 1980 Aurora casou-se com Mário Célio Ferreira Malcher, com quem teve um filho, Fábio Leite Malcher. Aposentou-se em 1996 e fixou residência em Santarém, PA, onde reside com sua família.

¹ Depoimento de Aurora Leite Malcher, empregada aposentada da Embrapa Amazônia Ocidental, em 10/8/2018.



Fernando Antonio Araújo Campos

Fernando Antonio Araújo Campos nasceu em Ibertioga, Minas Gerais, no dia 27 de julho de 1947, filho de Camila Araújo Campos e Waldemar Lobato Campos. Coursou o primário no Grupo Escolar Santo Antonio, em Ibertioga, de 1954 a 1957; o 5º ano e o ginásio, no Colégio dos Jesuítas em Juiz de Fora, MG, de 1958 a 1962; e o curso científico 1º e 2º ano na Academia de Comércio e o 3º Ano no Colégio Machado Sobrinho, também em Juiz de Fora. Coursou Veterinária na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) nos anos de 1966 a 1969. Ingressou no curso de mestrado na mesma Escola de Veterinária da UFMG em 1973, com término em 1974. Fez o doutorado na Universidade da Flórida, em Gainesville, no período de 1979 a 1982, com especialização em Fisiologia da Reprodução Animal. Casou-se em 1974 em Brasília, DF, com Vânia Maria da Costa Ferreira Campos, com quem teve dois filhos e uma filha. Todos nascidos em Brasília.

Sua vida profissional iniciou-se como diretor técnico da Companhia Agrícola Boa Vista, em Juiz de Fora, de janeiro a julho de 1970. Em 15 de julho de 1970, ingressou no Departamento Nacional de Pesquisa e Experimentação (DNPEA), em Brasília, tendo sido agraciado com estágios em Bagé e Pelotas (RS), no Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuária do Sul (Ipeas); em Sete Lagoas, MG, no Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Centro-Oeste (Ipeaco); e em Belém, PA, na Embrapa Amazônia Oriental (CPATU). Chegou ao Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc) em outubro de 1971. Em janeiro de 1972 foi selecionado para um curso de iniciação

científica em Matão, SP. Retornando a Manaus, permaneceu no IPEAAOc até fevereiro de 1973, quando iniciou seu curso de mestrado na Escola de Veterinária da UFMG. No IPEAAOc, juntamente com o saudoso amigo Acilino do Carmo Canto, foi responsável pela introdução de rebanho Guzerá, trazido de barco de Fordlândia, no Rio Tapajós, até Manaus.

Ingressou na Embrapa em 1º de setembro de 1974, ao final de seu curso de mestrado, tendo sido convidado, nessa época, para ingressar no Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, que seria instalado em Brasília. Devido à mudança de local do Centro de Gado de Corte, foi lotado no Departamento Técnico Científico (DTC) em janeiro de 1975. Desde então tem exercido sua vida profissional em pesquisa agropecuária, com participação em planejamento, acompanhamento, avaliação de centros de pesquisa, programas e projetos, incluindo 44 anos de experiência em gestão de ciência e tecnologia como membro do departamento responsável pela Administração Global de Pesquisa na Embrapa e como assessor da Diretoria-Executiva de P&D da Embrapa, tendo participado da Análise Técnica da Programação de P&D, Acompanhamento e Avaliação de Projetos de P&D e Avaliações Institucionais de vários centros de pesquisa no Brasil, além da organização e coordenação de diversos cursos, seminários e workshops.

Fernando Campos tem participado de comissões técnicas, grupos de trabalho e bancas examinadoras. Possui experiência como diretor de projetos com organismos internacionais, é membro de diversos conselhos, assessor científico de organismos e revistas nacionais, consultor interno na elaboração do Planejamento Estratégico da Embrapa e membro da equipe que coordenou a elaboração dos Planos Diretores da Embrapa I e II e do 2º e 3º Plano Plurianual; também atuou como membro do grupo que elaborou o Modelo de Gestão Estratégica (MGE) para a Empresa. Possui cursos de especialização em Planejamento Estratégico, Gerência de Programas de Pesquisa, Auditoria da Qualidade, Qualidade Total, Prospecção de Demandas, Construção de Cenários, Liderança de Projetos, Elaboração de Projetos Competitivos, Análise de Processos, entres outros. É professor da Escola Nacional de Administração Pública (Enap) em cursos de Planejamento Estratégico. Tem participado de dezenas de congressos, reuniões científicas nas diferentes áreas de gestão de C&T e da produção animal. Articulador junto às Unidades da Embrapa na formatação de redes de pesquisa e membro do grupo que ministrou diversas oficinas de elaboração de projetos. Atuou como assessor da Diretoria-Executiva de P&D, no período de 2005 a 2011. Desde abril de 2011 está lotado no Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento, atual Secretaria de Pesquisa e Desenvolvimento.



João Maria Japhar Berniz

João Maria Japhar Berniz nasceu na cidade de Santa Inês, Maranhão, em 31 de março de 1943, filho de José Mendes Berniz e Maria Japhar Berniz. Do primeiro casamento teve dois filhos, Karina e Breno. Casou-se em 2007 com Jeicidalva Berniz, com quem tem o filho Enzzo Raphael Campos Berniz.

Em São Luís, no Liceu Maranhense, estudou o ginásio e o científico. Cursou Agronomia no período de 1964 a 1967 na Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), em Belém do Pará, atualmente Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra). Cursou o mestrado em Fitotecnia – Área de Nutrição de Plantas – no período de 1974 a 1976, e o doutorado em Fitotecnia, também em Nutrição de Plantas, de 1983 a 1987, ambos na Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais.

Em 1968 foi contratado pelo Escritório de Pesquisa e Experimentação (EPE), como recibado, mas posteriormente disponível para prestar serviços ao Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), hoje CPATU. No mesmo ano, em conjunto com os colegas Antônio Francisco Souza, Afonso Celso Valois e Luiz Henrique Vieira, sendo este lotado pelo Ipean no Maranhão, seguiu para Sete Lagoas, MG, onde, na sede do Instituto de Pesquisa Agropecuária do Centro Oeste (Ipeaco), fez o Curso de Iniciação de Pesquisa, concluído em dezembro do mesmo ano.

Em 1969, juntamente com Antônio Francisco Souza e Afonso Celso Valois, passou a trabalhar na Estação Experimental de Manaus (EEM) subordinado técnica e financeiramente ao Ipean. Em maio do mesmo ano passa a compor a equipe do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), criado em 15 de maio de 1969, chefiando o Departamento de Fitotecnia. A partir de 1972, com a criação da Embrapa, passou a integrar o quadro de pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira (CNPSe), onde foi coordenador do Programa Nutrição e Adubação da Seringueira, com trabalhos no Amazonas.

No início da década de 1980, por meio do convênio entre o governo do Maranhão e a Embrapa, passou a coordenar o projeto de seringueira naquele estado, com lotação na Empresa Maranhense de Pesquisa Agropecuária (Emapa), executando atividade na pré-Amazônia maranhense. Em 1997, com a extinção da Emapa, assumiu a Secretaria de Agricultura do Maranhão para novos desafios no desenvolvimento da agricultura maranhense, lá permanecendo até a aposentadoria, em 2008.

Atualmente, com 76 anos, mora com a esposa e o filho na cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão, no Bairro Renascença.

“Aos 76 anos, esta foi, é e será a minha história de vida, que somente o tempo possibilitará ou não a sua lembrança, pois, como disse Martin Luther King, **o que fica na lembrança é o silêncio dos amigos**”, declara João Maria Japhar.



José Carlos Nascimento¹

José Carlos Nascimento nasceu em 26 de novembro de 1943 na cidade de Governador Mangabeira, BA, vizinha a Cruz das Almas, BA. Graduiu-se em Engenharia Agrônômica pela Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Cruz das Almas; fez mestrado em Biologia e doutorado em Biologia/Ecologia Vegetal, ambos pela Universidade da Califórnia, Estados Unidos. Além disso, realizou pós-doutorado em Política Ambiental pela Universidade de Córdoba, Espanha.

Em sua carreira, atuou como supervisor de extensão rural no sul da Bahia, na Comissão Executiva do Plano de Recuperação da Lavoura Cacaueira (Ceplac). Entre 1970 e 1973 trabalhou no Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), coordenando experimentos pioneiros com cacaueiro no estado do Amazonas; foi coordenador regional da Ceplac para a Amazônia, sediada em Belém; chefe-adjunto técnico do Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê, em Manaus.

Ingressou na Embrapa em 1981. A partir de 1983, ocupou os seguintes cargos na Embrapa Sede, em Brasília: assessor técnico do departamento técnico-científico; assessor da Diretoria-Executiva da Embrapa; coordenador da cooperação internacional; assessor do diretor-presidente da Embrapa; secretário-executivo do prêmio Frederico de Menezes Veiga; membro

¹ Biografia elaborada pela jornalista Lea Ângela Assis Cunha – Embrapa Mandioca e Fruticultura.

do comitê central de seleção da Embrapa; membro do grupo de trabalho de avaliação e revisão dos planos diretores das Unidades de Pesquisa da Embrapa; e cargo em comissão no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, junto ao Departamento de Fomento e Fiscalização de Produção Agropecuária.

Publicou cerca de 70 trabalhos técnico-científicos, além de monografias e relatórios técnicos. Assumiu a Embrapa Mandioca e Fruticultura em julho de 2004 e permaneceu no cargo até janeiro de 2009. Dividiu a gestão com os chefes-adjuntos Domingo Haroldo Reinhardt (Pesquisa & Desenvolvimento), Jorge Luiz Loyola Dantas (Comunicação, Negócios e Apoio) e Neusa Alice dos Santos (Administração).

José Carlos faleceu em 2 de novembro de 2017, vítima do ataque de abelhas-africanas em sua propriedade.



Leopoldo Brito Teixeira

Filho de Etherio Teixeira Monteiro e Sybilla Brito Teixeira, Leopoldo Brito Teixeira nasceu em 22 de maio de 1944, na cidade de Alenquer, PA, situada na Mesorregião do Baixo Amazonas, às margens do Rio Surubiú. Casou-se em 7 de dezembro de 1971 com Mariza Benedita Corrêa Teixeira, e dessa união nasceram três filhas e quatro netos cujos nomes, datas e locais de nascimento são: Daniela Corrêa Teixeira, 23/7/1973, em Belém, PA (fisioterapeuta e professora universitária); Andreza Corrêa Teixeira, 15/4/1976, em Manaus, AM (médica); e Camila Corrêa Teixeira, 12/6/1981, em Manaus, AM (advogada e professora universitária); e os netos Beatriz Teixeira Costa, 8/8/1994, em Belém, PA; Lucas Teixeira Costa, 17/7/2001, em Belém, PA; Gabriel Teixeira Costa, 18/6/2007, em Belém, PA; e Elisa Corrêa Teixeira dos Santos, 22/10/2013, em Ribeirão Preto, SP.

Cursou o ensino primário (atual educação infantil) no Grupo Escolar Fulgêncio Simões, em Alenquer, PA; o ginásial (atual ensino fundamental) no Colégio Dom Amando, em Santarém, PA; e o científico (atual ensino médio) no Colégio Estadual Augusto Meira, em Belém, PA, concluindo a educação básica em 1967. Em 1968 iniciou o nível superior, colando grau como engenheiro-agrônomo pela Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), em Belém, PA, em 1971, atual Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra). Fez mestrado em Zootecnia, pela Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa, MG, nos anos de 1974 e 1975; e doutorado em Biologia (Ecologia), pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus, AM, no período de 1982 a 1986.

A escolha por Agronomia deu-se aos 12 anos de idade, quando a turma, no primário, fez uma excursão à estação de produção de sementes e mudas do Ministério da Agricultura no município de Alenquer, PA, que era comandada por um engenheiro-agrônomo, onde se trabalhava com mudas de cacaueteiro, cafeeiro e fruteiras. Nesse dia, mesmo ainda adolescente, ficou encantado como, a partir de uma simples semente, se produzia uma planta que dava matéria-prima para a indústria de chocolate (cacau), café e frutos para a nossa alimentação. Ali, tomou a decisão de que seria agrônomo.

Em 1971, Leopoldo, já no último ano da EAA, estagiava no Departamento de Zootecnia com o professor Abnor Gurgel Gondin. No mês de maio daquele ano, o diretor do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro, juntamente com o pesquisador Acilino do Carmo Canto, também do Instituto, com sede em Manaus, AM, foram a Belém para assinatura de convênio com a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), que visava à contratação de técnicos e ao financiamento de pesquisa agropecuária, a partir do início de 1972. Naquela oportunidade, os representantes do IPEAAOc procuraram o professor Abnor para que indicasse nomes de engenheiros-agrônomos na área de zootecnia que estivessem terminando o último ano da EAA. Conforme as características solicitadas, o professor, além de indicar outros colegas, indicou Leopoldo, que aceitou de pronto trabalhar naquele Instituto de pesquisas.

Na conversa com o diretor e o pesquisador do IPEAAOc, lhe foi oferecido um estágio remunerado, no mês de julho de 1971, com direito a passagens aéreas, estadia e alimentação em uma república de técnicos do Instituto. Leopoldo teve a oportunidade de instalar um laboratório de leite, cujos equipamentos estavam embalados em caixas, por falta de um técnico com conhecimento no assunto. No estágio, além das atividades de campo, trabalhava no laboratório de análise de leite do setor de zootecnia da EAA. No final de julho, quando terminou o estágio, recebeu a confirmação de sua contratação.

No dia 4 de dezembro de 1971, colou grau como engenheiro-agrônomo pela EAA e, conforme o trato feito com o diretor Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro, no início de janeiro de 1972, apresentou-se para iniciar os trabalhos no IPEAAOc. Trabalhou o ano de 1972 como recibado, ou seja, sem assinatura de carteira do trabalho. Em janeiro de 1973, por autorização

do Departamento Nacional de Pesquisa e Experimentação Agropecuária (DNPEA), os funcionários recibados foram admitidos pela Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas (Acar-AM) e incorporados pela Embrapa em 2/1/1974.

Atuação profissional

Pesquisador do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), Manaus, AM, de 1972 a 1973.

Subchefe da Embrapa Amazônia Ocidental, Manaus, AM, de 1976 a 1982.

Pesquisador da Embrapa Amazônia Ocidental, Manaus, AM, de 1974 a 1986.

Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA, de 1986 a 2006.

Professor visitante do curso de pós-graduação da Universidade Federal do Pará, Belém, PA, no período de 1991 a 1995.

Produção técnico-científica

Autor de artigo científico sobre ciclagem de nutrientes, na Revista de Ciências Agrárias, Ufra, Belém, PA, 2001.

Autor do livro Compostagem – Lixo orgânico urbano e resíduos da agroindústria do açaí. Embrapa Amazônia Oriental: Albras, Belém, PA, 2006.

Coautor do livro Pastagens Cultivadas na Amazônia. Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA, 2000.

Autor de dois capítulos do livro Pastagens Cultivadas na Amazônia, Belém, PA, 2000.

Coautor de três capítulos do livro Pastagens Cultivadas na Amazônia, Belém, PA, 2000.

Autor e coautor de 25 trabalhos publicados nas séries Boletim de Pesquisa, Circular Técnica e Documentos, da Embrapa Amazônia Ocidental, Manaus, AM, e da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA, nos anos de 1976 a 2006.



Luiz Carlos de Almeida nasceu em Bacabal, Maranhão, em 17 de abril de 1946, filho de Amílcar Souza Almeida e Iramy Fragas de Almeida. Fez o ensino fundamental no município de Bacabal, o ginásio e científico em São Luís, capital do estado, onde também prestou vestibular para o curso de agronomia da Escola de Agronomia da Amazônia (EAA, atual Ufra), localizada em Belém, PA. Formou-se em 1969 e, no mesmo ano, transferiu-se para o estado do Acre para estagiar no Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (Inda), que hoje é o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), onde ficou por quatro meses, trabalhando com seu irmão, também agrônomo. Foi para Manaus, no início da década de 1970, e passou a trabalhar no projeto de colonização do governo do estado do Amazonas, na Colônia Agrícola do Rio Preto da Eva, por aproximadamente dois anos. Lá conheceu a professora Cléia Albuquerque dos Santos, com quem se casou e teve um casal de filhos, que casaram e lhe deram cinco netos, que hoje moram com os pais na Califórnia, Estados Unidos da América. Ainda nos anos 1972 e 1973, trabalhou como professor de agricultura na Escola Agrotécnica do Amazonas, localizada na Estrada do Aleixo, em Manaus.

Posteriormente ingressou no Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), passando a trabalhar com as culturas de mandioca, milho, juta e soja até 1974, quando se desligou do Instituto, que foi transformado na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). No mesmo ano passou a fazer parte do quadro da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac) como pesquisador

auxiliar. Essa instituição de pesquisa tinha, na época, um campo experimental na área do IPEAAOc, onde Luiz Carlos ficou até 1978 colaborando nas pesquisas do cacauero no Amazonas, ingressando posteriormente no mestrado de Fitopatologia da Universidade Federal de Viçosa, MG.

Com o fim do mestrado, Luiz Carlos não retornou para Manaus. Mudou-se para Belém, passando a fazer parte do grupo de fitopatologia organizado pela Ceplac, em cuja cidade ficou por vários anos. Trabalhou também em Rondônia, na estação experimental da Ceplac de Ouro Preto do Oeste (a 340 km da capital, Porto Velho) e Ji-Paraná (a 40 km de Ouro Preto do Oeste); por 8 anos foi professor do curso de Agronomia da Universidade Luterana Brasileira (Ulbra). Retornou a Belém, passando a trabalhar no Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Estado do Pará (Senar-PA) a partir de 2005, como coordenador técnico-pedagógico dessa instituição, completando 13 anos de dedicação em 2018.

No IPEAAOc publicou trabalhos relacionados à cultura do guaraná em conjunto com Antônio Francisco de Souza, um dos pesquisadores com quem conviveu em sua passagem pelo Instituto. Participou de experiências pioneiras de produção de sementes de juta em várzea do Rio Solimões, no município de Manacapuru, e em terra firme no Campo Experimental do Km 30. Juntamente com Antonio Augusto Silva Costa, também maranhense, do município de Matinha, foi um dos primeiros pesquisadores a participar dos ensaios nacionais de pesquisa promovidos pelo Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária (DNPEA) no Amazonas, ocasião em que foram testadas variedades de soja, milho, mandioca e feijão na sede do IPEAAOc. Dessa forma, foram pioneiros no cultivo da soja no estado do Amazonas.



Luiz Fernando Monteiro

Luiz Fernando Monteiro nasceu em Alenquer, PA, no dia 10 de setembro de 1937, filho de Ludgero Burlamaqui Monteiro e Heribertina Batista Monteiro. Estudou o ensino primário no Colégio São Geraldo Magela, o secundário no Colégio Nazaré em Belém, PA, e o científico no Colégio Estadual Paes de Carvalho, também em Belém. Casou-se em 26 de janeiro de 1963 com Maria Risomar Leite, natural de Alenquer, com quem teve quatro filhos, que lhe deram oito netos.

Estudou agronomia na Escola de Agronomia da Amazônia, formou-se em 1961. Depois de formado, inicialmente, dedicou-se à fazenda da família, em Alenquer. Em 20 de abril de 1964 iniciou sua carreira profissional como fitotecnista do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), nomeado por decreto presidencial para exercer o cargo de engenheiro-agrônomo, Tc 101, nível 20-A, do Ministério da Agricultura. No mesmo ano foi nomeado assistente da Subestação Experimental de Maicurú, no Baixo Amazonas, pelo diretor do Ipean, para superintender os trabalhos de multiplicação de sementes de juta nos municípios de Alenquer, Monte Alegre e Santarém, função que exerceu até 6 de fevereiro de 1968.

Em 6 de fevereiro de 1968, passou a chefe da Estação Experimental de Manaus, AM; em 14 de julho de 1969, a coordenador técnico e administrativo do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), do qual, em 3 de dezembro de 1971, por decreto presidencial, assumiu a direção. No IPEAAOc foi membro titular da representação do Instituto no Comitê Nacional de Coordenação do Programa de

Cooperação do Desenvolvimento do Trópico Americano (IICA-TROPICOS)-
-(PROTROP), da junta administrativa da Associação de Extensão e Assis-
tência Rural do Amazonas (Acar-AM).

Foi designado pela Presidência da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) à direção do IPEAAOc, no período de 2 de janeiro a 20 de março de 1974, quando pediu dispensa por meio da Portaria nº 40/74, retornando ao quadro do Ministério da Agricultura, exercendo a função de diretor estadual do órgão.

Em 1º de abril de 1975 passou a chefe do Primeiro Distrito de Meteorologia (1º Disme), com sede em Manaus, AM, e jurisdição nos estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima. Função que exerceu até 15 de maio de 1976, quando foi transferido para a Diretoria Estadual do Ministério da Agricultura em Goiás, GO, para assumir a função de chefe substituto do Grupo Executivo da Produção Vegetal (GEP-GO) e chefe da Seção de Produção Vegetal, chefe do Setor de Fertilizante, Corretivos e Inoculantes.

Requisitado e transferido para Brasília, DF, em 1978, exerceu a função de assessor técnico da Secretaria de Defesa Sanitária e Vegetal. Em dezembro do mesmo ano passou a diretor substituto da Divisão de Fiscalização de Corretivos e Fertilizantes (Dicof) e chefe da Seção de Registro e Fiscalização da Divisão. Em 1983, passou a exercer a função de chefe da Seção de Cadastro e Registro, da Divisão de Produtos Fitossanitários (Diprof), e, em junho de 1985, ocupou o cargo de secretário de Defesa Sanitária Vegetal (SDSV), cargo no qual permaneceu até agosto de 1989, quando passou a ser secretário de Fiscalização Agropecuária (Sefis/SNAD), ficando até 1990. A partir daí assumiu o cargo de coordenador geral da Secretaria Nacional Defesa Agropecuária (SNAD/MA), última atividade exercida antes da aposentadoria, depois de 26 anos exercendo sua profissão no Ministério da Agricultura.



Luiz Januário Magalhães Aroeira

Luiz Januário Magalhães Aroeira nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 28 de março de 1948, filho de José Antonio Dias Costa Aroeira e Heloase Marengo Magalhães Aroeira. É casado com Ana Cristina de Carvalho Aroeira e tem três filhos: Rafaela, Frederico e Mariana, que lhe deram três netos: Pedro, Otávio e João.

Estudou o primário, ginásial, primeiro e segundo científico no Colégio Diocesano de Uberaba, Minas Gerais. O terceiro ano científico foi no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte, concluído em 1965. Em março de 1966 iniciou o curso de Medicina Veterinária, na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), formando-se em dezembro de 1969.

Em fevereiro de 1970 mudou-se para Manaus, AM, para trabalhar no Grupo Executivo de Produção Animal do Departamento Estadual do Ministério da Agricultura do Estado do Amazonas, como veterinário responsável pela campanha de vacinação contra febre aftosa, em Manaus e na Ilha do Careiro. Em maio do mesmo ano foi transferido para Parintins, AM, onde, além da ocorrência de febre aftosa, havia casos de raiva em bovinos.

Ingressou no Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc) em meados de 1972 por convite direto de um diretor do antigo Departamento Nacional de Pesquisa e Experimentação do Ministério da Agricultura. Em fevereiro de 1973, participou de um curso de Iniciação à Pesquisa, com duração de 6 meses, na Escola de Veterinária da UFMG. Em fevereiro do ano seguinte foi selecionado para o curso de

mestrado na Escola de Veterinária da UFMG, na área de Zootecnia, especialização em Nutrição Animal, recebendo a titulação de mestre em 1976, já como funcionário da Embrapa. Iniciou o doutorado em 1980, na Universidade Clermont II, Centro de Pesquisa Zootécnica e Veterinário, na cidade francesa de Clermont Ferrand. Doutorou-se em dezembro de 1983. Especializou-se em técnicas de consumo e digestão de alimentos para gado de leite, em instituição de pesquisa em Ottawa, Canadá, no período de 1987 a 1988. Em 1994 fez pós-doutorado na Universidade Estadual da Carolina do Norte, em Raleigh, onde passou 18 meses desenvolvendo pesquisa sobre o consumo e digestibilidade de pastagens para vacas leiteiras.

Trabalhou na Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (Pesagro-Rio), em uma parceria com a Embrapa, e depois optou por ficar na empresa de pesquisa carioca. Foi alocado na Embrapa Gado de Leite, em Coronel Pacheco, MG, apesar de, formalmente, ainda pertencer à Pesagro. Em 1986 foi recontratado pela Embrapa, onde permaneceu até sua aposentadoria, em dezembro de 2006.

Em 2010 recebeu uma bolsa de pesquisador visitante da Capes, para ministrar o curso de pós-graduação em Nutrição de Ruminantes na Universidade Federal Rural do Semiárido (Ufersa), em Mossoró, RN, onde permaneceu por 4 anos. Possui diversos artigos e livros publicados na área de zootecnia e nutrição de gado leiteiro. Atualmente mora em Belo Horizonte com a família.



Maria Pinheiro Fernandes Corrêa

Paraibana, Maria Pinheiro Fernandes Corrêa nasceu na comunidade de agricultores familiares Vaquejador, município de Antenor Navarro, atual São João do Rio do Peixe, em 19 de junho de 1944, filha de José Augusto Fernandes (*1905–†1997) e Alzira Pinheiro Fernandes (*1915–†2003). A terceira de um conjunto de oito filhos.

Casou-se em 1970, com o engenheiro-agrônomo Hugo Barroncas Corrêa, natural do Amazonas, colega de faculdade, com quem teve três filhas: Kécia Kalina Fernandes Corrêa (junho de 1972), Kênia Patrícia Fernandes Corrêa (outubro de 1973) e Karla Swelen Fernandes Corrêa (abril de 1976), todas em Manaus, em pleno processo de criação do IPEAAOc.

Iniciou seus estudos na própria comunidade, mesmo sem a existência de uma estrutura formal de educação, o que motivou a família a enviar os filhos para cursar o primário no município de Antenor Navarro, no Grupo Escolar Joaquim Távora, que na época era um das poucas escolas públicas do município. Em 1957 migrou para o município de Caucaia, Ceará, onde durante 1 ano, estudou o primário no Externato Maria Laura, e posteriormente obteve bolsa de estudo e transferiu-se para o Colégio Lourenço Filho, instituição privada, onde concluiu o ginásial.

Mudou-se para a cidade de Fortaleza, em 1963, e ingressou na Escola Normal Justiniano de Serpa, onde concluiu o curso secundário. Em 1967, por meio de vestibular, ingressou no curso de Agronomia da Universidade

Federal do Ceará (UFC), graduando-se em 1971. Após graduar-se, migrou para a cidade de Manaus, AM. Lá foi entrevistada por José Carlos, na época diretor da Delegacia do Ministério da Agricultura no Estado do Amazonas (Dema), e posteriormente aceita por Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro, diretor do IPEAAOc, para trabalhar no Laboratório de Análise de Sementes. Em 1972, a convite da pesquisadora Odette Halfen Teixeira Liberal, especialista em Tecnologia de Sementes, do Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Centro-Sul (IPEACS), do Ministério da Agricultura, durante 3 meses fez treinamento no Laboratório do IPEACS, no município de Itaguaí (RJ), agregando importante conhecimento a sua vida profissional. Em 1973, foi contratada pela Acar-AM, porém permaneceu à disposição do IPEAAOc até dezembro do mesmo ano.

Em 1974 foi contratada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), onde foi contemplada com uma bolsa de estudo para cursar o mestrado em Tecnologia de Sementes, pela Universidade Federal de Pelotas, RS, entre 1974 e 1975, defendendo a dissertação “Influência da Superfície de Impacto, Teor de Umidade e Altura de Queda sobre a Incidência de Injúrias Mecânicas em Sementes de Soja (*Glycine max.* [L] Merrill)”, orientada pelo pesquisador doutor Flávio Popinígis, especialista em Fisiologia de Sementes de Plantas Cultivadas. Após a conclusão do mestrado, retornou a Manaus, em 1975, especificamente para a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (Uepae-Manaus), onde assumiu a pesquisa com a cultura do guaraná, lá permanecendo até novembro de 1988.

Iniciou, em 1984, o curso de doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em parceria com a Universidade do Amazonas, orientada pelo pesquisador Afonso Celso Candeira Valois, defendendo a tese “O Estudo de Caracteres Quantitativos e Qualitativos para a Descrição Morfológica do Guaraná” (*Paullinia cupana* var. *sorbilis* [Mart.] Ducke), obtendo assim o título de doutora em 1989.

Voltou ao Nordeste em 1988 para trabalhar no Centro Nacional de Pesquisa do Caju-CNPCa, criado pela Embrapa em abril de 1987, e que posteriormente passou a ser Embrapa Agroindústria Tropical, passando a trabalhar com a pesquisa relacionada a desenvolvimento da cultura do caju. No Nordeste foi chefe-geral da Unidade Meio-Norte (1999–2004) e da Caprinos e Ovinos (2004–2009). Nesta aposentou-se em 2004, porém continuou na chefia até a conclusão do mandato em 2009, quando também saiu da Em-

brapa e passou a dedicar-se às filhas e ao crescimento dos dez netos. Em 2019, aos 74 anos, casou-se com o norte-americano Stephen Pheifer, iniciando uma nova etapa em sua vida pessoal.



Paulo Iemini de Resende

Paulo Iemini de Resende nasceu na cidade de Varginha, terra natal de sua mãe, localizada no sul do estado de Minas Gerais, em 5 de abril de 1942, filho de Romeu de Moraes Resende (*1896–†1969) e Clotilde Iemini de Resende (*1913–†2008). Logo após seu nascimento foi morar em fazenda, na zona rural do município de Três Corações. Iniciou os estudos primários na Escola Rural Estevam Ezequiel de Rezende e os concluiu no Grupo Escolar Bueno Brandão, no centro urbano da cidade de Três Corações. Curvou o ginásio e o 1º ano do científico no Colégio Estadual Três Corações, o 2º ano do científico no Colégio Marista em Varginha e o 3º ano do científico no Colégio de Viçosa, em Viçosa, MG.

Graduou-se em Agronomia, em 1966, na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, em Viçosa (UREMG), atual Universidade Federal de Viçosa (UFV), e, no mesmo ano, foi contratado pela Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas (Acar-AM). Em 1967 participou do curso especial de extensão rural, pelo Centro de Ensino de Extensão Rural de Viçosa, e fez o treinamento de campo na Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural do Ceará (Ancar-CE). No Amazonas fez parte da equipe coordenada pelo engenheiro-agrônomo José Silvio de Sousa, que montou a Acar-AM, sendo o responsável pela criação do primeiro escritório dessa associação, em 1967, no município do Careiro, hoje Careiro da Várzea.

Em 1969, foi para o Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), como extensionista da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (Abcar)/AM, como articulador de

pesquisa-extensão, com a missão de promover a publicação dos resultados de pesquisa e a interação entre pesquisa-extensão-produtor rural, como forma de impulsionar o desenvolvimento do setor primário; ação fomentada pela Abcar, que coordenava o serviço de extensão rural no Brasil. Esse processo de integração entre a pesquisa e a extensão foi idealizado por Moacir Pereira Lima. A escolha de Paulo Iemini de Resende para a função de articulador de pesquisa e extensão rural foi motivada pelo conjunto de atividades já desenvolvidas em parceria com a Estação Experimental do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), dirigida pelo engenheiro-agrônomo Robert Nakajima. Essa estação passaria a ser o IPEAAOc, coordenada por Luiz Fernando Monteiro. Como articulador, Paulo contribuiu para a formação da equipe do Instituto e, em parceria com o consulado alemão, para a instalação de laboratórios e a formação de técnicos, além da publicação dos primeiros resultados de pesquisa, intitulados “Pesquisa em Andamento”. O primeiro trabalho publicado foi do engenheiro-agrônomo Antônio Francisco de Souza, sobre solo, com análises estatísticas do engenheiro-agrônomo Alfio Celestino Rivera Carbajal.

Em 1º de julho de 1970 Paulo Iemini foi contratado pela Abcar e retornou para a Acar-AM somente em 1º de julho de 1972, como assessor técnico, e depois exerceu a função de coordenador de crédito rural. Na Acar foi responsável por organizar o primeiro escritório local em Careiro, e depois retornou para Manaus para ser nomeado o primeiro supervisor regional da Acar-AM. Em 1979, como diretor-presidente da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado Amazonas (Emater-AM), concretizou o acordo com o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), visando ao fortalecimento estrutural e de apoio ao setor primário.

Em 1980 foi patrono da 2ª turma do curso de Engenharia Agrônoma da Universidade Federal do Amazonas. Em 1993, recebeu o certificado de pioneiro da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado do Amazonas (AEAEA), pelo reconhecimento do seu papel como um dos fundadores da entidade no estado. Nos anos de 1991 a 1994, pela segunda vez, presidiu a Emater-AM. Nos dois períodos em que a presidiu, foi escolhido pelos representantes dos sete estados para ser o representante da região.

Entre setembro de 2016 e maio de 2017, foi superintendente do Ministério da Agricultura no Estado do Amazonas. Representou a Secretaria de Produção do Estado do Amazonas (Sepror) no comitê executivo do Programa Luz para Todos e outros fóruns. No ano 1994, por proposição do Co-

mando Militar da Amazônia, recebeu a medalha do Pacificador, concedida pelo Ministério do Exército, pelos relevantes serviços prestados ao Exército Brasileiro. Nos anos de 1992 e 1995, recebeu do Comando Militar da Amazônia o Diploma de Colaborador do Exército.

Coordenou, também, o *Encontro de Piscicultores*, em conjunto com a Eletronorte e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), assim como o *Encontro dos Países da América Latina*, realizado na cidade de Leticia, localizada na Amazônia Colombiana. Contribuiu, também, para a ativação da estação de piscicultura de Balbina, a primeira a produzir alevino com a técnica de indução, no estado do Amazonas.

Mesmo tendo se aposentado em 20 de outubro de 1995, continuou prestando serviços à Sepror, coordenando o grupo de engenheiros dessa secretaria, entre outros. Também continuou apoiando as comunidades rurais, com destaque para o trabalho desenvolvido na Comunidade José Lindoso, em Rio Preto da Eva, onde foi homenageado dando nome à agroindústria de beneficiamento de doces, inaugurada em 8 de agosto de 2014.



Robert Tatsuo Nakajima

Robert Tatsuo Nakajima nasceu no município de Careiro da Várzea, no Paraná do Curari, estado do Amazonas, em 13 de novembro de 1937, filho de Toshizo Nakajima e Taiko Nakajima. O pai chegou a ser o maior produtor de juta do estado. Fez os estudos primários e o científico no Colégio Dom Bosco, na cidade de Manaus, AM. Foi o primeiro amazonense a cursar Agronomia, na Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), atual Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), localizada em Belém, PA, formando-se em engenheiro-agrônomo em 1963. Casou-se no dia 27 de abril de 1968 com Maria de Fátima Souza Nakajima, com quem teve um casal de filhos. Em seu retorno a Manaus foi contratado para ajudar nos trabalhos de plantio de seringueira, às margens do Rio Urubu, no município de Itacoatiara, que fazia parte de um convênio entre o Ministério da Agricultura/Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean) e o governo do estado do Amazonas, iniciado em 1962.

Em 1964 iniciou sua vida profissional no Ipean, trabalhando, principalmente, com a distribuição de sementes de juta aos agricultores do Amazonas. Durante o desenvolvimento das suas atividades nesse instituto, contribuiu para a construção do prédio que abrigou pesquisadores e técnicos do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc) – que hoje é a sede da Embrapa Amazônia Ocidental, no Km 30 da AM-010, estrada que liga Manaus ao município de Itacoatiara – e na gerência dos campos experimentais de Tefé, Maués, Manaus, Itacoatiara e do Caldeirão (Iranduba).

Deixou o Ipean em 1967 para trabalhar no Banco da Amazônia (Basa), na carteira de crédito agrícola, contribuindo para a disseminação e o desenvolvimento do fomento no interior do estado do Amazonas. Deixou o Banco da Amazônia em 1972, passando a trabalhar no ramo empresarial, com a comercialização de máquinas e implementos agrícolas. Encerrou a atividade empresarial na década de 1980, tornando-se diretor da Companhia de Saneamento do Amazonas (Cosama). Porém aposentou-se no ano de 1989 devido a problemas de saúde.

Robert Tatsuo Nakajima, grande colaborador do setor primário, contribuiu para o processo de disponibilização do terreno onde instalou-se o IPE-AAOc. Foi presidente da Associação Koutaku do Amazonas – Amazon Koutakukai, organização que presta relevante serviço no resgate da importância da migração japonesa para o desenvolvimento cultural, econômico e social do estado do Amazonas. Atualmente faz tratamento ao mal de Parkinson e vive com sua esposa no Bairro Vialves, em Manaus, AM.



Walda Corrêa dos Santos

Walda Corrêa dos Santos nasceu em Manaus, Amazonas, em 11 de setembro de 1937. Fez o curso primário no colégio Conêgo Azevedo, no Bairro de Aparecida, e o ginásio no Instituto de Educação do Amazonas (IEA), onde se formou como normalista, exercendo a profissão de professora primária por 10 anos nos colégios São Luiz Gonzaga e Nilo Peçanha. Na Universidade Federal do Amazonas (Ufam) fez o curso de Biblioteconomia, graduando-se em 1972.

Em 1958 começou a trabalhar no Ministério da Agricultura como datilógrafa. Em 1974, o representante do Ministério da Agricultura em Brasília, Luiz Fernando Monteiro, em acordo com o chefe do Ministério da Agricultura no Amazonas, Mario Alves Malafaia, nomeou Walda Corrêa como bibliotecária responsável pela organização do Centro de Documentação do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), no Km 30 da Rodovia AM-010, para garantir informações aos pesquisadores sobre as últimas pesquisas geradas em cada área.

Durante sua presença no IPEAAOc, Walda elaborou o projeto da biblioteca. Para tanto, interagiu com os demais centros de documentação e com as bibliotecas regionais, identificando fonte de geração e informação de pesquisas. Já incorporada ao quadro da Empresa, participou de vários treinamentos em Brasília, reuniões e congressos relacionados ao desenvolvimento da Unidade e da pesquisa agropecuária no Amazonas.

Com a criação do Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê, ingressou automaticamente em 1º de setembro de 1975, admitida por Vicente Haroldo Figueiredo de Moraes (*1937–†2008). Na comemoração dos 10 anos da Embrapa, realizada em 1983, participou do evento juntamente com os pesquisadores e contribuiu publicando o primeiro volume de Resumos Informativos do Guaraná.

Walda Corrêa é casada com Walter Almeida dos Santos e tem dois filhos: Heveraldo Correa dos Santos e Edinaldo Correa dos Santos. Aposentou-se em 1995 e hoje se dedica integralmente à família.

Depoimentos e Recordações

Minhas Recordações da Fase Pré-Embrapa e como Estudante de Agronomia

Afonso Celso Candeira Valois¹

Fase pré-Embrapa

Na qualidade de belas recordações sobre o feliz desempenho da pesquisa agropecuária pioneira na Amazônia Ocidental, lembro que primeiramente havia, em Manaus, a Estação Experimental de Manaus (EEM), ligada ao Instituto Agrônomo do Norte (IAN), depois Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean), com sede em Belém, PA, atualmente Embrapa Amazônia Oriental, instituições que pertenciam ao Escritório de Pesquisas e Experimentação (EPE), depois Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária (DNPEA), substituído pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Eram 9 institutos regionais, mas em seguida o DNPEA aumentou o número para 11 institutos. Assim foram criados o Instituto de Pesquisa e Ex-

¹ Engenheiro-agrônomo, doutor em Genética, Melhoramento e Biotecnologia de Plantas, pesquisador aposentado da Embrapa Amazônia Ocidental, Manaus, AM.

perimentação Agropecuária Meridional (Ipeame), localizado em Colombo, PR (atual Embrapa Florestas), e o Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), este pela transformação da EEM, localizado no famoso Km 30 da Rodovia AM-010 (Manaus-Itacoatiara), atualmente Embrapa Amazônia Ocidental.

Quando eu e meus companheiros João Maria Japhar Berniz e Antônio Francisco Souza, inicialmente lotados no Ipean, chegamos a Manaus no segundo semestre de 1968 (muito salutar anotar que a minha carteira de trabalho data de 3/3/1968, como pesquisador, a princípio do EPE), transferidos para a EEM, encontramos o colega Luiz Fernando Monteiro como chefe dessa estação, que em 1969 passou a se chamar IPEAAOc – depois a palavra “Experimentação” foi excluída dos nomes dos 11 institutos do DNPEA pelo claro entendimento de que experimentação também é pesquisa.

Mais tarde foram recebidos valorosos companheiros, como o saudoso Acilino do Carmo Canto (*1941–†2018), vindo do Ipean (para passar uma chuva, mas que acabou ficando – conforme ele mesmo falava); Fernando Antônio Araújo Campos; Luiz Januário Magalhães Aroeira; Álfio Celestino Rivera Carbajal; Luiz Carlos Almeida; Maria Pinheiro Fernandes Corrêa; Alba Luci Machado Rego, além do nosso grande amigo Alfredo Kingo Oyama Homma. Com Homma ainda como pesquisador ligado ao estado do Amazonas, produzi e publiquei no Boletim Técnico do IPEAAOc, número 2, 41p., 1972, uma pesquisa inédita sobre a “Análise Econômica da Descorticação Mecânica na Cultura da Juta (*Corchorus capsularis*) - Protótipo Iseki Mitsui”, que foi o primeiro trabalho científico com a firme participação do Homma como pesquisador. Para recordar, a cultura da juta foi introduzida no Brasil pelo município de Parintins, AM, em 1931, tendo como grande autor dessa nobre proeza de caráter social, econômico e ambiental o avô do Homma!

Como fato histórico, mais para frente, a Embrapa fundou, em Manaus, o Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira (CNPSe), depois Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê (CNPSD)², que eu mesmo fiz questão de colocar a data de início das atividades para 3/3/1975 (uma segunda-feira), para bem iniciar a vida institucional feliz e cintilante da brilhante Unidade – atualmente Embrapa Amazônia Ocidental; a EEM foi transformada em Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Manaus

² O Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira foi criado pela Deliberação da Diretoria-Executiva da Embrapa nº 098/74, de 16 de abril de 1975, e a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Manaus (Uepae de Manaus), pela Deliberação da Diretoria-Executiva da Embrapa nº 028/75, de 13 de junho de 1975.

(Uepae de Manaus), dentro da denominação oficial da Embrapa (Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual). A Deliberação da Diretoria-Executiva nº 027/80, de 20 de outubro de 1980, ampliou o CNPSe para CNPSD.

Em seguida, a Embrapa fundiu o CNPSD e a Uepae de Manaus em uma única Unidade Descentralizada, ou seja, a Embrapa Amazônia Ocidental³. Ainda como fato histórico, a área de aproximadamente 1.694 ha, desta feita já pertencente à Embrapa, foi dividida entre as duas novas unidades. A Uepae herdou a infraestrutura e o apoio logístico da EEM, enquanto que o CNPSD teve que começar do zero!

Depois, com o suporte do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), houve a construção e o aparelhamento do CNPSD; e também a própria Uepae recebeu melhoramentos significativos na infraestrutura e apoio logístico. No Centro, inicialmente, foram construídos barracões para escritórios, almoxarifado, depósito de materiais, garagem com oficina mecânica e restaurante rústico, principalmente de madeira – até os dias atuais existem algumas dessas instalações muito úteis, para a minha satisfação; eu e o saudoso Vicente Haroldo de Figueiredo Moraes (*1937–†2008) traçamos os primeiros croquis –, caixa d'água (poço semiartesiano com 60 metros de profundidade), além da abertura e sistematização do primeiro campo experimental e de outras benfeitorias essenciais para o início das atividades, enquanto havia a terraplanagem da área e edificação das construções modernas, propriamente ditas. Atualmente estão ampliadas e melhoradas, graças a Deus! Enquanto a base física do CNPSe era construída, nos alojamos em um prédio antigo, mas funcional, localizado à Rua Monsenhor Coutinho, no centro de Manaus.

Recordo-me que em um dia inusitado a temperatura do meio ambiente em Manaus ficou entre 15-18 graus Celsius, fez frio. Foram abertas as janelas das salas e apreciamos pessoas, do lado externo do prédio, usando casacos e outros agasalhos apropriados ao clima frio. À noite houve uma partida de futebol, no Estádio Vivaldo Lima, entre um time amazonense e outro paraense, mas a maioria dos torcedores saiu bem antes do encerramento da partida devido ao frio considerado intenso. Era o efeito da friagem que desce dos Andes e que muitas vezes alcançava Manaus!

³ A Deliberação da Diretoria-Executiva da Embrapa nº 005/91, de 1º de março de 1991, alterou a denominação de Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia para Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Ocidental, localizado em Manaus, AM.

Ainda para minha satisfação, o nome IPEAAOc foi escrito em calçada em frente ao prédio onde antes funcionava a sede da EEM, pela minha instrução e autorização, além da ação gloriosa do saudoso Senhor Mário Almeida, que também foi uma especial pessoa que muito nos ajudou! Agradeço muito aos nobres colegas que vieram depois e mantiveram essa recordação de muito valor cultural, até sentimental!

Ainda como fato histórico, no CNPSe, a luz elétrica era advinda de geradores, muito dispendiosos. Então, a Embrapa contribuiu com recursos financeiros para que a Companhia de Eletricidade do Amazonas (CEM) levasse a rede elétrica, passando pelo Km 30, até ao Km 60, na comunidade de japoneses, que até aos dias atuais se destaca pela grande produção de ovos.

Eu falava mesmo, de peito aberto, que a Embrapa tinha dado uma preciosa contribuição à eletrificação rural no Amazonas, pois, na época, se não fosse o valioso aporte de recursos financeiros oriundos da Embrapa para a dita rede de iluminação passar pelo Km 30, jamais a CEM teria disponibilidade de verba suficiente para estender esse grande benefício às comunidades do Km 60 da Rodovia AM-010.

Em termos de campo experimental propriamente dito, o IPEAAOc herdou da ex-EEM o Campo do Km 30, a Estação Experimental de Maués (pesquisas com o guaranazeiro), onde eu e um competente pesquisador americano do Corpo da Paz, que trabalhava conosco, implantamos um experimento inédito sobre o mecanismo de floração e frutificação do guaranazeiro e publicamos no Boletim Técnico do IPEAAOc, número 4, p. 35-58, dez. 1974, bem como o famoso Campo Experimental de Várzea do Caldeirão (durante o dia, o Rio Solimões armazena a energia solar, e no período da noite é liberado um forte calor, em cujo clima era muito difícil dormir – Haja carapanã! Daí o nome Caldeirão), que atualmente compõe o município de Iranduba, sendo ampliado para a terra firme, onde ocorre a preciosa Terra Preta do Índio, um fabuloso solo antropogênico!

No Km 30, o IPEAAOc implantou uma área histórica de 3 ha, na qual se instalou um experimento com 15 clones de seringueira. Com o advento do CNPDS, um fato pitoresco aconteceu. Como o novo centro ainda não possuía um campo com seringueiras adultas, as pesquisas pioneiras de melhoramento genético, nutrição e adubação, fisiologia vegetal, entomologia e fitopatologia (inclusive houve o teste de termonebulizador para o controle do

fungo *Microcyclus ulei*, na qualidade de uma nova tecnologia que foi trazida por um competente pesquisador-consultor do RRIM - Malásia), a histórica área experimental foi carinhosamente denominada de “Tudo eu”! Depois, o centro abriu outros campos experimentais, como a Área dos 10 ha e Área dos 100 ha, além da EEDA (seringueira) e EERU (dendê), onde foram instalados modernos experimentos.

Ainda como outra grata recordação, certa vez, passando por Belém, PA, por volta de 1971, entrei em contato com o Dr. Eurico Pinheiro, então Secretário de Estado de Agricultura do Pará, meu ex-professor na EAA, grande amigo e parceiro em pesquisas com seringueira, e solicitei mil sementes pré-germinadas de dendê Tenera (*Elaeis guineensis*), que em articulação com a Sudam vinham sendo plantadas no município de Benevides, PA, já na visão estratégica de que a Amazônia Ocidental tinha inteiras condições climáticas, edáficas e topográficas para o inteiro êxito do cultivo dessa importante palmeira em bases econômicas, sociais, ambientais e políticas.

Consegui as sementes sem maiores delongas e as conduzi praticamente “debaixo dos braços”, em caixas de papelão umedecidas, com as sementes envolvidas em serragem, na cabine de passageiros do avião, pois eu tinha receio de despachar, e os importantes genótipos perecerem no bagageiro sem pressurização, a menos 40 graus Celsius. No IPEAAOc fiz as recomendações técnicas para primeiramente estabelecer o pré-viveiro em ambiente de casa de vegetação rústica, depois o viveiro propriamente dito e por fim o plantio definitivo no campo, ao lado do “Tudo eu”, no Km 30.

Entreguei as sementes a um competente colega e, logo em seguida, viajei à Estação Experimental de Tefé (EET). Quando retornei verifiquei que muitas das sementes tinham sido mal plantadas nos saquinhos, por isso foi preciso retirá-las, colocá-las na posição correta e plantá-las novamente. Todo esse esforço despendido foi bastante válido, pois o pioneirismo do IPEAAOc, mais tarde, foi utilizado pelo CNPSD, nas primeiras pesquisas com dendê na região, incluindo o dendê amazônico (*Elaeis oleifera*), o famoso caiaué.

Assim, tanto o “Tudo eu” como a citada área de dendê, ainda atualmente existente, foram pilares para as pesquisas da Embrapa Seringueira e Dendê no Amazonas e em outras regiões da Amazônia.

Caros leitores, faço questão de anotar este pequeno relato para recordar denominações, afirmar e aplaudir a excelente iniciativa de muitos apoiadores solidários para a reconstrução desta bela história, além de ficar bastante agradecido por fazer parte dessa valiosa trajetória, um dos fulcros para o sucesso de tão importante processo, como grande legado para a pesquisa agropecuária na Amazônia Ocidental.

Fase de estudante de Agronomia

Com a conclusão do meu curso científico em São Luís, MA, atualmente denominado curso médio, em 1963, no Liceu Maranhense, tive a grande oportunidade de me submeter ao exame vestibular para Engenharia Agrônômica na capital maranhense, pois a Diretoria da Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), a que eu escolhi para alcançar essa almejada formação, teve a feliz iniciativa de oferecer o concurso a interessados não só do Pará, mas também do Maranhão, Amapá, Amazonas e Mato Grosso. Fui incluído no grupo dos 80 vestibulandos que galgavam a tão sonhada aprovação, com representação dos citados estados, sendo o Maranhão aquele que foi privilegiado com o maior número de candidatos que obtiveram êxito.

A nova vida universitária passada em Belém teve início no ano letivo de 1964, quando eu e meus companheiros maranhenses tivemos que ir morar em repúblicas de estudantes, fato inusitado para a grande maioria, inclusive para mim.

A primeira república onde fomos morar, denominada Casa dos Acadêmicos de Agronomia do Maranhão (CAAM), já estava formada por outros colegas veteranos, que gentilmente nos acolheram e nos acomodaram na medida do possível, com a visão de logo ser formada nova república por nós mesmos. A CAAM estava localizada à Travessa Lomas Valentinas, tendo ao canto o Posto Invencível (comercialização de combustíveis, pneus e peças automotivas), em frente à Avenida Almirante Barroso, nas proximidades do Bosque Rodrigues Alves, aprazível local que ostenta um rico jardim botânico, escritórios e laboratórios científicos, além de possibilitar a bem-vinda visita pública. A CAAM também ficava próxima ao IAN, atual Embrapa Amazônia Oriental, com acesso fácil à EAA.

Recordo-me que, nos dias de aulas formais na semana, tínhamos ônibus da EAA para nos transportar até à faculdade. Porém, aos sábados,

quando havia necessidade de ir à escola para estudar ou mesmo para efetuar práticas em laboratórios, como química analítica, eu e meus guerreiros colegas íamos em ônibus de linha até ao portão do IAN, e de lá caminhávamos cerca de 5 km até à EAA.

Em um desses dias da semana, enquanto aguardávamos um dos ônibus da EAA, resguardados daquela costumeira chuva das 14h de Belém, na Avenida Almirante Barroso, aconteceu um repentino temporal, quando eu e meus colegas de república assistimos à queda de uma enorme mangueira sobre uma pobre senhora que caminhava sobre a estrada de ferro existente naquele local, a qual veio a falecer de imediato. Muito triste!

Quando fomos para Belém, tivemos a sorte da concessão de bolsa de estudos pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), o que nos possibilitou sair da CAAM e ir morar em um anexo do Hotel Central, localizado bem no centro de Belém. Dentro dessa nova estrutura de vida e adaptação, lembro que só uns dias antes fui atentar para a primeira prova escrita a que me submeti na EAA!

Após a estada nesse hotel, nos transferimos para uma república que nós mesmos formamos, localizada à Avenida Senador Lemos, também no centro de Belém, onde foram morar 40 estudantes, contando-se também com a presença de colegas maranhenses que faziam outros cursos de nível superior na bela capital paraense. Entre esses colegas estavam João Maria Japhar Berniz e Antônio Francisco Souza, que seguiram comigo no EPE, DNPEA, IPEAAOc e Embrapa.

Como lembrança, logo no início, a Sudam atrasou o pagamento da bolsa, o que nos obrigou a comprar fiado em feira localizada nas proximidades da república; passamos cerca de três meses nos alimentando do saudável peixe piramutaba no almoço (cozido) e no jantar (frito), para variar um pouco. Somos muito gratos àquela bondosa pessoa que nos forneceu o alimento, com a esperança de a Sudam nos pagar a bolsa. O pagamento foi efetuado e tudo se normalizou, graças a Deus!

Quando as colaboradoras e dignas lavadeiras iam apanhar as roupas sujas era uma assustadora montanha. As devotadas cozinheiras e demais domésticas também exerceram um hercúleo esforço e dedicação admirável para nos servir a contento.

Diante do grande número de pessoas que tinha como fundamento estudar e submeter-se às provas curriculares, houve a necessidade da formação de outras repúblicas, dado o desmembramento dessa da Senador Lemos, localizadas à Avenida José Malcher, Rua Canudos, Travessa Dr. Enéas Pinheiro e Rua 25 de Setembro. Inicialmente fui morar com outros colegas na república da Enéas Pinheiro (próxima à entrada do Ipean, com acesso fácil à EAA), para depois me fixar com outros colegas na 25 de Setembro. Quando eu estava no terceiro ano de Agronomia, entrei para o serviço militar obrigatório, no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), do Exército Brasileiro (EB), sendo que no período das férias na EAA, para não ficar só na república, eu ia para a casa de um primo, que era do Banco da Amazônia (Basa), a quem muito agradeço.

Recordo-me ainda de um grande triunfo que obtivemos junto à extinta companhia aérea Varig, que foi a concessão de passagens aéreas de cortesia (gratuitas) de ida a São Luís e volta para Belém em uma das férias regulares na EAA, quando eu e meus amigos de república demonstramos muita persistência, perseverança e determinação para obter esse grande benefício, de forma ética, legal, transparente, com boa vontade e grata compreensão do pessoal da empresa aérea. Com Deus, Nossa Senhora de Nazaré e Nossa Senhora da Conceição no comando!

Outra história inusitada ocorrida no nosso glorioso tempo de EAA é deveras hilariante! A escola possuía dois ônibus que transportavam os universitários não só para o dia a dia na EAA como também para eventos acadêmicos. Certa vez fomos a uma excursão para visitar plantios de arroz irrigado e receber aula prática. Partimos sob aviso de que o local não era muito distante de Belém, no município de Santa Maria do Pará, em um projeto de irrigação denominado Inique. Para cumprir o itinerário programado, o ônibus no qual me encontrava saiu na frente do outro ônibus. Durante o trajeto, notou-se demasiada demora para chegar ao referido local, o ônibus já estava há mais de duas horas trafegando, quando se tinha recebido a informação de que seria no máximo uma hora de deslocamento. Assim, o grupo resolveu questionar o motorista, que, diante da dúvida, resolveu parar o veículo para melhor analisar a situação que se apresentava. Para a nossa sorte, o motorista do segundo ônibus, ao sentir a nossa falta na entrada auxiliar para adentrar ao projeto, resolveu ir em busca do nosso veículo, que ainda se encontrava estacionado à margem da rodovia. Realmente, para a nossa sorte fomos alcançados, e logo a dúvida foi dissipada. O nosso moto-

rista entendeu que o evento seria em outro município paraense denominado São Miguel do Guamá, bem mais distante de Belém. Depois de passado o susto, a frase que reinou nessa proveitosa excursão técnica e aventureira foi a seguinte: “Não confunda Inique, em Santa Maria do Pará, com Piquenique em São Miguel do Guamá”! Coisas da vida de estudantes de primeira viagem.

A trajetória profissional propriamente dita

Após a colação de grau no auditório da própria EAA, em 8/12/1967, em que obtive a honrosa sétima colocação em uma brilhante turma de 56 engenheiros-agrônomo, fui contratado pelo Ipean, em Belém, como recibado, em 3/3/1968; depois fui transferido para a EEM, em Manaus, cidade que eu já conhecia por ter servido como Aspirante a Oficial da Reserva no 25º Batalhão de Caçadores, do Exército Brasileiro, na capital amazonense.

Recordo-me que, ao me formar, tive em mãos a oferta de seis empregos, porém escolhi aquele cujo salário era o mais baixo (inicial de 632,00 no dinheiro da época, quando o valor salarial variava em até 2.500,00 em outras instituições do ramo), pois a esperança de sucesso da pesquisa agropecuária pública brasileira era enorme, o que se tornou realidade. Certa vez, no Ipean, o diretor do Instituto, que tinha sido meu professor de Química Orgânica na EAA (Dr. Alfonso Wisniewski), encontrou-me em um corredor do referido Instituto e falou alto e bom som: “Meu jovem, ontem eu participei de uma importante reunião em Brasília, no Ministério da Agricultura, cujo fundamento foi a criação de uma empresa pública de pesquisa agropecuária, com direito privado e autonomia para tirar os institutos do DNPEA da vala comum em que se encontram no Ministério”. Simplesmente esse evento tinha sido um importante passo para a criação da Embrapa!

Após contratação efetuada pelo Ipean, eu, João Japhar, Antônio Souza e mais um colega que também foi contratado na época, Luiz Henrique Vieira (maranhense, da nossa turma na EAA e também de república), tivemos a oportunidade inédita de seguir para um treinamento de iniciação à pesquisa, de enorme valia para o nosso progresso profissional. Primeiramente, nos juntamos a colegas de outros institutos do EPE, depois DNPEA, no Ipeaco, para o início do treinamento; em seguida fomos para o IPEACS para a continuação, tendo depois retornado para o Ipeaco; e depois fomos novamente ao IPEACS para seguir no programa de capacitação, para em seguida eu

e o Antonio Souza irmos para a Ceplac/Cepec, localizada em Ilhéus, BA, no entanto ficamos morando em Itabuna, no hotel do Senhor Carneiro. Enquanto isso, Japhar e Luiz permaneceram no IPEACS para a continuação do treinamento.

Depois desse treinamento em serviço, eu, João Japhar e Antônio Souza retornamos para Belém e, em seguida, fomos alocados na EEM. A mim foi dada a missão especial de fazer pesquisas com juta, com ênfase na produção de sementes, pois o governo do Amazonas queria se desvencilhar do governo paraense, pois era total a dependência da produção desses genótipos em Alenquer e Monte Alegre, no Baixo Amazonas, nas excelentes condições de terra roxa estruturada na terra firme.

Foi no IPEACS que tivemos a satisfação de receber o nosso primeiro salário de 632,00 como recibados, mas para isso tivemos de nos deslocar de Seropédica a Campo Grande, RJ, para o recebimento em agência do Banco do Brasil. Enviei todo o meu salário para a minha estimada e saudosa mãe, Cândida Candeira Valois, em São Luís, como sinal de grande reconhecimento e honra!

Ainda no IPEACS, no segundo semestre de 1968, tivemos a grande notícia da nossa passagem da condição de recibados para o regime de CLT, situação empregatícia atualmente em evidência a todos os empregados da Embrapa, embora muitos da época tivessem preferido continuar como estatutários junto ao Ministério da Agricultura.

Eu, João Japhar e Antonio Souza viajamos de Belém para Manaus de avião, que pousou no antigo aeroporto de Ponta Pelada, em uma linda tarde! Logo nos dirigimos para a residência do colega Luiz Fernando Monteiro, chefe da EEM, localizada à Avenida Leonardo Malcher, no Bairro Cachoeirinha, ocasião em que fomos muito bem recebidos. Recordo-me de um fato engraçado que ocorreu em nossa chegada a Manaus: naqueles dias, o time de futebol local chamado Nacional, ou simplesmente Naça, na linguagem dos seus apaixonados torcedores, estava contratando jogadores de outros estados. Assim que desembarcamos e fomos apanhar as bagagens, profissionais da imprensa nos assediaram, pois pensavam que nós três éramos os novos reforços que havia chegado para o Nacional!

Após as apresentações de praxe ao chefe da EEM, seguimos para a primeira república em que moramos em Manaus, situada no local denomi-

nado Caxangá, próximo a um estaleiro, com acesso fácil à Avenida 7 de Setembro, no centro da capital amazonense, em pleno fervor da recém-criada Zona Franca de Manaus.

Em Caxangá fomos muito bem recebidos pelos colegas José Clodoveu, Nilton Passos, Luiz Antelmo, Cezar e Mineirinho (técnico agrícola), que já atuavam na Delegacia Estadual do Ministério da Agricultura (Dema). Clodoveu chegou a trabalhar conosco no IPEAAOc em um programa ligado à parte animal denominado Plamam, sendo inclusive delegado na Dema, além de posteriormente ter sido a pessoa que assinou a minha carteira de trabalho com a data retroativa de 3/3/1968, como pesquisador do DNPEA.

Já como empregado da Embrapa, o saudoso Luiz Antelmo foi um dos chefes da Uepae de Manaus, além de antes ter chefiado a Fundação Nacional do Índio (Funai) em Roraima, tendo me proporcionado a feliz e sentimental oportunidade de me levar para visitar o túmulo do meu avô materno, que eu não conheci em vida. Na bela oportunidade, eu estava em viagem de trabalho a Boa Vista.

O Cezar, um peruano de garra, que se formou em Engenharia Agrônômica na ENA, em Seropédica, RJ, pessoa do bem, bastante competente e amigo, responsabilizava-se pelo plantio da grama do Estádio Vivaldo Lima (atualmente Arena da Amazônia), cuja inauguração foi feita pela vitoriosa Seleção Brasileira de Futebol da Copa do Mundo de 1970, no México.

Como outra recordação agradável, em suas atividades profissionais, o Cezar dirigiu a delimitação dos primeiros terrenos do Bairro Alvorada I, atualmente um dos mais movimentados de Manaus, e eticamente doou lotes para colegas do IPEAAOc, sendo que o meu, preferi transferir para um dos empregados que atuavam com maestria na oficina mecânica do IPEAAOc. Muito tempo depois tive a satisfação de reencontrar o Cezar próximo de sua residência, no Conjunto Eldorado, em Manaus. O Nilton se tornou um grande empresário da citricultura, conduzindo o seu plantio em área próxima ao IPEAAOc.

Após a moradia em Caxangá, eu, João Japhar e Francisco Souza fomos residir em locais diferentes; eu fui morar em pensão próxima à Rua Miranda Leão e depois em outra situada à Avenida Joaquim Nabuco, bem como no próprio alojamento da Dema, localizado nessa mesma avenida, onde também morava o delegado da Dema, Senhor Mário Malafaia. Este,

tempos depois, teve a infelicidade de estar naquele trágico voo da Gol que caiu no trajeto de Manaus para Brasília, do qual ninguém escapou com vida.

Depois, eu, João Japhar, Antonio Souza, Acilino do Carmo Canto (egresso do Ipean) e Antonio Augusto (engenheiro-agrônomo maranhense) e Nilson Pires (da seção financeira do IPEAAOc, egresso do Ipean) montamos uma república em uma vila localizada à Avenida Leovegildo Coelho e depois outra na mesma vila, sendo que, como grata recordação, eu e Fernando Monteiro, em uma noite inspirada, começamos a escrever a primeira Circular Técnica do IPEAAOc, de título “Produção de Sementes de Juta no Estado do Amazonas”, com base nos inúmeros experimentos que eu instalei em vários locais.

Ainda como recordação, porém não grata, certa vez, em viagem oficial para Belém, na costumeira “pelada” do sábado à tarde, em um campinho do Ipean, eu cai e quebrei o osso rádio do braço esquerdo, na tentativa de aplicar um drible em um colega, quando eu mesmo escorreguei sob uma chuva torrencial. Fui atendido pelo Dr. Maradei, mas no outro dia cedo eu teria de retornar para Manaus.

Em vista disso, o Dr. Maradei fez a devida proteção e me encaminhou ao Dr. Júlio Torres, em Manaus, que realizou a operação, por sinal muito bem-sucedida, com a fixação de platina com parafusos e costurados 11 pontos no braço. Quando viajava de avião eu tinha de levar a radiografia do braço para mostrá-la à vigilância no momento do embarque, por causa dos metais, que eram detectados. Foi nessa última república da vila da Leovegildo que eu fiquei repousando por alguns dias, dentro das normas regulamentares oficiais.

Aliás, nesse caso do braço quebrado, recordo-me que certa vez eu e outros colegas do IPEAAOc e da Dema saímos para uma atividade de pesquisa e assistência técnica a produtores rurais, em área de várzea, tendo como transporte uma lancha denominada Guaraná, pertencente ao Ministério da Agricultura. No intervalo para o almoço, que foi no interior da própria embarcação, três colegas pegaram a canoa que estava sendo conduzida a reboque e saíram para pescar com vara, anzol e colher (equipamento que atrai o peixe tucunaré). Eu fiquei na lancha por me encontrar com o braço engessado.

Passadas três horas, aproximadamente, eles retornaram à lancha conduzindo exatos 89 tucunarés de bom tamanho, que foram saboreados em refeições. O que me espantou foi o número elevado de peixes capturados em tempo relativamente curto, demonstrando a fartura de pescados naquela região próxima a Manaus, sob a influência do Rio Negro.

Ainda residi em outra república localizada no Bairro Aparecida, onde também moravam Acilino Canto e João Japhar, entre outros colegas de outras instituições. Ainda estive em um alojamento que organizamos no próprio escritório do IPEAAOc, localizado no centro de Manaus, à Rua Miranda Leão. Depois fui morar em casa alugada, em uma vila situada à Avenida Borba, no Bairro Cachoeirinha, onde antes moravam Japhar e sua família, pois ele havia partido para o curso de mestrado na Universidade Federal de Viçosa, MG. Nessa ocasião eu me casei, comprei uma casa no Conjunto Residencial Kissia (próxima ao Estádio Vivaldo Lima), encerrando, assim, a vida de morar em república ou mesmo só, em Manaus.

Nessa boa fase no IPEAAOc, tive a oportunidade de fazer um excelente treinamento no Instituto de Pesquisa IRI, localizado em Matão, SP, onde pela parte da manhã era estudo de língua inglesa e à tarde eram os trabalhos de pesquisa propriamente ditos. Pesquisei o elemento fósforo em três solos de cerrados da região de Matão, que se traduziu na segunda Circular Técnica de minha autoria. Nessa ocasião, houve a minha primeira apresentação de trabalho técnico-científico em público, quando tive que fazê-la no escasso tempo de 10 minutos, abrindo outros 5 minutos para as perguntas e respostas! O colega Fernando Campos, também do IPEAAOc, fez parte desse importante treinamento em conjunto comigo, além de colegas de outros institutos do DNPEA. No período, eu e o Fernando viajamos a Uberaba, MG, para participar de importante evento sobre gado bovino.

Ainda no IRI tive a ideia de viajar a Piracicaba, SP, para verificar, no Departamento de Genética da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq), a oportunidade de cursar o mestrado, no que tive total êxito. Para isso contei com a honrosa colaboração do colega Aroldo Linhares, do Ipeas, que indicou dois colegas para me acompanharem em Piracicaba, os quais já faziam curso no Departamento de Agricultura da Esalq: Clóvis Wetzel (já falecido) e Magali Wetzel, competente casal gaúcho também lotado no Ipeas, que posteriormente se tornaram meus grandes amigos em Unidades da Embrapa, em Brasília, de utilidade ímpar para que eu me inscrevesse no re-

ferido curso, que se traduziu em um dos fundamentos para a minha carreira profissional na Embrapa. Muito agradeço aos três!

Como impulsão ética ao meu aceite no mestrado da Esalq, o IPEAA-Oc recebeu a visita de uma preciosa equipe transdisciplinar que já estudava sobre a viabilidade da criação da Embrapa. Nessa equipe estavam o saudoso Dr. José Irineu Cabral (*1925–†2007) (que depois se tornou o primeiro diretor-presidente da Embrapa), além do Dr. Almiro Blumenschein (*1931–†2019) (competente professor, chefe no Departamento de Genética e Instituto de Genética da Esalq, depois meu coorientador no mestrado), que se tornou um dos primeiros diretores-executivos da Embrapa - grande amigo do CNPSD, que muito se empenhou pelo êxito obtido do adicional de 25% aos salários dos empregados da Embrapa na Amazônia, resultado auspicioso do grande esforço desenvolvido pelo colega Vicente Morais e modestamente por mim. Nessa visita, o Dr. Almiro ficou conhecendo parte dos trabalhos, sentiu o potencial das pesquisas efetuadas e em andamento.

Certa vez cheguei a Brasília para tratar de vários assuntos ligados ao CNPSD, dentre eles a salubridade de 25% para os empregados, com o Dr. Almiro. Quando abri a agenda em frente a esse diretor amigo da Amazônia, ele viu a porcentagem, apontou e se adiantou: “Valois, isso já está resolvido, conseguimos ontem à noite”. Modestamente, para mim, essa excelente notícia foi um alívio, pois o objetivo fora alcançado bem como a meta pretendida, dentro da lei. Para não olvidar, uma das justificativas que o competente Vicente Morais estrategicamente colocou na bem elaborada carta enviada à DE da Embrapa foi o elevado custo de vida em Manaus e os altos preços das passagens aéreas, o que dificultava sobremaneira a fixação do pesquisador, especialmente na Amazônia Ocidental. Foi em apenso um recorte do Jornal *A Crítica*, mostrando o avultado preço do quilo do tomate em relação a outros estados, como exemplo, que eu mesmo fiz questão de enfatizar na reunião de trabalho efetuada em Brasília, com o diretor Almiro, já mencionada.

Como todos sabem, a grande limitação ao sucesso dos cultivos de tomateiro a céu aberto na Amazônia é a ocorrência endêmica e bastante agressiva da bactéria *Ralstonia solanacearum*. No meu pós-doutorado, nos Estados Unidos, já como pesquisador da Embrapa, esse foi um dos temas de pesquisa, quando efetuei a fusão de protoplastos entre tomate e jurubeba e tomate e cubiu, por serem essas duas espécies imunes à doença.

A jurubeba e o cubiu são da mesma família botânica do tomate, ou seja, Solanaceae.

Outra técnica que os produtores têm utilizado é usar o cavalo de jurubeba enxertado com tomate, mas a longevidade não tem sido grande (faltam mais estudos de compatibilidade cavalo-cavaleiro). Vi essa técnica pela primeira vez sendo executada com sucesso por um agricultor japonês na localidade Areaú, à margem da rodovia que liga Manaus a Manacapuru. Outra é fazer o cultivo em ambientes cobertos, bem controlados, com ênfase no tratamento adequado do solo. Essa última técnica tive a oportunidade de verificar em um conjunto de casas de vegetação dos adventistas, localizado no município de Rio Preto da Eva, AM, nas proximidades de Manaus.

Recordo-me ainda de um fato inusitado ocorrido durante a pesquisa de fusão de protoplastos, acima referida. Quando eu estava efetuando esse trabalho nos Estados Unidos, tive a satisfação de receber a visita do colega Evaristo Miranda, competente pesquisador da Embrapa, que mantinha boa relação profissional com o Jornal *O Estado de São Paulo*. O Miranda ficou muito animado com a citada pesquisa e quando retornou ao Brasil elaborou um artigo que foi publicado no *Estadão* com o seguinte título: Tomabeba ou Jurumate? A referência foi para a possibilidade de obtenção do híbrido entre tomate-jurubeba. Agradeço ao Evaristo Miranda pela feliz iniciativa!

Vicente Moraes, ex-chefe do CNPSD, egresso do Ipean, competente pesquisador de destacada inteligência, não mais se encontra entre nós, mas em seu grande legado se encontram a persistência, a perseverança e a determinação de lutar e deixar para todos os empregados da Embrapa lotados na Amazônia Ocidental, e mais no Amapá, essa vantagem salarial de 25%, de extrema relevância, com o grande apoio do Dr. Almiro. Que Deus esteja lhe conservando em lugar sagrado!

Eticamente, devo ainda frisar que, a princípio, esse benefício não incluía o pessoal da Embrapa lotado em Belém, PA, devido ao custo de vida ser bem inferior ao observado nas outras capitais da Amazônia. No entanto, após o êxito obtido, o senador Jarbas Passarinho, já falecido, acriano, ex-governador do Pará, ex-ministro, obteve sucesso na extensão desse ganho de salubridade a todos os empregados da Embrapa lotados na Embrapa Amazônia Oriental, com bastante justiça!

Quando o Vicente Morais estava à procura de moradia para fixar residência em Manaus e iniciar a organização do CNPSe, tive o prazer de acomodá-lo por poucos dias na casa onde morava à Avenida Borba. Em uma noite lhe solicitei para revisar o artigo que eu estava escrevendo sobre a floração e frutificação do guaranazeiro. Ele executou essa tarefa com maestria, sugerindo acrescentar a proposição de um correspondente ciclo de alteração hormonal que poderia ser dos seguintes tipos: auxina/giberelina, auxina/ácido abscísico ou giberelina/ácido abscísico nesse fenômeno. Na publicação do artigo no Boletim Técnico do IPEAAOc, (4): 35-58, dez. 1974, consta o devido agradecimento ao Vicente Morais por essa e outras sugestões inéditas aplicadas ao guaranazeiro.

Eticamente devo ainda enfatizar que foi o Vicente que me indicou ao Dr. Almiro para assumir o cargo de primeiro chefe-adjunto técnico do CNPSe, no qual permaneci por 7 anos consecutivos, tendo logo em seguida rumado para o doutorado na Esalq, ficando o José Carlos Nascimento ocupando o cargo. Mais à frente retornei a Manaus para ser chefe-geral do CNPSe, por dois anos, por intervenção de outro grande diretor-executivo que tivemos na Embrapa, que foi o Dr. Raymundo Fonsêca Souza.

Como componente do grupo de bons pesquisadores que estiveram no IRI, tempos depois, já na Embrapa, estava o colega Irineu Bays, excelente melhorista, criador da soja Tropical, que lamentavelmente faleceu na sinistra queda de avião no trajeto entre Imperatriz e Balsas, ambas no Maranhão, no qual também estavam mais três competentes colegas da Embrapa Soja. Antes dessa nefasta viagem, eles passaram comigo na sede da Embrapa, ainda localizada no Edifício Venâncio 2.000, para mostrar uma importante atividade que iriam executar com soja no sul do Maranhão. Uma perda lastimável!

Outra relevante contribuição do IPEAAOc foi a implantação das pesquisas com cacaueteiro em sua base física do Km 30. Certo dia recebi uma ligação telefônica do Dr. Paulo de Tarso Alvim (*1919–†2011), aquela mesma pessoa que gentilmente tinha dado guarida especial a mim e ao Antonio Souza no excelente treinamento efetuado na Ceplac/Cepec. O Dr. Paulo estava hospedado em alojamento do Inpa, cuja sede ainda estava localizada no centro de Manaus, antes da suntuosa sede do Aleixo.

A missão do Dr. Paulo Alvim, que depois se tornou outro grande amigo da Embrapa, era fazer um estudo preliminar para a implantação de pesqui-

sas com cacauero no Amazonas, e queria visitar a base física do IPEAAOc para vislumbrar essa possibilidade. Assim, o levei ao Km 30, ele fez os levantamentos necessários e retornamos para Manaus.

O Dr. Paulo, fisiologista vegetal de elevado conhecimento e experiência, que infelizmente já faleceu, era superintendente técnico que implantou a Ceplac/Cepec em conjunto com o Dr. Haroldo e Dr. Brandão. Foi ele que teve a feliz iniciativa de alocar o colega José Carlos Nascimento (*1943–†2017) em Manaus, então extensionista na Ceplac, para implantar os trabalhos com cacauero no Amazonas, tendo como base física o Km 30, sob a guarida do IPEAAOc. Dentro do aspecto técnico-científico, assim como eu fiz para seringueira, eu e o José Carlos implantamos no campo do Km 30 um experimento inédito com cacauero, onde foi efetuada a estimativa de parâmetros genéticos sem utilização de testes de progênies, cujo artigo posteriormente foi publicado pela revista Pesquisa Agropecuária Brasileira (PAB), 21 (9): 965-970, set., 1986.

Para recordar, mais para frente, com a criação da Embrapa, a Empresa teve como referência duas instituições para implantar o seu sistema de planejamento de pesquisa: a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) e a Ceplac/Cepec. Um grande esforço foi orientar os projetos de pesquisa sem a figura dos subprojetos, como se fazia no DNPEA, que foi um grande desafio, em que se obteve pleno êxito depois de muito denodo. Esse tipo de planejamento era corriqueiro no Cepec.

Destaco que, no desenvolvimento das pesquisas com seringueira e dendezeiro, fiz uma adaptação do Modelo Circular de Pesquisa da Embrapa, implantado pelo saudoso e competente diretor-executivo Dr. Edmundo Gastal, naquilo que chamei de Modelo Circular Regionalizado Integrado, e coloquei para funcionar nos polos de pesquisa que implantei no Amazonas, Pará, Amapá, Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

No polo da Bahia envolvi a Ceplac/Cepec, aproveitando a autorização específica advinda da Presidência da República, do General João Batista Figueiredo, para o aumento do número de pesquisadores do CNPSD, especialmente para seringueira. Foi assim que, entre os novos pesquisadores contratados, foram alocados no Cepec os excelentes fitopatologistas Álvaro e José Clério, infelizmente tendo este último falecido recentemente. O colega Álvaro atualmente é pesquisador da Embrapa Florestas.

Ainda no IPEAAOc tive a felicidade de seguir para o mestrado no Departamento de Genética, da Esalq-USP, em Piracicaba, SP, concretizando os esforços acima referidos, quando apresentei, com sucesso, a dissertação sob o título “Efeito da seleção massal estratificada em duas populações de milho e na heterose dos seus cruzamentos”, que depois foi publicada pela Revista Pesquisa Agropecuária Brasileira, 18 (10); 1099-1107; 1983, que se juntou aos demais trabalhos de pesquisa que tive a sorte e o dever de montar e publicar ainda no tempo do nosso cintilante IPEAAOc.

Outra pesquisa de destaque efetuada no Campo Experimental do Km 30 foi a síntese do milho “Composto Manaus”, quando utilizei seis variedades selecionadas em área de produtor e as coloquei no citado composto, incluindo o milho crioulo, de espiga bem desenvolvida que ocorria em Roraima. Devido ao clima favorável de Manaus, eu fazia dois ciclos de seleção por ano, o que apressou a síntese. O lote experimental era plantado ao lado do prédio da sede do IPEAAOc, de modo que as pessoas que passavam pela Rodovia AM-010 podiam enxergar. Certa vez eu fui a trabalho para o município de Itacoatiara em ônibus de linha, quando ouvi a seguinte conversa entre dois passageiros: “Pois é, compadre, eu não sei como eles conseguem ter milho plantado e produzindo durante todo o ano nessa área”.

Outra passagem bem interessante no IPEAAOc foi que, devido à distância entre o Km 30 e o centro de Manaus, que muitas vezes dificultava a comunicação e outras funcionalidades de caráter administrativo, foram mantidos contatos com a Secretaria de Produção Rural para a cessão de uma razoável infraestrutura localizada nas imediações dessa secretaria, no Bairro Aleixo, que foi utilizada pelo Instituto para a instalação de escritórios e outras dependências administrativas, incluindo a organização de um bom auditório para apresentação de seminários e outras reuniões, permanecendo as atividades técnicas no Km 30.

Foi essa base física que primeiramente serviu para que o Vicente Moraes, recém-chegado do Ipean, usasse uma das salas para começar a montar o CNPSe, denominação da época antes da inclusão do dendê, o que se traduziu em importante marco histórico envolvendo a transição entre o DNPEA e a Embrapa no Amazonas, sob a égide do IPEAAOc.

Outro marco sentimental na minha vida particular no IPEAAOc foi que, certa manhã, em 17 de abril de 1975, deixei a base do Aleixo em direção ao Palácio da Justiça do Amazonas, para a efetuação do meu matrimônio

com Marília Rodrigues Alves, grata pessoa que eu encontrei em uma das viagens realizadas à Estação Experimental de Tefé (EET).

Essa estação estava localizada em área de cerca de 120 ha, nas proximidades do centro de Tefé, onde eram lotados 22 funcionários estatutários do Ministério da Agricultura, considerando o pessoal administrativo e trabalhadores do campo. A principal atividade era a extração racional da borracha da seringueira, cujo látex era defumado pelo método tradicional para formar as bolas de borracha com cerca de 10 kg, que eram transportadas para Manaus e legalmente comercializadas.

Os principais clones utilizados eram principalmente o Tjir 1, GT 1, GA 1301, RRIM 600, IAN 717, IAN 873, além de genótipos de outras espécies, como *Hevea pauciflora*, *Hevea guianensis* e *Hevea nitida*. A estação tinha uma infraestrutura composta por escritórios de administração, almoxarifado, barracão, depósitos, poço artesiano e casa de hóspedes, onde eu ficava acomodado quando ia a Tefé.

Lá labutavam pessoas extremamente destemidas e comprometidas com a boa execução das atividades, onde se pode destacar os senhores Dernízio (responsável pela EET), Raimundo Vieira, José Bacelar, Antonio Bacelar, José Lemos, Avelino, Carlos Mendonça, Lourenço, Manoel, além de muitos outros.

Devido à deficiência de pessoal na sede do IPEAAOc, a grande maioria desses voluntariosos funcionários foi transferida para Manaus. Já no funcionamento da Embrapa, por solicitação da Prefeitura Municipal de Tefé, a área foi cedida em troca de 3 mil hectares localizados na área da Empresa Amazonense de Dendê (Emade), onde o CNPSD implantou experimentos com dendê.

Nessa área privilegiada, antes EET, foi feito assentamento residencial para civis e implantada uma boa infraestrutura do Exército Brasileiro, com Batalhão de Infantaria de Selva e Quartel de Logística. Vale ainda destacar que em frente à EET era mantida uma igreja católica, em pleno funcionamento, ainda hoje existente no local.

Inúmeras outras lembranças de realce do tempo do IPEAAOc, charmoso Instituto caçula do DNPEA, podem ser enfatizadas. Houve um tempo em que nele só havia dois pesquisadores, eu, atuando em pesquisa vegetal, e o

Acilino do Carmo Canto, recém-chegado do Ipean, trabalhando em pesquisa animal. Foi da mais alta valia a contratação dos primeiros seis técnicos agrícolas, que muito nos ajudaram nos trabalhos de campo e em laboratórios, sendo que alguns atualmente fazem parte do elenco de empregados da Embrapa Amazônia Ocidental. Ainda vale recordar que o IPEAAOc contou com dois competentes norte-americanos do Corpo da Paz e também com alemães da Agência de Cooperação Técnica Alemã (GTZ), pesquisadores e laboratoristas, excelentes nos trabalhos de pesquisa do Instituto.

Na época, eu e Acilino elaborávamos muitos projetos e subprojetos de pesquisa, visando à captação de recursos financeiros e materiais para as pesquisas no âmbito do DNPEA, mas infelizmente pouco se conseguia, o que nos obrigava a buscá-los em outras fontes nacionais e internacionais. Aqui se destaca aquela frase histórica do diretor do Ipean, Dr. Alfonso Wisniewsky, citada anteriormente neste relato, sobre a necessidade imperiosa da criação de uma empresa pública de direito privado, com vistas a tirar a pesquisa agropecuária brasileira da “vala comum” do Ministério da Agricultura, o que posteriormente se tornou realidade.

Mesmo assim, as dificuldades não nos desanimaram, fomos atrás das oportunidades para afastar as ameaças, tendo como simples exemplos aqueles meus gestos de conseguir o jipe quatro portas junto à Secretaria de Produção Rural do Amazonas, incluindo bem-vindas 20 toneladas de calcário calcítico para a correção de solos em áreas experimentais do Instituto, bem como o modesto, mas valioso, acervo bibliográfico doado pela Biblioteca da Escola Nacional de Agronomia (ENA), localizada no Km 47, no Rio de Janeiro. Outros colegas também obtiveram êxito em conseguir bens financeiros e materiais para o IPEAAOc, por meio de projetos muito bem formulados e aplicados. Tive a primazia de enfatizar aos meus colegas e orientados a grande necessidade de muito se pesquisar na Amazônia em busca das tecnologias apropriadas, diante das sérias lacunas existentes na grande e importante região do nosso país! Isso foi feito com enorme galhardia, a começar por mim mesmo, na qualidade de um singelo exemplo.

Formou-se, inclusive, uma pequena vila composta por seis simples casas construídas de madeira, bem divididas, no Km 30, que foram de substancial importância para abrigar famílias de empregados casados, como também solteiros, em local digno e funcional. Lembro que, em época do Natal, o Acilino Canto colocava em seu carro particular muitos presentes

adquiridos por ele mesmo e os distribuía para os filhos dos empregados residentes, como um lindo gesto de caráter humanitário.

Na bela história do IPEAAOc, recheada de fatos muitas vezes inusitados, três passagens adicionais podem ser mencionadas: 1) Por meio de convênio com a Secretaria de Segurança Pública do Amazonas, desde o tempo da EEM, o Instituto recebeu presidiários para o reforço aos trabalhos de campo, com destaque para dois remanescentes, o Manoel e o Viana. Este último, muito trabalhador e cumpridor dos seus deveres, ganhou a minha confiança, a ponto de, em conjunto com outros empregados da época, como Estelito e Chico Dias, munidos de ferramentas adequadas, me acompanhar até ao fim dos 1.694 ha do Instituto, em meio à floresta densa e áreas de campina, com topografia bem acidentada em muitos locais, para onde eu sempre me deslocava a fim de inspecionar e evitar invasões de posseiros à citada área oficial – devo acrescentar que ao fim da área sempre encontrávamos uns plantios de abacaxi dos invasores e às vezes nos alimentávamos dos saborosos frutos com vistas a enfrentar o caminho de retorno à sede do IPEAAOc; 2) Em outra oportunidade, o IPEAAOc recebeu o reforço de cerca de 20 trabalhadores de campo, em que a metade era composta por mulheres destemidas que enfrentavam o sol e a chuva na execução das atividades de capina, plantio, colheita, processamento, armazenamento e limpeza nas áreas experimentais, além de apoio aos laboratórios, de maneira cuidadosa e atenciosa; 3) Em determinada época, o Ministério da Agricultura enviou para vários locais da Amazônia um total de 98 jumentos, cuja grande maioria, devido às intempéries e à falta de adaptação ambiental, sucumbiu, permanecendo somente dois nos trabalhos do IPEAAOc. Um deles era dócil e inteligente, chegando mesmo a passar por debaixo de uma cerca de arame farpado de maneira sorrateira e cuidadosa, o que impressionava a todos nós. No Km 30 havia limitado número de equipamentos agrícolas, como roçadeira, arado, grade, plantadeira, sulcador, carroça, triturador e um pequeno trator, de múltipla utilidade, que era chamado carinhosamente de “bodinho”.

No Km 30 foi implantada uma estação climatológica pelo Ministério da Agricultura, para a coleta de dados de temperatura, pluviometria, umidade relativa do ar e velocidade do vento, que apesar de ter sido instalada em local impróprio, à margem da Rodovia AM-010 (um enorme defeito das instituições do Brasil que lidavam com o tema, devido à interferência danosa e mascaramento dos dados), que mesmo assim foi útil às pesquisas efetua-

das no Instituto. Dados climáticos também eram coletados no Campo Experimental do Caldeirão e na Estação Experimental de Maués, além da EET.

Outro dado relevante para recordar é que tanto o DNPEA quanto a Associação Brasileira de Crédito, Assistência Técnica e Extensão Rural (AB-CAR), a coirmã do DNPEA, resolveram realinhar a questão e melhorar a articulação entre a pesquisa, assistência técnica e extensão rural e o produtor rural. A assistência técnica e extensão rural faziam a ponte entre a pesquisa e o produtor, mas infelizmente era quebrada constantemente. Assim, as duas instituições do Ministério da Agricultura estabeleceram a alocação de um extensionista das Acars em cada instituto de pesquisa do DNPEA. Para o caso do IPEAAOc, a Acar-Amazonas alocou o extensionista Paulo Iemini de Rezende, que, além de excelente profissional, era uma pessoa amiga que efetuou com rara maestria a sua magna função de articulador entre a pesquisa-extensão-produtor rural, obtendo elevado desempenho. Certa vez, participando de reunião conjunta DNPEA-Abcar, em Brasília, DF, tive a grande satisfação de receber a muito bem-vinda notícia de que os articuladores do Ipeal (Instituto localizado em Cruz das Almas, BA) e do IPEAAOc foram os que obtiveram as melhores avaliações nas atividades desenvolvidas, considerando os critérios holísticos aplicados. Essa foi mais uma auspiciosa marca alcançada pelo IPEAAOc, levando em conta o efetivo e eficaz trabalho do extensionista Paulo, com o total apoio dos colegas pesquisadores do Instituto.

Recordo-me, também, que o IPEAAOc sempre manteve excelente relacionamento com a Acar-AM, especialmente no desenvolvimento de diversos eventos técnico-científicos, implantação e condução de unidades de observação e de demonstração para produtores rurais, dias de campo para apresentar novas tecnologias apropriadas aos extensionistas e produtores e outras atividades de realce. Destaco uma excelente atividade efetuada em conjunto, tendo como local uma área de várzea alta, na Ilha da Paciência, em frente à cidade de Itacoatiara, AM, onde foram montados e conduzidos experimentos com juta e outros cultivos.

Na Acar, desenvolveu-se boa articulação com colegas como o Sílvio, o Paulo, o Marcílio, o Orlando, o Alfredo, o Jayme, o Heráclio, o Colnago, o Antonio Maria e tantos outros, muitos egressos da Universidade Federal de Viçosa, MG, a ponto de geralmente, aos sábados à tarde, praticar-se a animada “pelada” no campo de futebol da Maromba, que era um centro de treinamento de extensionistas da Acar.

Vale ainda recordar que o DNPEA, apesar das dificuldades conjunturais, em 1974 doou à Embrapa uma excelente infraestrutura e apoio logístico a seus institutos, além de 872 pesquisadores, 17% com mestrado e apenas dois colegas com doutorado, inclusive nos Estados Unidos, que foram relevantes para a nova empresa pública que estava se formando com bastante esperança.

Como exemplo, quando eu passei do DNPEA para a Embrapa em 1974, já estava com o mestrado obtido na Esalq-USP. Com o advento da Embrapa houve um acentuado salto quantitativo e qualitativo de recursos humanos, financeiros e materiais em todos os níveis, incluindo as vantagens salariais, a captação de recursos em geral e na própria organização da pesquisa agropecuária no Brasil. O IPEAAOc fez parte dessa bela história com muita altivez!

É relevante acentuar a pujança da Embrapa quanto à capacitação contínua dos seus pesquisadores, pois daqueles 83% que não possuíam pós-graduação, em sua fase inicial, após 10 anos da criação da Empresa, em 1982, houve uma inversão de valores, isto é, cerca de 75% de um total de 1.597 pesquisadores já possuíam cursos em nível de mestrado e doutorado, progredindo para o pós-doutorado. De lá para cá, o crescimento tem sido fenomenal!

Enriqueço este relato na qualidade de valiosas recordações, para que fique à disposição dos interessados, com a assertiva de que a tribulação gera constância, acompanhada da virtude provada, desabrochando uma esperança que nunca decepciona.

Assim foi o IPEAAOc, que preservou o passado e trouxe o futuro para o presente!

Singelos benefícios como obrigação e reconhecimento à EAA

Com relação à EAA, cujo prédio central tinha a forma de um imenso E, ela ampliou sobremaneira o número de cursos superiores oferecidos à sociedade, mudou de denominação para Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP), para atualmente se fixar no nome de Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra).

Na qualidade de assessor da Diretoria-Executiva da Embrapa, na época, aproveitando outros bons exemplos de articulação institucional já ocorridos, tive o dever de instruir a formulação de um acordo de colaboração entre a Embrapa e a FCAP para o desenvolvimento do primeiro curso de pós-graduação em nível de mestrado naquela faculdade, que na ocasião era muito bem dirigida pelo meu ex-professor Dr. Virgílio Ferreira Libonati, de quem recebi um amável “cartão de agradecimento”, que muito me envaideceu!

O óbice para conseguir esse intento era porque a faculdade, na época, não tinha o número mínimo de professores com título de doutor, condição exigida pela Capes para aprovação do curso, o que foi conseguido com essa junção à Embrapa.

Também como chefe e pesquisador da Embrapa Seringueira e Dendê, por meio de convênio de cooperação envolvendo a Embrapa, FCAP e Sudhevea, na faculdade lecionei em diversos cursos de especialização em heveicultura (lato sensu) para engenheiros-agrônomos, os quais eram oferecidos anualmente.

Na visão holística, tratou-se de um grande motivo de glória, enorme satisfação e gratidão recebidas e doadas.

IPEAAOc (1971–1973): Lembranças de Um Período¹

Alfredo Kingo Oyama Homma

Nasci em 1947, em Parintins, Amazonas, para onde meu pai, Takeshiro Homma (*1910–†1988), imigrou da Província de Niigata, norte do Japão, em 1933. A minha mãe, Yoshime Oyama Homma (*1913–†2008), chegou com seus pais também em 1933 da Província de Okayama, sul do Japão, mas em navios diferentes, e eles se casaram no Brasil, tiveram três filhos, sendo dois homens e uma mulher. O navio, a província de origem e o ano de chegada passam a ser o ponto de identificação entre os emigrantes japoneses.

O meu avô materno, Ryota Oyama (*1882–†1972), foi quem efetuou a aclimatação da juta. No seu auge, na década de 1960, a cultura chegou a contribuir com um terço do PIB do estado do Amazonas e envolver mais de 60 mil famílias no cultivo. A produção de fibra de juta na Amazônia levou o Brasil à autossuficiência em 1953 e, com o declínio, o reinício das importações em 1970 e o seu desaparecimento a partir da década de 1990. Meu avô é cidadão do Amazonas e Pará, tem escola e praça com o seu nome, condecorações dos governos brasileiro e japonês, mas vivíamos em extrema pobreza.

Em 1948, meus pais saíram de Parintins para o município de Jatinã, atual município de Belém do São Francisco, Pernambuco, às margens do Rio São Francisco, para plantar juta. O agrônomo Eudes Souza Leão Pinto (*1920–†2018), que em 1965 tornou-se o primeiro presidente do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (Inda), achava que a juta poderia ser uma alternativa para as margens do Rio São Francisco.

¹ Agradecimento a Celso Paulo de Azevedo, a Luiz Carlos Almeida, José Carlos de Oliveira, Lindomar de Jesus de Sousa Silva, Luiz Fernando Monteiro, Nelson de Oliveira Leite, Antônio Francisco Souza, Fátima Nakajima por informações que complementam o texto.

Do insucesso em Jatinã, a família mudou-se para Ilhéus, Bahia, onde nasceu a minha irmã, Maria (1950). A partir de Ilhéus, começo a ter recordações dos locais de moradia. Como em Ilhéus também não deu certo trabalhando em terra arrendada no plantio de hortaliças, mudamos então para Cariacica, Espírito Santo, adotando o mesmo procedimento. Em seguida para o centro do Maranhão, no atual município de Lima Campos, até se fixar em São Luís.

Fiz somente o quarto ano primário; por não ter escola próxima, estudava em casa e passei no exame de admissão para o ginásio no Liceu Maranhense. Em São Luís nasceu meu irmão, Rui (1955). Todo o sacrifício foi dedicado para a educação dos filhos, com punições severas, pois meu pai acreditava que a única forma de melhorar de vida seria pela educação. O meu pai era muito rígido. Era faixa preta de judô, segundo Dan, da melhor escola de judô no Japão, e a gente apanhava muito. Não admitia nota baixa. Morávamos em casa coberta de palha e com parede de pau a pique com enchimento de barro, e para ir à escola eu caminhava 8 km e na volta trabalhava na horta e estudava à noite sob a luz de lamparina. Meu pai achava que o Brasil era 50 anos atrasado em relação ao Japão, em termos de transporte, educação, organização pública, etc. Todos os filhos passaram em primeiro lugar nos vestibulares. Passei em Viçosa; a minha irmã, para Medicina, em São Luís; e meu irmão caçula, em Ouro Preto, Minas Gerais, para Metalurgia.

A razão de ter ido para Viçosa foi por conta do Prof. Chotaro Shimoya (*1912–†1977), que foi fazer um estudo no Maranhão a convite da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e falou da qualidade do curso e do baixo custo de manutenção na então UREMG. Foi uma viagem bem atribulada de ônibus partindo de São Luís (10/12/1966), na viação Princesa do Agreste, que naquele tempo só rodava de dia, no qual levei uma semana para chegar a Viçosa, atravessando Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais. Lembro que dormi em Picos (PI), Garanhuns (PE), Jeremoabo (BA), e o motorista mandou descer à noite em Leopoldina (MG) ao lado de um hotel de rodovia, e o ônibus prosseguiu viagem para o Rio de Janeiro. Pela manhã cedo, ainda escuro, peguei um ônibus de Leopoldina para Ubá e depois outro ônibus para Viçosa. Cheguei por volta das 16h, numa tarde de sábado, no dia 17/12/1966, depois de o ônibus deslizar até Viçosa, pois a estrada não era asfaltada e tinha chovido na véspera. Tinha 19 anos e era a primeira viagem que fazia sozinho.

Por falta de recursos não participei da festa de formatura. Na primeira semana de dezembro, quando o táxi cedinho parou na 6ª Seção (alojamento), despedi-me da UFV e peguei o ônibus para Belo Horizonte, depois para Brasília e, sem descansar, outro ônibus para Belém. A rodoviária era o local de sonhos e esperanças. Em Belém (9/12/1970), comprei a passagem da Cruzeiro do Sul, em avião a hélice, em direção a Manaus (12/12/1970), que era a mais barata, com pouso em Santarém e Itacoatiara. Ainda tenho os canhotos dessa passagem. No dia 14/12/1970 apresentei-me para trabalhar na extinta Comissão de Desenvolvimento Econômico e Social do Amazonas (Codeama), presidida por Ozias Monteiro Rodrigues (*1933–†2006), que tinha feito o convite do emprego, que foi uma decepção! Não tinha nada para fazer. Passava a maior parte do tempo lendo na biblioteca, situada no porão.

Naquela época, com uma graduação em Viçosa, eu tinha várias opções de emprego. Houve uma grande migração do pessoal formado em Viçosa para a Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas (Acar-AM), que pagava muito bem, onde vários colegas da minha turma foram trabalhar: Aurélio Augusto de Sousa Filho (†2015), Ernani de Moraes Peloso, Jaime Rezende do Valle (*1943 –†2004), João Batista da Silva, Pedro Salgado Brandão, Roberto de Moraes Miranda (†2015) e Rosival Gonçalves de Albuquerque. Recebi convite de emprego na Acar-AM, mas não aceitei, por vocação, e fiquei com a pior opção em termos salariais. Uma parte do período em Manaus moramos juntos eu, Alfio Celestino Rivera Carbajal e Antônio Augusto Silva Costa, que trabalhamos no Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), e Aurélio, Dorremi Oliveira (mais tarde tornou-se chefe da Embrapa Amazônia Ocidental) e Rosival, que trabalhavam na Acar-AM.

Permaneci apenas sete meses na Codeama e consegui ser contratado no antigo IPEAAOc, na época em plena selva, localizado no Km 30 da estrada Manaus-Itacoatiara, graças à confiança de Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro, então diretor do IPEAAOc, irmão do famoso escritor paraense Benedito Monteiro (*1924–†2008). Dessa forma entrei para o serviço público federal sem fazer concurso, o que era comum na época. Nessa mesma instituição, mais tarde, foi contratada a colega de turma Alba Luci Machado Rego, que tinha casado com Ernani de Moraes Peloso. O IPEAAOc foi criado pelo Ministro da Agricultura Ivo Arzua Pereira (*1925–†2012) em 15 de maio de 1969, então Campo Experimental de Manaus, vinculado ao Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte (Ipean). Robert Tatsuo Nakajima, formado na antiga Escola de Agronomia da Amazônia,

foi admitido no Ipean em 1963, para exercer suas funções no Seringal Experimental de Itacoatiara. Em 1964 passou a dirigir a Área Experimental de Manaus. Ele foi o primeiro que chegou à fase pré-IPEAAOc, até o seu desligamento em 1967, quando assumiu a direção Luiz Fernando Monteiro.

Com a criação da Embrapa tive a oportunidade de cursar o mestrado em Viçosa, em 1974. Com muita dificuldade consegui as cartas de recomendação do secretário-executivo da Acar-AM, Esteves Pedro Colnago, do secretário de Estado de Produção Rural, José Sílvio de Souza, e do diretor do IPEAAOc, Luiz Fernando Monteiro. Estava disposto a fazer o curso na esperança de possível bolsa, quando fui incorporado no maciço programa de treinamento proporcionado pela Embrapa.

Esse curso provocou uma grande mudança, pois aprendi a fazer pesquisa sob a orientação do Prof. Antônio Raphael Teixeira Filho e dos professores do Departamento de Economia Rural. Fiz a minha pesquisa de dissertação na Transamazônica, onde se concentrava o interesse dos brazilianist: o grande projeto de colonização em plena selva. Entre 1984 e 1988 retornei novamente a Viçosa, para fazer o doutorado sobre extrativismo vegetal, já casado com Liete e pai de Erika (odontóloga) e de Thais (médica), nascida durante o período do curso, novamente com a orientação do Prof. Antônio Raphael Teixeira Filho. Durante o curso, o meu pai (*1910–†1988) faleceu, mas não tive condições de participar do enterro. Faz parte da tradição na UFV as turmas comemorarem os quinquênios após a formatura. Participei das festividades dos 5 e 15 anos quando estava em Viçosa e, depois, somente, em 2015 (dos 45 anos). Com a saída para o mestrado termina a minha fase no IPEAAOc (1971–1973).

Comecei as minhas atividades no IPEAAOc em 20 de agosto de 1971 (sexta-feira) e permaneci até o dia de confraternização natalina do Instituto, realizada no dia 22/12/1973, quando viajei para iniciar o curso no dia 2/1/1974. O mestrado, naquela época, exigia um curso de nivelamento que começava no início de janeiro. A minha carteira de trabalho na Codeama registra a minha permanência no período de 1º/1/1971 a 19/8/1971. Um treinamento muito importante do qual eu participei foi proporcionado pelo IPEAAOc no Centro de Investigaciones Agrícolas Alberto Boerger, em La Estanzuela, Colônia, Uruguai, promovido pelo DNPEA, no período de 1º a 15/9/1971, logo depois de ser admitido. Nesse curso participaram colegas contratados do Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Nordeste (Ipeane),

†Nadjá Correia da Costa; do Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Leste (Ipeal), Jackson Ornelas Mendonça; e do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuária Meridional (Ipeame), Luiz Vamberto Santana. Creio que fomos os quatro primeiros socioeconomistas contratados sob a orientação do Mário Olinto Campos Araújo para exercer essa função na pesquisa agrícola, em que recebemos o treinamento por meio de Edmundo Fontoura Gastal (*1933–†1990), que mais tarde seria diretor da primeira administração da recém-criada Embrapa.

Entrei no IPEAAOc como “recibado”, designação para os funcionários que não tinham carteira assinada, vigente para o País inteiro em muitas unidades de pesquisa pertencentes ao então Departamento Nacional de Pesquisa e Experimentação Agropecuária (DNPEA), presidido na época por Roberto Meirelles de Miranda. Para solucionar essa questão, o DNPEA autorizou as ACARs do País a contratar e colocar à disposição nas suas unidades de pesquisa. Foi o que ocorreu comigo e com outros colegas do IPEAAOc admitidos na Acar-AM no período de 2/1/1973 a 30/12/1973, assinado pelo secretário-executivo, Esteves Pedro Colnago, quando então fomos incorporados à recém-criada Embrapa. José Antônio Dias Costa Aroeira assinou nossas carteiras da Embrapa em 2/1/1974.

Entre os colegas que trabalhavam no IPEAAOc lembro-me de Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro (diretor), Acilino do Carmo Canto (*1941–†2018), Afonso Celso Candeira Valois, João Maria Japhar Berniz, Fernando Antônio Araújo Campos, Luiz Januário Magalhães Aroeira (filho) e José Antônio Dias Costa Aroeira († pai), Luiz Carlos Almeida, Antônio Francisco Souza, Alfio Celestino Rivera Carbajal, Antônio Augusto Silva Costa (†), José Carlos Nascimento (*1943–†2017), Maria Pinheiro Fernandes Corrêa, Alba Luci Rego de Moraes Peloso, Leopoldo Brito Teixeira, Vitor Nogueira (formado em Agronomia na Bolívia, que chefiava a Estação de Maués, mas que não conseguiu revalidar o diploma) e Paulo Iemini de Resende, formado em Viçosa e que atuava como articulador da pesquisa e extensão, como funcionário da Acar-AM.

É interessante mencionar que vários pesquisadores do IPEAAOc se destacaram na Embrapa. Afonso Celso Candeira Valois foi chefe-geral do Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê e da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia; Acilino do Carmo Canto foi chefe da Uepae Manaus; Maria Pinheiro Fernandes Correa teve uma carreira surpreendente,

tornou-se chefe da Embrapa Meio-Norte (1999–2004) e Embrapa Caprinos (2004–2009). Sem falar de outras funções, como chefias-adjuntas técnicas e assessorias na Embrapa Sede e cargos públicos estaduais e federais.

Entre os funcionários administrativos consigo me lembrar da bibliotecária Walda Corrêa dos Santos e sua auxiliar Palmira Costa Novo Sena, as secretárias Aurora, Sebastiana, Iolanda e Nair, Nilson da Costa Pires (chefe da seção financeira do IPEAAOc), Nadir Barros Vieira (escrevente datilógrafo 7), Armando Rodrigues Andrade (armazenista 10-B) e Umberto Lobato Rodrigues (chefe do setor de pessoal). Outro funcionário era o Sr. Mário, chefe dos motoristas, tratoristas e dos trabalhadores de campo. O Sr. Maquiné fazia a capina dos experimentos na área da frente e fundos do IPEAAOc. O motorista do Luiz Fernando Monteiro era o Sr. Luiz, que dirigia uma Rural Willys, e nas horas vagas dirigia táxi em Manaus.

Entre os técnicos que não pertenciam ao quadro do IPEAAOc, mas que ficava lotado na Unidade, havia o José Carlos Nascimento, que desenvolvia atividades de pesquisa com cacaueteiro pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac). A presença da Ceplac proporcionava a vinda de Paulo de Tarso Alvim (*1919–†2011), que ministrava palestras na Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam) ou em outros locais, o qual eu considerava um verdadeiro cientista. O médico-veterinário Luiz Alberto Guimarães Franco de Sá (†17/8/2018) era professor da Faculdade de Medicina do Amazonas, amigo de Fernando Antônio Araújo Campos e do Luiz Januário Magalhães Aroeira, que aparecia frequentemente no IPEAAOc. Kiyoshi Okawa, nascido em Maués, formado na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq), foi secretário de agricultura de Roraima, especialista em guaraná, e também visitava o IPEAAOc; quando não, eu o encontrava nas reuniões que ocorriam na cidade de Manaus. Outros técnicos dos quais tivemos colaboração destacam-se: Nivaldo Alves de Souza (Dema - AM), Francisco de Sales Frota Filho (Dema-AM), parente de Érico da Rocha Nobre (1908 -†), que foi diretor da Esalq (14/8/1954 a 29/12/1957) e Rosinha Maria Peroni (Dema-PA).

Mário Alves Malafaia, diretor estadual da Dema-AM, formado na antiga Escola Superior de Agricultura de Lavras (Esal) em 1961, que viria a falecer no trágico acidente do choque do avião da GOL com o Legacy da Embraer em 29 de setembro de 2006, no norte de Mato Grosso, ajudava bastante o IPEAAOc cedendo pessoal administrativo, lanchas (Jaraguá e Guaraná) e

instalações. Quando eu estava cursando o mestrado em Viçosa, iria encontrar o Malafaia já como diretor estadual da Dema, MG. O pessoal do IPEA-AOc considerava os técnicos da Acar-AM como nossos maiores inimigos, devido à diferença salarial, sempre olhando com sentido de superioridade, uma vez que tínhamos poucas informações de pesquisa para oferecer. Com a criação da Embrapa, vários técnicos da Acar-AM foram incorporados à Embrapa em Manaus e em Brasília.

Durante a minha permanência na Codeama, morei em uma casa de madeira na Rua Urucará, nº 1.049, depois em um quartinho de madeira na Rua Major Gabriel, ao lado da antiga Codeama, em frente a um igarapé; e depois em um quartinho na Av. Epaminondas, próximo ao Colégio Militar de Manaus. Quando comecei as atividades no IPEAAOc, fui morar em um porão situado na Rua Saldanha Marinho, nº 606, canto com a Av. Getúlio Vargas, no Ed. Alfredo Cunha, dividindo-o com um estudante de medicina e um funcionário do Serpro. No porão vizinho moravam Luiz Carlos Almeida e Antônio Francisco Souza. Durante a permanência na Codeama, eu frequentava a República do Pina ou Café do Pina (inaugurado em 3/5/1951), que estava arrendado ao português José de Brito Pina (*1912–†1982), situado na praça Heliodoro Balbi, que era o ponto de encontro dos intelectuais amazonenses, no qual frequentemente Kiyoshi Okawa estava presente, e ficava a par da situação agrícola do estado.

Mais tarde, com Alfio Celestino Rivera Carbajal, Antônio Augusto Silva Costa, alugamos um apartamento no terceiro andar de um prédio sem elevador na Av. Tarumã, nº 1.758, onde permanecemos pelo período de 1º/11/1971 a 31/10/1972. Era um ambiente pesado onde predominavam prostíbulos e bares, que ficavam abertos durante a madrugada. A sorte é que não havia a criminalidade que se vê hoje em dia.

A situação melhorou no final de 1972, quando Dorremi Oliveira, Alfio, Aurélio Augusto e eu alugamos uma casa com dois pavimentos, situada na Rua Luiz Antony, nº 712, casa 7. Na casa situada em frente à nossa foi morar o Antônio Francisco Souza e sua esposa, recém-chegada do Rio de Janeiro. Ficava próximo do Atlético Rio Negro Clube, considerado da elite de Manaus, do qual, por alguma razão, conseguimos ser admitidos como sócios (12/2/1973). Os sábados e domingos eu passava nadando e almoçando no clube. Durou pouco tempo, porque tive de viajar para Viçosa para fazer o mestrado. O divertimento era assistir filme no cinema que ficava no canto da Rua Saldanha Marinho com a Av. Eduardo Ribeiro. Saíamos por

volta das 6h30min para pegar o ônibus para o IPEAAOc e retornávamos por volta das 17h, esgotados com a viagem, com o calor e o almoço à base de arroz, feijão, linguiça em lata, uma fatia de tomate e farinha, preparado pela esposa de um motorista do IPEAAOc.

Os trabalhos mais importantes de que participei no IPEAAOC se referem à descorticação mecânica da juta, com base na demonstração do protótipo Iseki Mitsui, no município de Barreirinha, na propriedade do Sr. Saburo Ono (*1913–†1984); à tentativa de plantar sementes de juta em Manacapuru; e a um levantamento de produtores de semente de juta em Alenquer, PA.

A pesquisa sobre a produção de sementes de juta nas várzeas foi uma “tragédia anunciada”, pois os japoneses já tinham tentado desde a década de 1930, razão pela qual levaram para ser produzida nas terras firmes de Alenquer, PA. Esse projeto, que envolveu recursos do Fundo Federal Agropecuário (FFAP) (Cr\$ 70.000,00)³ e da Sudam (Cr\$ 5.000,00), vigorou no período de 20/9/1971 a 11/10/1972. O local escolhido foi a Costa do Canabuoca e a Costa do Marrecão, distantes 120 e 30 minutos, respectivamente, da cidade de Manacapuru. Mário Alves Malafaia colocou à disposição as lanchas Jaraguá e Guaraná (muito grande), ambas da Dema-AM, 60 kg de sementes básicas de juta, 60 kg de formicida, sacos e encerados para colheita.

Faziam parte da equipe do projeto: eu, Luiz Carlos Almeida, Afonso Celso Candeira Valois, Nivaldo Alves de Souza (Dema-AM), Francisco de Sales Frota Filho (Dema - AM), para o qual selecionamos 30 produtores. Foi estabelecido um contrato em que cada produtor plantaria 1 hectare e receberia Cr\$ 600,00 (equivalente a 2,5 salários mínimos da época) em três parcelas: Cr\$ 200,00 para o preparo da área, Cr\$ 200,00 por ocasião da segunda capina e capação e Cr\$ 200,00 na colheita. O problema é que não ocorreu a colheita, pois as águas cobriram todos os plantios, como era previsível, e o IPEAAOc não disponibilizou a terceira parcela. Foi muito complicado para liberar a terceira parcela, e as lideranças das comunidades escolhidas, o Sr. Luiz Toledano Bindá (Costa do Canabuoca) e o Sr. José Alves Feitoza (Costa do Marrecão), pressionavam os membros do projeto. Com muita justificativa conseguimos os recursos para o pagamento da terceira parcela, e foi um alívio! O Sr. Luiz Toledano Bindá tinha um irmão em

³ Em 1º/5/1971 o valor do salário mínimo era de Cr\$ 225,00 e em 1º/5/1972 o salário mínimo estabelecido foi de Cr\$ 268,00. Dessa forma o valor desse convênio era da ordem de 500 mil reais atuais.

Manaus, o Sr. Carlos Alberto Toledano Bindá, que era gerente da Selvatur, uma agência de turismo, o qual fazia as pressões aos participantes do projeto. Eu escrevi o relatório, que está disponível nos meus arquivos.

Antes de finalizar, talvez o contexto mais importante seria comentar brevemente sobre o cenário agrícola do estado do Amazonas na época: a lavoura de juta começava a agonizar, decorrente do problema das sementes que não chegavam na época certa, além da baixa germinação, e o início da entrada da malva nas áreas de várzeas, levando à sua substituição; uma pecuária de várzea, que deixava o produtor apreensivo com as enchentes, obrigando-o a recolher nas marombas e alimentar o gado com o capim flutuante, com limitações na expansão; uma dependência quase total de importações de frutas e verduras, restritas às populações com maior poder aquisitivo. A colônia japonesa Ephigênio Salles, que se estendia do Km 30 ao Km 50, vizinha do IPEAAOc, é que respondia pela produção parcial de aves, pimenta-do-reino, ovos e frutas. A criação de aves proporcionava o adubo orgânico que viabilizava as demais atividades. O estado do Amazonas se destacava na produção do guaraná, na qual o IPEAAOc foi pioneiro em produção de mudas e nas primeiras seleções. Com o advento da Lei dos Sucos, em 1972, essas pressões aumentaram bastante, levando a um súbito interesse pelo plantio de guaraná. Com a criação dos incentivos fiscais da Sudam, em 1966, ocorreu um interesse pelo plantio de pastagens em terra firme, tendo o grupo de pastagens feito o melhor possível. Em 1971, quando o Prof. Harold Evan Drummond, americano que lecionava na UFV, do qual fui aluno, visitou Manaus com a sua família, levei-o para conhecer o IPEAAOc, e ele ficou impressionado com o plantio de soja logo na entrada, que era conduzido por Luiz Carlos Almeida, Antônio Francisco Souza e Antônio Augusto Silva Costa. Estávamos desfocados e com limitada condição para atender as demandas do presente, mas a anos-luz na frente dos mais experientes planejadores, no caso da soja, mas sem utilidade prática. Era esse o cenário da agricultura amazonense durante o período 1971–1973.

Este texto busca trazer o passado para o presente procurando contribuir para planejar o futuro. No momento em que a Embrapa vive seu ponto de mutação, parafraseando Fritjof Capra (1939), a história mostra que o sucesso ou insucesso de uma instituição depende de seus funcionários. Há desafios prementes da sociedade amazônica que precisam ser superados, na qual a inter-relação produtor-consumidor-pesquisador precisa estar atendida. Geração de renda e emprego, segurança alimentar, menor risco ambiental, aumento da produtividade da terra e da mão de obra, en-

tre outros, devem ser perseguidos a todo custo. O fordismo e o taylorismo precisam ser aplicados na resolução de problemas da agricultura amazônica, dosando os esforços, segundo o Quadrante de Pasteur, de Donald E. Stokes (*1927–†1997), na busca desses objetivos. A coevolução para uma agricultura tropical, com plantas e animais da sua biodiversidade, permitirá a democratização dos produtos amazônicos, com qualidade e a preços mais reduzidos. O desenvolvimento sustentado é impossível, mas um desenvolvimento mais sustentável é possível. A salvação da Amazônia não depende da ajuda externa, mas dos próprios brasileiros. Cometemos muitos erros que não deveríamos ter cometido no passado. O recado para os jovens, baseado na minha experiência, é que estudem bastante, não sigam o caminho dos atalhos fáceis, procurem focar suas atividades na resolução de algum problema marcante da sociedade, e não na simples busca de Qualis. O tempo passa rápido.

Literatura recomendada

HOMMA, A. K. O. **A imigração japonesa na Amazônia**: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. 2. ed. Brasília, DF: Embrapa, 2016. 255 p. Comemoração dos 120 anos da assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação Japão-Brasil, em 5 de novembro de 1895, em Paris, e dos 85 anos da imigração japonesa no Estado do Amazonas, em 20 de junho de 1931.

HOMMA, A. K. O. **A imigração japonesa na Amazônia**: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental: Fiepa, 2007. 217 p.

HOMMA, A. K. O. Caminhos da agropecuária amazônica como instrumento de desenvolvimento. In: SILVA, O. M. A. da; HOMMA, A. K. O. **Pan-Amazônia visão histórica, perspectivas de integração e crescimento**. Manaus: FIEAM, 2015. p. 267-305.

HOMMA, A. K. O. **História da agricultura na Amazônia**: da era pré-colombiana ao terceiro milênio. 2. ed. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2013. 274 p.

HOMMA, A. K. O.; FERREIRA, A. S.; FREITAS, M. C. S.; FRAXE, T. J. P. (Org.). **Imigração japonesa na Amazônia**: contribuição na agricultura e vínculo com o desenvolvimento regional. Manaus: EDUA, 2011. 450 p.

HOMMA, A. K. O.; SANTOS, W. C.; MONTEIRO, L. F.; CORREA, M. P. F. **Bibliografia brasileira de juta**. Manaus: IPEAAOc, 1973. 28 p.

INSTITUTO DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL. **Relatório de estudo de viabilidade técnico-econômica para produção de sementes de juta no Estado do Amazonas**. Convênio FFAP/IPEAAOc/DEMA-AM. Manaus, 1973.

MONTEIRO, L. F.; HOMMA, A. K. O.; SOUZA, N. A. **Considerações sobre a produção de sementes de juta (seu centro produtor na Amazônia)**. Manaus: IPEAAOc, 1973. (Circular, 7).

SILVA, O. M. A. da; HOMMA, A. K. O. **Pan-Amazônia visão histórica, perspectivas de integração e crescimento**. Manaus: FIEAM, 2015. 519 p.

TEIXEIRA, L. B.; CANTO, A. C.; HOMMA, A. K. O. **Controle de ervas invasoras em pastagens na Amazônia Ocidental**. Manaus: IPEAAOc, 1973. (Circular técnica, 3).

VALOIS, A. C. C.; HOMMA, A. K. O. **Análise econômica da descorticação mecânica na cultura da juta**. Manaus: IPEAAOc, 1972. 41 p. (Boletim técnico, 2).

WITKOSKI, A. C.; FERREIRA, A. S.; HOMMA, A. K. O.; FRAXE, T. J. P. (Org.). **A cultura de juta e malva na Amazônia Ocidental: sementes de uma nova racionalidade ambiental?** São Paulo: Annablume, 2010. v. 1, 466 p.

IPEAAOc (1971–1973): Um Pequeno Recorte da Sua História

João Maria Japhar Berniz

Devido à expansão crescente da agropecuária na região Amazônica, havia necessidade de trabalhos de pesquisa que permitissem desenvolver tecnologias para alavancar o desenvolvimento da região em suas diferentes áreas. Assim, em 15 de maio de 1969, foi criado pelo Ministério da Agricultura o Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc).

A criação do IPEAAOc foi de suma importância tanto profissional como técnica. Com um corpo técnico jovem e competente, estabeleceram-se programas de pesquisa mais diversificados para culturas de subsistência, hortaliças, agrostologia e plantas industriais (guaraná, seringueira e fruticultura), permitindo aos setores agrícola e pecuário um aumento crescente de resultados.

Por meio de um convênio entre Brasil e Alemanha permitiu-se a vinda de técnicos alemães por um período definitivo, e entre outros benefícios gerados pela parceria fez-se a implantação do laboratório de solos. Também de grande importância foi a implantação dos campos experimentais de cacau pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac) em áreas do IPEAAOc, bem como o convênio com a Superintendência da Borracha (Sudhevea) para trabalhos experimentais com os principais clones de seringueira para a região Amazônica.

Com a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em 1972, foram estabelecidos, no Brasil, Centros de Pesquisas por Produto, criando-se o Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira no Amazonas, com sede em Manaus e atuação na mesma área do IPEAAOc, pas-

sando este (IPEAAOc) a denominar-se Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (Uepae), Manaus, AM, continuando a desenvolver todos os trabalhos de pesquisa.

IPEAAOc (1971-1973) : Janeiro de 1972 a dezembro de 1973

Leopoldo Brito Teixeira

A escolha por Agronomia deu-se aos 12 anos de idade, quando a turma, no primário, fez uma excursão à estação de produção de sementes e mudas do Ministério da Agricultura, no município de Alenquer, PA, que era comandada por um engenheiro-agrônomo, onde trabalhavam com mudas de cacaueteiro, cafeeiro e fruteiras. Nesse dia, mesmo ainda adolescente, fiquei encantado como, a partir de uma simples semente, produzia-se uma planta que dava produto para a indústria do chocolate (cacau), café e frutos para a nossa alimentação. Ali, tomei a decisão de que seria agrônomo.

Em 1971, quando estava no último ano da Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), estagiava no Departamento de Zootecnia com o professor Abnor Gurgel Gondin. No mês de maio daquele ano, o diretor, Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro, e o pesquisador Acilino do Carmo Canto, do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), de Manaus, AM, pertencente ao Ministério da Agricultura, vieram a Belém para assinatura de convênio com a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), que visava à contratação de técnicos e ao financiamento de pesquisa agropecuária, a partir do início de 1972. Naquela oportunidade, os representantes do IPEAAOc procuraram o professor Abnor para indicar nomes de engenheiros-agrônomos na área de Zootecnia que estivessem terminando o último ano da EAA. Conforme as características solicitadas, o professor me indicou juntamente com outros colegas. Fui o primeiro a ser contatado e aceitei de pronto trabalhar naquele Instituto de pesquisas.

Na conversa com o diretor e o pesquisador do Instituto, seria me oferecido, no mês de julho de 1971, um estágio remunerado, com direito a passagens aéreas, estadia e alimentação em uma república de técnicos do

Instituto. Tive a oportunidade de instalar um laboratório de leite, cujos equipamentos estavam embalados em caixas, por falta de um técnico com conhecimento no assunto. No meu estágio, além das atividades de campo, trabalhava no laboratório de análise de leite do setor de zootecnia da EAA. No estábulo, existia uma sala que foi transformada em laboratório de análise de leite com a instalação dos equipamentos que encontrei nas caixas, e foi treinado um funcionário para realizar as análises. No final de julho, quando terminou o estágio, recebi a confirmação da minha contratação.

No dia 4 de dezembro de 1971, coleí grau como engenheiro-agrônomo pela EAA e, conforme o trato feito com o diretor Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro, me apresentei para iniciar os trabalhos no IPEAAO_c no início de janeiro de 1972. Trabalhei o ano de 1972 como recibado, sem assinatura de carteira de trabalho. Em janeiro de 1973, por autorização do Departamento Nacional de Pesquisa e Experimentação Agropecuária (DNPEA), os funcionários recibados foram admitidos pela Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas (Acar - AM), e em 2 de janeiro de 1974 fomos incorporados pela Embrapa.

IPEAAOc (1971–1973): Ricas Lembranças e Grandes Desafios

Maria Pinheiro Fernandes Corrêa

Os caminhos de Maria

Nasci no estado da Paraíba, aos 19 de junho de 1944, numa comunidade de pequenos agricultores chamada Vaquejador, no município Antenor Navarro, posteriormente São João do Rio do Peixe.

Meus pais, José Augusto Fernandes (*1905–†1997) e Alzira Pinheiro Fernandes (*1915–†2003), eram pequenos agricultores, cuja relação com a agricultura era atávica. Todo o nosso sustento era retirado da agricultura familiar. As principais culturas eram o algodão mocó e os grãos feijão-de-corda, milho e arroz, criando também pequenos animais (caprinos, ovinos, suínos e aves caipiras). Além disso, possuíamos um pequeno rebanho de gado pé-duro, destinado à produção de leite e derivados. O algodão e o leite eram considerados os geradores do fluxo da renda familiar. Os grãos e as sementes não eram comercializados, e sim armazenados em silos, estratégia esta utilizada pelos agricultores locais, como forma de garantir o sustento das famílias, dos animais e dispor de sementes para plantios futuros.

Revendo todo esse processo, me vem à memória a contribuição efetiva da minha mãe para o aumento da renda familiar. Além dos afazeres domésticos, agregando valor ao leite, produzia queijos, manteiga da terra e doces. No terceiro turno, usando como fonte de iluminação a luz de candeeiro, dedicava-se à costura de vestimentas da nossa família e das demandas das famílias vizinhas, obtendo assim mais uma fonte de renda extra para suprir as nossas necessidades.

Dona Alzira era uma mulher do campo, à frente do seu tempo. Moderna, atenta às notícias, trabalhava com seu radinho de pilha sempre do lado,

como forma de se manter atualizada sobre o Brasil e o mundo, garantindo assim a sua visão de futuro. Minha mãe acreditava que a **educação** era a única saída para garantir a nossa formação.

Nossa família era composta de oito irmãos, sendo eu a terceira filha dessa união. Tivemos uma formação inicial, mantendo um estreito vínculo com a agricultura local. Aos 6 anos de idade, juntamente com outras crianças da comunidade, aprendi a reconhecer as letras do alfabeto, tendo como mestra a minha prima Gílcia Pinheiro Fernandes. Esse exercício de aprendizagem e familiarização com as letras ocorria debaixo dos frondosos e abundantes pereiros, planta nativa da região.

Decorrido esse contato inicial com as letras, vieram os novos desafios. Embalados pela visão de futuro de D. Alzira, eu, aos 7 anos, e meu irmão mais velho, José Fernandes Dantas, mais conhecido por Euzete, deixamos o seio da família para iniciarmos a nossa formação escolar em Antenor Navarro, no Grupo Escolar Joaquim Távora. Na época, uma das poucas escolas públicas existentes na região e que oferecia a formação primária. Em face dessa limitação, fomos obrigados a migrar para centros de formação maiores. Cumprindo com os anseios de minha mãe, fomos separados, indo para lugares diferentes em busca de um futuro promissor.

Aos 20 de janeiro de 1957, com 13 anos de idade incompletos, em companhia de minha mãe, numa viagem de trem, deixei minha terra natal com destino ao estado do Ceará, para morar no município de Caucaia, em casa de familiares por parte de meu pai, o casal Misael Fernandes Vieira e Carmosina Rodrigues Fernandes e seus cinco filhos.

Em Caucaia, estudei no Externato Maria Laura pelo período de um ano. Posteriormente, com uma bolsa de estudo, em uma unidade de ensino do setor privado (Colégio Lourenço Filho) em Fortaleza, conclui o curso ginasial.

Em 1963, a família resolveu se mudar para Fortaleza, onde passamos a residir na Avenida João Pessoa, no Bairro Benfica. Logo em seguida, ingressei na Escola Normal Justiniano de Serpa, concluindo assim o curso secundário.

Creio que, por ter nascido no Alto Sertão Paraibano, convivendo com o campo, e por vocação, prestei vestibular para Agronomia, em 1967, e in-

gressei na Universidade Federal do Ceará. Aos 16 de julho de 1971 estava graduada como engenheira-agrônoma.

Em 1970, antecedendo ao término da minha formação acadêmica, me uni por laços de matrimônio ao engenheiro-agrônomo Hugo Barroncas Corrêa, natural do Amazonas, colega de faculdade e aluno do último semestre do curso. Logo após a sua colação de grau, no mesmo ano, a convite, ele foi para o estado do Amazonas em busca de novas oportunidades de trabalho. Após concluir o curso, em julho de 1971, migrei também para o Amazonas para dar continuidade a minha união e tentar me estabelecer nessa região, que, na época, já demandava por profissionais de diferentes formações. Fui a terceira mulher engenheira-agrônoma a chegar ao estado com perspectivas de fixar residência e conseguir trabalho.

Residindo em Manaus, e em início de carreira, fui abençoada com o nascimento de minhas três filhas, Kécia Kalina Fernandes Corrêa (junho de 1972), Kênia Patrícia Fernandes Corrêa (outubro de 1973) e Karla Swelen Fernandes Corrêa (abril de 1976). Tudo aconteceu em pleno processo de criação e implantação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que encampou várias instituições de pesquisa no Brasil, inclusive o Instituto de Pesquisas Agronômicas da Amazônia Ocidental (IPEAAOc).

Diante dos novos desafios, começa a minha caminhada na busca de oportunidades numa região ambiental e culturalmente diferente. Após várias tentativas, surge a primeira oportunidade: ingressar como estagiária, sem remuneração, no IPEAAOc. Essa oportunidade deveu-se a uma entrevista com José Carlos Oliveira, na época diretor da Delegacia do Ministério da Agricultura no Estado do Amazonas (Dema). Como “recibada” e sem carteira assinada, pois eram essas as condições vigentes no País, fui aceita pelo diretor Luiz Fernando Burlamaqui Monteiro, para trabalhar no Laboratório de Análise de Sementes.

Lembro perfeitamente quando o carro chegou para me buscar em casa, no meu primeiro dia de trabalho. Naquela época, essa era a forma de transportar os pesquisadores até a sede do IPEAAOc, localizada no Km 30, na Rodovia AM-010, Manaus – Itacoatiara. O meu contato inicial foi com a engenheira-agrônoma Alba Luci Rego de Moraes Peloso, que me apresentou à equipe já no decorrer da viagem. Logo a seguir, fui recebida pela Chefia, que de imediato me repassou as orientações e mostrou todo o ambiente no qual eu iria trabalhar.

Vale ressaltar que existiam muitos rumores sobre o novo Sistema de Pesquisa Agropecuária, em fase de implantação no País pelo Ministério da Agricultura. Portanto, o meu ingresso no IPEAAOc ocorreu exatamente nesse momento da transição.

Na época, a equipe de pesquisadores do IPEAAOc era jovem e formada principalmente por engenheiros-agrônomo e médicos-veterinários, oriundos de diferentes estados, tais como: Minas Gerais, Pará, Ceará e Maranhão.

Não existia uma equipe de pesquisadores na área de sementes e mudas. A estrutura disponível contemplava apenas um laboratório de apoio às pesquisas e algumas áreas de campo destinadas à multiplicação de sementes, tais como: arroz, juta, malva, feijão, etc. O IPEAAOc possuía, ainda, uma estação experimental, localizada no município de Maués, onde já existiam alguns experimentos com guaraná em condições de campo e mais alguns ensaios exploratórios com sementes sob condições de viveiro.

Outro desafio foi a grande diversidade que encontrei de espécies vegetais importantes para o estado do Amazonas, onde a exploração era extrativista e praticamente toda a produção era exportada, a exemplo do guaraná, da seringueira, da castanha-do-brasil e do cacau. Outras duas espécies introduzidas e cultivadas eram a juta e a malva, cuja produção já fazia parte também da pauta de exportação.

Além das espécies já mencionadas, o IPEAAOc possuía um banco de germoplasma composto por coleções de sementes de diferentes procedências (sementes de gramíneas, soja, arroz, feijão, hortaliças entre outras). Assim, iniciei meu trabalho no laboratório, fazendo as análises e avaliando a qualidade desses materiais. Todo esse acervo era armazenado em uma pequena câmara que, sob condições de temperatura e umidade controladas, conservava esse germoplasma disponível. Portanto, eu e um auxiliar dávamos suporte aos colegas pesquisadores nas diferentes áreas do conhecimento. Também fui envolvida na produção de sementes em condições de campo. Tudo era novo para mim, recém-saída da universidade e agora diante de uma nova realidade ambiental. Apesar da perplexidade, me sentia confiante e altamente motivada para estudar e conhecer esse novo bioma, a **Amazônia**, bem como sua complexidade.

Outro registro que merece destaque foi a visita, a convite do IPEAAOc, em janeiro de 1972, da renomada pesquisadora Odette Halfen Teixeira Liberal, especialista em Tecnologia de Sementes, do Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Centro-Sul (IPEACS), do Ministério da Agricultura. Após conhecer a nossa realidade e constatar a importância da implementação de projetos de Pesquisa & Desenvolvimento com sementes na Amazônia, não hesitou em recomendar à Diretoria, como necessidade premente, o meu treinamento, durante três meses, no Laboratório do IPEACS, no município de Itaguaí (RJ). Considero que essa oportunidade fez o diferencial e foi fundamental para o futuro da minha vida profissional.

Assim, ao retornar do estágio, fui logo contratada pela empresa de Extensão Rural do Estado do Amazonas (Acar-AM), solução encontrada pelo DNPEA para contornar a situação dos “recibados”, em janeiro de 1973, mas à disposição do IPEAAOc até dezembro de 1973.

Uma vez consolidado o processo de criação da nova Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), eu e mais sete colegas fomos imediatamente contratados, já a partir de janeiro de 1974, quando a Embrapa encampou a rede de Institutos de Pesquisa vinculada ao Ministério da Agricultura, inclusive o IPEAAOc.

Iniciando um novo ciclo como pesquisadora

Em fevereiro de 1974, os novos contratados foram de imediato incorporados ao Programa de Pós-Graduação criado pela Embrapa. Essa era a condição exigida para permanecermos na Empresa. Além do salário, fui contemplada com uma bolsa de estudos para fazer o curso de mestrado em Tecnologia de Sementes, pela Universidade Federal de Pelotas, RS, no período de março de 1974 a dezembro de 1975, cuja tese intitulou-se “Influência da Superfície de Impacto, Teor de Umidade e Altura de Queda sobre a Incidência de Injúrias Mecânicas em Sementes de Soja (*Glycine max.* [L] Marril)”, tendo como orientador o renomado pesquisador Flávio Popinígis, especialista em Fisiologia de Sementes de Plantas Cultivadas.

Ao retornar do mestrado, em dezembro de 1975, fui designada pela direção da nova Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (Uepae-Manaus) para assumir as atividades de pesquisa com a cultura do guaraná, onde permaneci até novembro de 1988.

Ressaltam-se os primeiros trabalhos de pesquisa realizados com o guaraná pelos engenheiros-agrônomo Afonso Celso Candeira Valois e Kiyoshi Okawa, ambos do Ministério da Agricultura, na época, e Antônio Francisco Souza, pelo IPEAAOc. Merecem destaque nesse período outras experiências de pesquisa com a planta do guaraná, também desenvolvidas no Ipean-PA e Acar-AM, visando aumentar a produção.

O nosso desafio, a partir de 1976, foi consolidar o processo de domesticação da planta a pleno sol. As pesquisas com o guaraná foram então intensificadas, devido à importância do produto diante das demandas dos mercados interno e externo.

Assim a Embrapa criou, dentro do Programa Diversificação Agropecuária, o subprograma de P&D para o guaraná, priorizando vários estudos, com destaque para seleção de plantas, propagação vegetativa, caracterização de germoplasma, melhoramento genético, manejo e tratos culturais, incluindo os trabalhos de consórcios com plantas de ciclo curto e semiperenes de valor econômico, além dos estudos com fitossanidade, fisiologia e socioeconomia, entre outros.

Nos 8 anos, nos dedicamos às pesquisas com o guaraná, intensificando a seleção de plantas, os estudos com a propagação vegetativa do guaranazeiro, por meio do processo de enraizamento de estacas, o grande desafio na época. Esses estudos eram importantes tendo em vista a grande variabilidade genética existente no guaraná, em relação a produção e a cafeína, principal produto da espécie. Acrescente-se a isso a necessidade premente de implementação dos estudos com o melhoramento genético. Assim, tornou-se necessário ampliar a equipe, visando à contratação de especialistas para dar mais celeridade aos estudos e projetos previstos no subprograma.

Assim, por meio de convênio entre Brasil e Alemanha, foi providenciada a vinda de um pesquisador, Alexander Graf zu Stolberg Wernigerode, que se incorporou à equipe como consultor, dando suporte aos estudos de propagação vegetativa, os quais já tinham sido iniciados, mas sob condições incipientes de infraestrutura. A Uepae de Manaus foi beneficiada pelo convênio, com novas instalações de viveiro e sistema de irrigação por nebulização intermitente. Creio ter sido, naquela época, uma das mais modernas estruturas de viveiro e método de irrigação na região. Com essas condições foi possível ampliar e acelerar os estudos, conseguindo-se viabilizar o processo de enraizamento de estacas e a produção de mudas de guaraná.

Em face da carência de melhorista na equipe, a Unidade contratou um consultor internacional, o pesquisador José Ricardo Escobar, especialista em melhoramento genético de plantas tropicais e também com larga experiência em gestão de P&D. Nesse momento, fui designada pela Unidade como contraparte do referido consultor. Considero um período de muito aprendizado e altamente produtivo do ponto de vista técnico-científico, permitindo-se avançar mais rapidamente na pesquisa e obtenção dos primeiros clones de guaraná. Novos pesquisadores foram contratados, tanto pela Uepae de Manaus como por outras Unidades de Pesquisa do Sistema Embrapa, na região Norte, que se dedicaram à pesquisa com o guaraná. Ressalta-se a parceria com a Ceplac, no sul do estado da Bahia, que designou pesquisador para os estudos com o guaraná, em função da introdução da cultura também naquela região.

Tal iniciativa favoreceu a criação de uma rede de experimentos com os primeiros clones obtidos, também com avanços significativos na produção de conhecimentos e tecnologias para a cadeia produtiva da agroindústria do guaraná.

Em 1984, iniciei o curso de doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em parceria com a Universidade do Amazonas, tendo como orientador o pesquisador Celso Afonso Candeira Valois, especialista em Melhoramento Genético de Plantas Tropicais. O tema da tese foi “O Estudo de Caracteres Quantitativos e Qualitativos para a Descrição Morfológica do Guaraná” (*Paullinia cupana* var. *sorbilis* [Mart.] Ducke). Obtive meu título em 1989.

Tudo isso fez com que os produtores tivessem acesso ao conhecimento e às tecnologias geradas, tornando seus cultivos mais produtivos, agregando valor ao produto ao longo da cadeia produtiva e melhorando a renda deles.

Ressalta-se o valioso legado deixado por todos aqueles que foram envolvidos na geração de conhecimentos e tecnologias, destacando-se: seleção de plantas superiores nos campos de pesquisa e em plantios de produtores; produção comercial de mudas de guaraná por propagação vegetativa; obtenção de clones com produção iniciando a partir dos 18 meses de idade; relação de descritores morfológicos e químicos (cafeína) para a caracterização de germoplasma e de novos clones desenvolvidos; consórcio de guaraná com batata-doce, proporcionando ao produtor o retorno do investimento

de implantação do guaranazal; consórcio de guaraná com maracujá, como fonte de renda antes do início de produção do guaranazal; consórcio de guaraná com abacaxi, como fonte alternativa de renda ao produtor.

De volta ao Nordeste

A convite, retornei ao Ceará em novembro de 1988, incorporando-me à equipe do novo Centro Nacional de Pesquisa do Caju (CNPCCa), recém-criado pela Embrapa em abril de 1987 e posteriormente transformado em Embrapa Agroindústria Tropical, em face da importância da amêndoa como um produto-chave agroindustrial da pauta de exportação da região Nordeste para outros países. As demandas por pesquisas se tornaram crescentes, havendo necessidade de ampliação dos estudos em P&D, visando superar os gargalos existentes na cadeia produtiva do caju. Toda a produção de castanha era oriunda dos plantios extensivos, formados por plantas com alta variabilidade genética, portanto com baixa produtividade. Uma equipe foi formada por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, assistentes de pesquisa e auxiliares de laboratório e campo. Fui designada para trabalhar, juntamente com outros pesquisadores, com a propagação vegetativa do cajueiro, testando métodos alternativos de enxertia, tipos de embalagem, substratos, idade de porta-enxertos e diferentes tipos de propágulos, objetivando viabilizar, técnica e economicamente, o sistema de produção de mudas de cajueiro.

Ressaltam-se, em todo este contexto, as parcerias firmadas com a Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária do Estado do Ceará (Epace), que já contava com uma equipe de pesquisadores dedicados aos diversos estudos em andamento com o cajueiro, inclusive as pesquisas com o cajueiro anão precoce, além da rede de outras importantes parcerias estabelecidas com universidades, por meio dos cursos de pós-graduação, com pequenos, médios e grandes cajucultores, além do setor de agroindústria do caju, bancos de desenvolvimento, a exemplo do Banco do Nordeste, cooperativas e associações de produtores, tanto no Ceará quanto em outros estados.

Destacam-se as principais contribuições da pesquisa com a propagação vegetativa do cajueiro para o avanço da cajucultura no País, tais como: validação dos processos de enxertia por borbúlia e garfagem, reduzindo em até 52% os custos da muda; viabilização da produção de muda em embalagens menores (tubetes), facilitando o transporte e plantio; inclusão dos

pequenos e médios produtores na política de crédito; validação da tecnologia de substituição de copas de plantas em pomares com baixa produtividade; e contribuição para validar o cultivo comercial dos clones de cajueiro anão precoce.

Vale ressaltar que todos os avanços conseguidos com o guaraná e o cajueiro foram obtidos com muita dedicação e trabalho, contando-se com equipes formadas por pesquisadores, consultores nacionais e internacionais, assistentes de pesquisa, auxiliares de laboratório, auxiliares de viveiro e de campo.

Gestão de centros de pesquisa

Destaca-se o legado na área de gestão de dois Centros de Pesquisa na região Nordeste:

Gestão: Embrapa Meio-Norte

Principais Legados: consolidação do processo de identidade; melhoria do clima organizacional; fortalecimento da UEP Parnaíba; organização e gestão de equipes; fortalecimento de pesquisas e transferência de tecnologias nos cerrados do Piauí e Maranhão; fortalecimento das áreas de apicultura, fruticultura, agricultura familiar e do programa de pesquisas de feijão-caupi.

Gestão: Embrapa Caprinos e Ovinos

Principais Legados: perfil gerencial da Unidade; clima organizacional; inserção da Unidade em redes nacionais e internacionais de pesquisa; ampliação e renovação do quadro de pessoal; portfólio de projetos; gestão por processo; ampliação das parcerias; ampliação e liberação de recursos.

Novos tempos

A despeito de ter me aposentado em 2004, ainda continuei trabalhando durante quatro anos como chefe-geral da Embrapa Caprinos e Ovinos, em Sobral, Ceará. Ao término do meu mandato, em 2009, abdiquei-me da vida profissional para investir mais na vida pessoal e dispor de mais tempo para

conviver com minha família, tendo em vista que as minhas filhas, Kécia, Kênia e Karla, já estão casadas, uma morando no Ceará e as outras, fora do País.

Literalmente, um novo tempo para acompanhar o crescimento dos meus dez netos, esse grande presente de Deus. Concomitantemente, reservo parte do meu tempo para diversos trabalhos voluntários, destacando-se o Projeto Semear, que trabalha com crianças e adolescentes em condições de alta vulnerabilidade que vivem na periferia de Fortaleza. Esse projeto é coordenado pela Igreja Presbiteriana, na qual me congrego, em parceria com o governo do estado do Ceará.

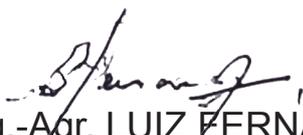
Neste momento vivo também uma nova fase na minha vida pessoal. Em janeiro de 2019, aos 74 anos, contrai matrimônio com Stephen Pheifer, cidadão americano do Estado de Michigan-EUA. Um novo recomeço!

“Quero trazer à memória tudo que me pode dar esperança.”
Lamentações 3:21

Mensagem aos Pesquisadores do Amazonas

Eu tive a honra e o privilégio de ter sido o primeiro diretor do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), unidade que deu origem à Embrapa Amazônia Ocidental/Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia (CPAA). Eu acho que o IPEAAOC, mesmo com as dificuldades da época, cumpriu com a missão de ter contribuído para a implantação e o desenvolvimento da estrutura que hoje representa a Embrapa Amazônia Ocidental. Quero aproveitar este momento para fazer uma homenagem póstuma ao meu vice-diretor e amigo, o engenheiro-agrônomo Dr. Acilino Canto, e a todos os técnicos que contribuíram com a estruturação do Instituto, em especial do Dr. Alfredo Homma, bem como aos demais funcionários. Espero que os atuais colegas pesquisadores continuem desenvolvendo as pesquisas necessárias para o desenvolvimento da Amazônia, pois esse foi o objetivo primordial da criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Brasília-DF, 8 de abril de 2019


Eng.-Agr. LUIZ FERNANDO MONTEIRO
Auditor Fiscal Agropecuário Aposentado

Publicações IPEAAO_c

ALMEIDA, L. C. de; COSTA, A. A. S.; SOUZA, A. F.; BERNIZ, J. M. J. **A cultura do milho no estado do Amazonas**. 2. ed. Manaus: IPEAAO_c, 1973. 15 p. Mimeografado.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195952/1/ld-9943.pdf>

ALMEIDA, L. C.; SOUZA, A. F. **Prospecção de solos no Município de Maués-Amazonas**. Manaus: IPEAAO_c, 1972. 21 p.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195968/1/ld-14236.pdf>

BERNIZ, J. M. J. **Relatório de atividades desenvolvidas no Setor de Fitotecnia no IPEAAO_c**. Manaus: IPEAAO_c, 1974.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195948/1/ld-14057.pdf>

BERNIZ, J. M. J.; CARBAJAL, A. R.; RESENDE, P. I. **Arroz**: competição de variedades de sequeiro. Manaus: IPEAAO_c, 1971. 2 p. (Informativo IPEAAO_c).

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/65082/1/Informativo-Ipeaaoc.pdf>

BERNIZ, J. M. J.; CARBARAL, A. R.; RESENDE, P. I. **Milho**: estudo de espaçamento. Manaus: IPEAAO_c, 1971. 2 p. (IPEAAO_c. Informações de Pesquisas, 2).

URL: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195963/1/ld-9945.pdf>

CAMPOS, F. A. A. **Uma comparação de milho opaco II**. Ração comercial - rações balanceadas em milho opaco II e milho comum, para bezerros desmamados precocemente. Manaus: IPEAAOc, 1971. 8 p.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195953/1/Id-9942.pdf>

CAMPOS, F. A. A.; AROEIRA, L. J. M.; CAVALCANTI, E. A. **O rebanho leiteiro de “Terra Firme” no município de Manaus**. Manaus: IPEAAOc, 1972. 16 p.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/65087/1/fol-1178.pdf>

CANTO, A. do C. **Pesquisas zootécnicas e agrostológicas na Amazônia brasileira**. Manaus: IPEAAOc, 1975. 15 p. Reunião sobre Política de Produção do Distrito Agropecuário da Suframa, Manaus, 7 - 11 de abril de 1975.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/127818/1/FOL0579.pdf>

CANTO, A. do C.; TEIXEIRA, L. B. **Efeito de intervalos entre cortes na produção do capim elefante Porto Rico - 534**. Manaus: IPEAAOc, 1972. 9 p.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195951/1/Id-11291.pdf>

CANTO, A. do C.; TEIXEIRA, L. B.; CARBAJAL, A. C. R. Competição de clones de capim elefante (*Pennisetum purpureum* Schum) para formação de capineiras na região de Manaus-Amazonas. **Boletim Técnico do IPEAAOc**, n. 4, p. 11-24, dez. 1974.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/194539/1/COMPETICAO-DE-CLONES-DE-CAPIM-ELEFANTE-Pennisetum....pdf>

CANTO, A. do C.; TEIXEIRA, L. B.; MEDEIROS, J. C.; CARBAJAL, A. C. R. **Altura do corte em capim elefante (*Pennisetum purpureum* Schum)**. Manaus: IPEAAOc, 1973. 13 p. (IPEAAOc. Circular, 5).

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/196499/1/Id-516-5.pdf>

COLETÂNEA de projetos das pesquisas em realização no ano de 1965; área experimental de Manaus. Manaus: Ministério da Agricultura, 1965.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195969/1/Id-14257.pdf>

FALESI, I. C. (Coord.). **Levantamento detalhado dos solos do IPEAAOc**. Manaus: MA-DNPEA-IPEAAOc, 1972. 63 p. (Boletim técnico, n. 1).

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/194944/1/BOLETIM-TECNICO.pdf>

INSTITUTO DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL. **Algumas informações básicas sobre as culturas de subsistência (arroz - milho - feijão) na Amazônia Ocidental**. Manaus: IPEAAOc, 1972. 16 p. (IPEAAOc. Indicação de Pesquisa).

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/196488/1/Id-9854-FOL0445.pdf>

INSTITUTO DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL, Manaus, AM. **Material reprodutivo em estudo no IPEAAOc**. Manaus, 1973.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/196017/1/Id-17333.pdf>

IPEAAOc. **Atividades do IPEAAOc relacionadas com o desenvolvimento do Trópico americano**. Manaus: IPEAAOc, 1972. 3 p. (Informativo IPEAAOc).

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/68027/1/INFORMATIVO-IPEAAOc0001.pdf>

IPEAAOc. **Trabalhos experimentais com forrageiras**. Manaus, 1972/1973. Não paginado.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/181404/1/Trabalhos-experimentais-com-forrageiras-2.pdf>

MAPA de reconhecimento de solo: área do distrito agropecuário da SUFRAMA. [Manaus]: IPEAAOc, [1971]. 1 mapa, color., 55 cm x 53 cm. Escala 1:50.000.

MONTEIRO, L. F.; HOMMA, A. K. O.; SOUZA, N. A. de. **Considerações sobre a produção de sementes de juta**: seu centro produtor na Amazônia. Manaus: IPEAAOc, 1973. 49 p. (IPEAAOc. Circular, 7).

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/196018/1/Id-25493.pdf>

PELOSO, A. L. R. de M. **A cultura do repolho (revisão bibliográfica)**. Manaus: IPEAAOc, 1973. 20 p.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195954/1/Id-9566.pdf>

PELOSO, A. L. R. de M. **Herbicidas na cultura do tomate (revisão bibliográfica)**. Manaus: IPEAAOc, 1973. 18 p. Trabalho realizado no V Curso Internacional de Controle Químico de Malezas em Cagua (Venezuela), no período de 04.04 a 06.05.1972.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195949/1/Id-11342.pdf>

RODRIGUES, T. E.; MORIKAWA, I. K.; REIS, R. S. dos; FALESI, I. C. **Solos do distrito agropecuário da Suframa**: (Trecho: km 30 - km 79 - Rod. BR-174). Manaus: IPEAAOc, 1971. 99 p. (IPEAAOc. Solos, v. 1, n. 1). Acompanha 2 mapas.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/180520/1/Solos-do-DAS.pdf>

SCHULTZ, Q.; VALOIS, A. C. C. **Estudos sobre o mecanismo de floração e frutificação do guaranazeiro**. Manaus: IPEAAOc, 1974. p. 35-58. (IPEAAOc. Boletim Técnico, 004).

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/181450/1/Bol.Tec.IPEAAOc.pdf>

SOUZA, A. F.; ALMEIDA, L. C.; RESENDE, P. I. **Normas técnicas a serem seguidas no trabalho de extensão de amostras de solo no campo**. Manaus: IPEAAOc, 1971. 1 f.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195965/1/ld-14244.pdf>

SOUZA, A. F.; CARBAJAL, A. R.; RESENDE, P. I. **Feijão**: adubação orgânica na cultura do feijão “cow-pea”. Manaus: IPEAAOc, 1971. 2 p.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195970/1/ld-9781-F425.pdf>

SOUZA, A. F.; CARBAJAL, A. R.; RESENDE, P. I. **Feijão caupi**: adubação mineral, orgânica e calagem. Manaus: IPEAAOc, 1971. 2 p.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195961/1/ld-9782.pdf>

SOUZA, A. F.; CARBAJAL, A. R.; RESENDE, P. I. **Milho**: calagem, adubação mineral e orgânica. Manaus: IPEAAOc., 1971. 2 p. (IPEAAOc, Informativo 1).

URL: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195957/1/ld-9944.pdf>

SOUZA, A. F.; CARBAJAL, A. R.; RESENDE, P. I. **Solos**: determinação qualitativa da deficiência mineral de alguns solos da Amazônia Ocidental. Manaus: IPEAAOc, 1971. 1 f. (IPEAAOc. Indicação de pesquisa).

URL: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195964/1/ld-14242.pdf>

SOUZA, A. F.; CARBAJAL, A. R.; RESENDE, P. I. **Solos**: determinação quantitativa do estado nutritivo de alguns solos da Amazônia Ocidental. Manaus: IPEAAOc, 1971. 1 f.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195971/1/ld-14243.pdf>

SOUZA, A. F.; NASCIMENTO, J. C.; MONTEIRO, L. F.; ALMEIDA, L. C. de. **Aspectos prioritários de um programa de pesquisas e experimentação com a cultura do guaraná no Estado do Amazonas**. Manaus: IPEAAOc, 1978. 11 p. (Informativo IPEAAOc). Trabalho apresentado no Simpósio: Potencial Agropecuário da Região Amazônica, realizado na XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Curitiba-PR, no período 04 a 10 de julho de 1971.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/196491/1/ld-9553-FOL0308.pdf>

SOUZA, M. G. D. da F. de (Org.). **Programação de pesquisa agropecuária do IPEAAOc - 1972/1973**. Manaus: IPEAAOc, 1973. 41 p.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/68024/1/Progama-de-Pesquisa-Agropecuaria-ano-19730001.pdf>

TEIXEIRA, L. B.; CANTO, A. do C.; HOMMA, A. K. O. **Controle de ervas invasoras em pastagens na Amazônia Ocidental**. Manaus, AM: IPEAAOc, 1973. 13 p. (IPEAAOc. Circular, 003).

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/52487/1/Circular-IPEAAOc003.pdf>

VALOIS, A. C. C. Competição de clones de seringueira e predição de parâmetros genéticos. **Boletim Técnico do IPEAAOc**, n. 4, p. 1-9, dez. 1974.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/122428/1/p.-1-9.pdf>

VALOIS, A. C. C. **Estudo do elemento fósforo (P) em três solos da região de Matão-SP**. Manaus: IPEAAOc, 1971. 7 p.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195967/1/ld-14245.pdf>

VALOIS, A. C. C.; BERNIZ, J. M. J. Adubação mineral em viveiro de seringueira. **Boletim Técnico do IPEAAOc**, Manaus, n. 4, p. 25-33, dez. 1974.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/194540/1/ADUBACAO-MINERAL-EM-VIVEIRO....pdf>

VALOIS, A. C. C.; HOMMA, A. K. O. **Análise econômica da descorticação mecânica na cultura da juta (protótipo Iseki Mitsui)**. Manaus: IPEAAOc, 1972. 41 p. (IPEAAOc. Boletim Técnico, 2).

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/180676/1/FOL9114.pdf>

VALOIS, A. C. C.; MONTEIRO, L. F. **Produção de sementes de juta no Estado do Amazonas**. Manaus: IPEAAOc, 1972. 9 p.

URL: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/195956/1/ld-9703.pdf>

Fotos Históricas

Campo Experimental de Maués

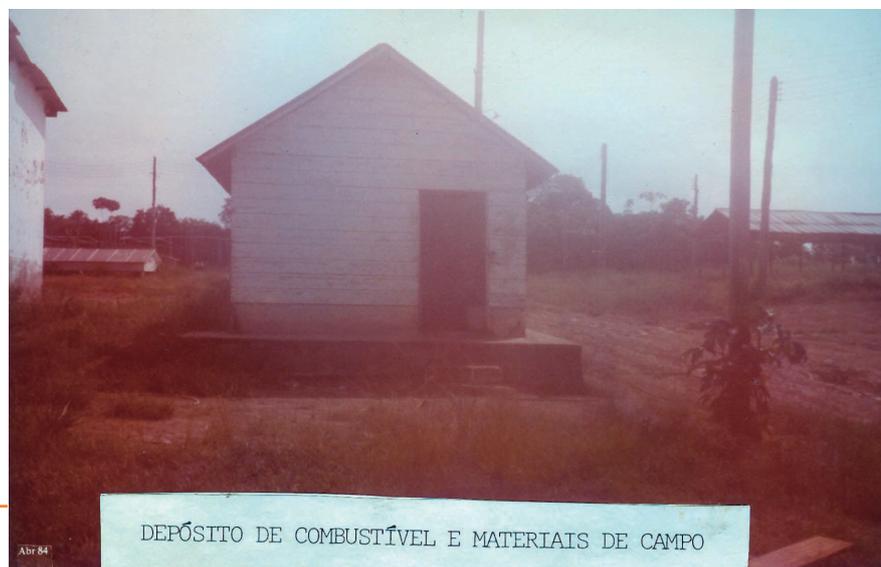


Barracão do refeitório.

(Foto: Arquivo Embrapa
Amazônia Ocidental).

Depósito de
combustível e
materiais de campo.

(Foto: Arquivo Embrapa
Amazônia Ocidental).



DEPÓSITO DE COMBUSTÍVEL E MATERIAIS DE CAMPO



Antigo Escritório.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



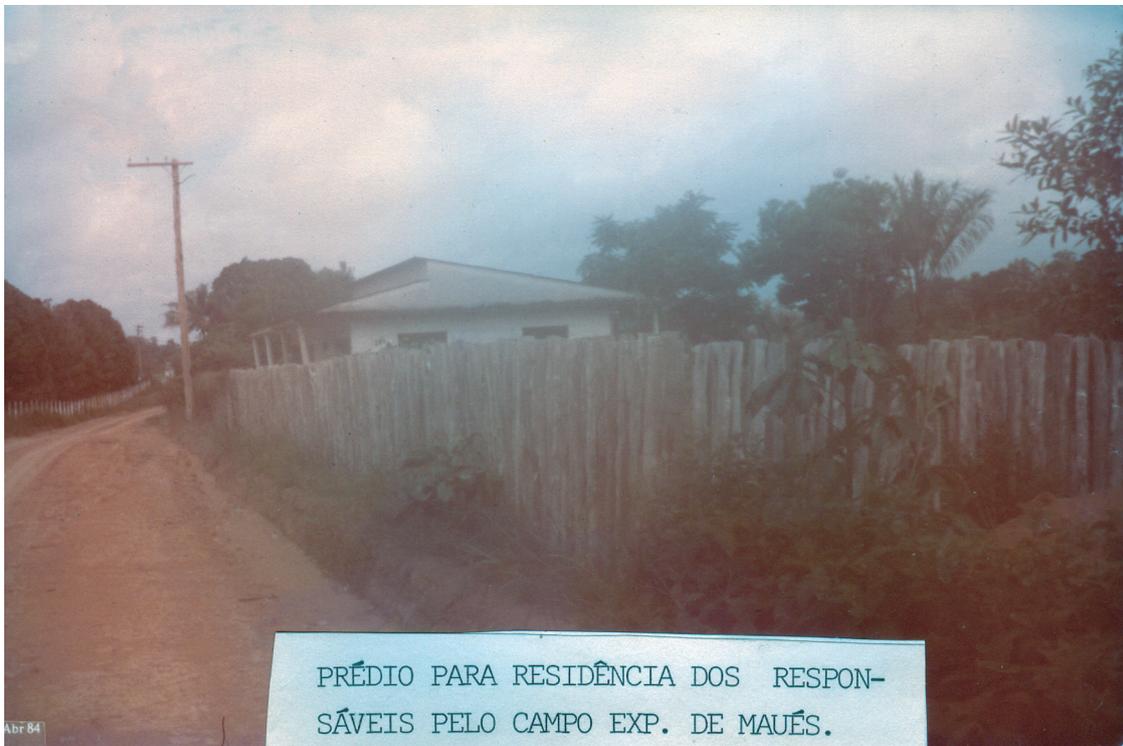
Prédios antigos: escritório, galpão, secador solar de guaraná.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



Captação de água.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



Residência dos supervisores.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



Afonso Valois nos experimentos de guaraná em Maués, AM.

(Fotos: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).

Campo Experimental do Caldeirão



Coleta de experimento de juta no Campo Experimental do Caldeirão, localizado à margem do Rio Solimões (atualmente município de Iranduba, AM).

(Foto: Afonso Valois).



Afonso Celso Candeira Valois e João Maria Japhar Berniz em ação de colheita de experimento de juta para produção de fibras.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).

Campo Experimental do IPEAAOc



Afonso Valois examinando um clone de mandioca na competição de clones de mandioca, em 1970, ocorrido no Campo Experimental do IPEAAOc, Rodovia AM-010, Km 30.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).

Estação Climatológica do IPEAAOc



Plantio de grama na Estação Climatológica do IPEAAOc.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



Plantio de grama na Estação Climatológica do IPEAAOc (prédio ao fundo) e, em primeiro plano, a Rodovia AM-010, Km 30.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).

Campo Experimental do Km 30



Afonso Valois em prática de adubação de experimento de cana-de-açúcar no Km 30.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).

Empregados do IPEAAOc



Belém, 24 de abril de 2019

Prezado Dr. Lindomar,

Nesta foto aparecem eu, o agrônomo João Maria Japhar Berniz (centro), o médico-veterinário Luiz Januário Magalhães Aroeira e, ao fundo, a Sra. Walda Corrêa

dos Santos, bibliotecária do IPEAAOc. Ver a coleção da estante, provavelmente a Enciclopédia Barsa, que era o nosso “Google” da época, na parte de cima, e, provavelmente, o livro dos municípios do Brasil, publicado pelo IBGE.



Provavelmente era a pausa depois do almoço, para aproveitar o ar-condicionado. A moda masculina da época era cabelos compridos e cal-

ças boca de sino. Não tenho a mínima noção de quem bateu essa foto e por que o fizeram. Pois as fotos eram difíceis, necessitavam ser reveladas; se colocasse o filme de mau jeito não prestava, etc.

Muito obrigado pela foto. Vou mandar revelar para guardar.

Cordialmente,
Alfredo Homma



(Fotos: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



Maria Pinheiro Fernandes Corrêa no campo de produção de sementes de arroz: IPEAAOc, 1972/1973.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).

Maria Pinheiro Fernandes Corrêa: treinamento no IPEACS (Rio de Janeiro, 1972), sob a supervisão de Odette Halfen Teixeira Liberal, autoridade em sementes no Brasil.



(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



Guaraná: as primeiras plantas de guaraná clonadas e testadas em campo (Maria Pinheiro F. Corrêa).

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).

Representantes do IPEAAOc



Acilino do Carmo Canto.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



Afonso Celso Candeira Valois e Miraci Pontual, bibliotecária do Cenargen, responsável pela publicação dos livros sobre a história do Cenargen.

(Foto: Cláudio Melo).



Alfredo Kingo Oyama Homma.

(Foto: Ronaldo Rosa).



Alfredo Homma e Luiz Fernando Monteiro, 2018.

(Foto: Nelson Leite).



**Fernando Antônio
Araújo Campos.**

(Foto: Arquivo Embrapa
Amazônia Ocidental).



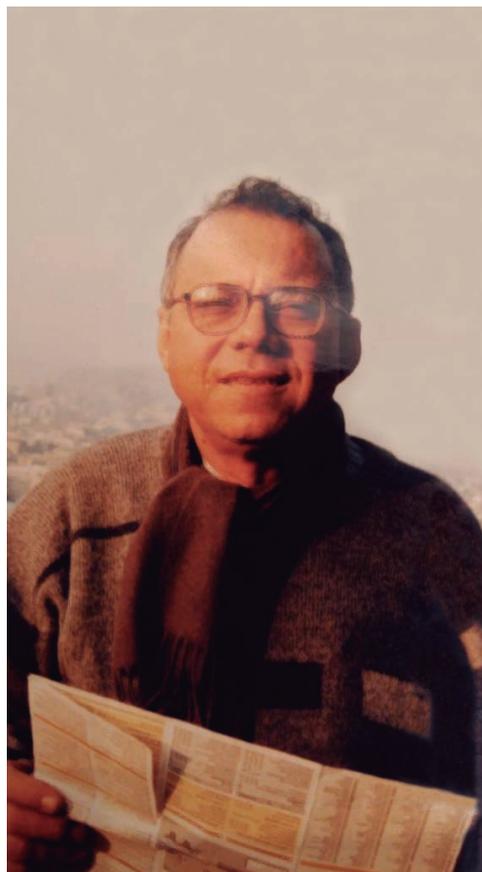
João Maria Japhar Berniz.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



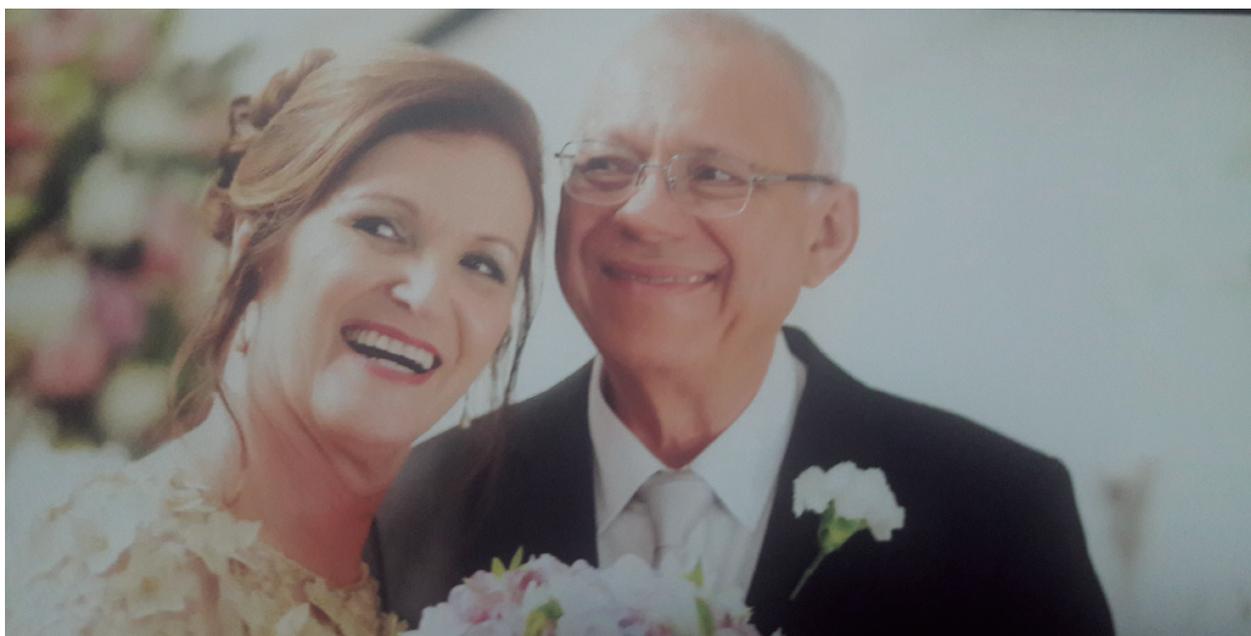
Luiz Carlos de Almeida.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



José Carlos Nascimento.

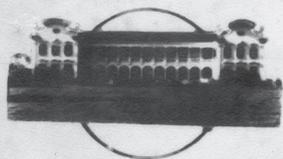
(Fotos: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



José Carlos Nascimento e sua esposa, Maria Conceição Faria Nascimento.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental),

Eventos diversos



IX - REUNIÃO DOS DIRETORES DA PESQUISA
AGRO-PECUÁRIA FEDERAL
28 de setembro a 3 de outubro de 1970
I. P. E. A. C. S. - Km 47
ITAGIRA - RIO DE JANEIRO

Aparecem em primeiro plano: Afonso Celso Candeira Valois, funcionário do Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária (DNPEA), Acilino do Carmo Canto e Paulo Iemini de Resende



Afonso Celso Candreira Valois (à esquerda), chefe-geral da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia (Cenargen), e Norman Borlaug (à direita), pai da Revolução Verde e Prêmio Nobel da Paz de 1970. Na ocasião, Norman, grande admirador da Embrapa, estava sendo homenageado na sala de recepção da Presidência da Embrapa.

(Foto: Cláudio Melo).

Lethem, Guiana Inglesa



Correios e Telégrafos de Lethem, Guiana Inglesa, em 1971.

Da esquerda para a direita: Afonso Valois e Acilino Canto (IPEAAOc), Marcos Porto (Campo Experimental de Boa Vista) e o engenheiro-agrônomo do Campus da Universidade de Santa Maria, RS, que trabalhava em Roraima. Na ocasião, Afonso Valois e Acilino Canto encontravam-se em visita aos trabalhos de pesquisa instalados na Estação Experimental do IPEAAOc, Boa Vista, RR.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).

Serra da Prata, RR



Afonso Celso Candeira Valois em frente a um piquizeiro, árvore nativa da Bacia Amazônica, medindo mais de 2,5 m de diâmetro, em solo eutrófico, vegetando na Serra da Prata, RR, onde o IPEAAOc desenvolvia pesquisas em 1971.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).

Capela *Nossa Senhora de Fátima*



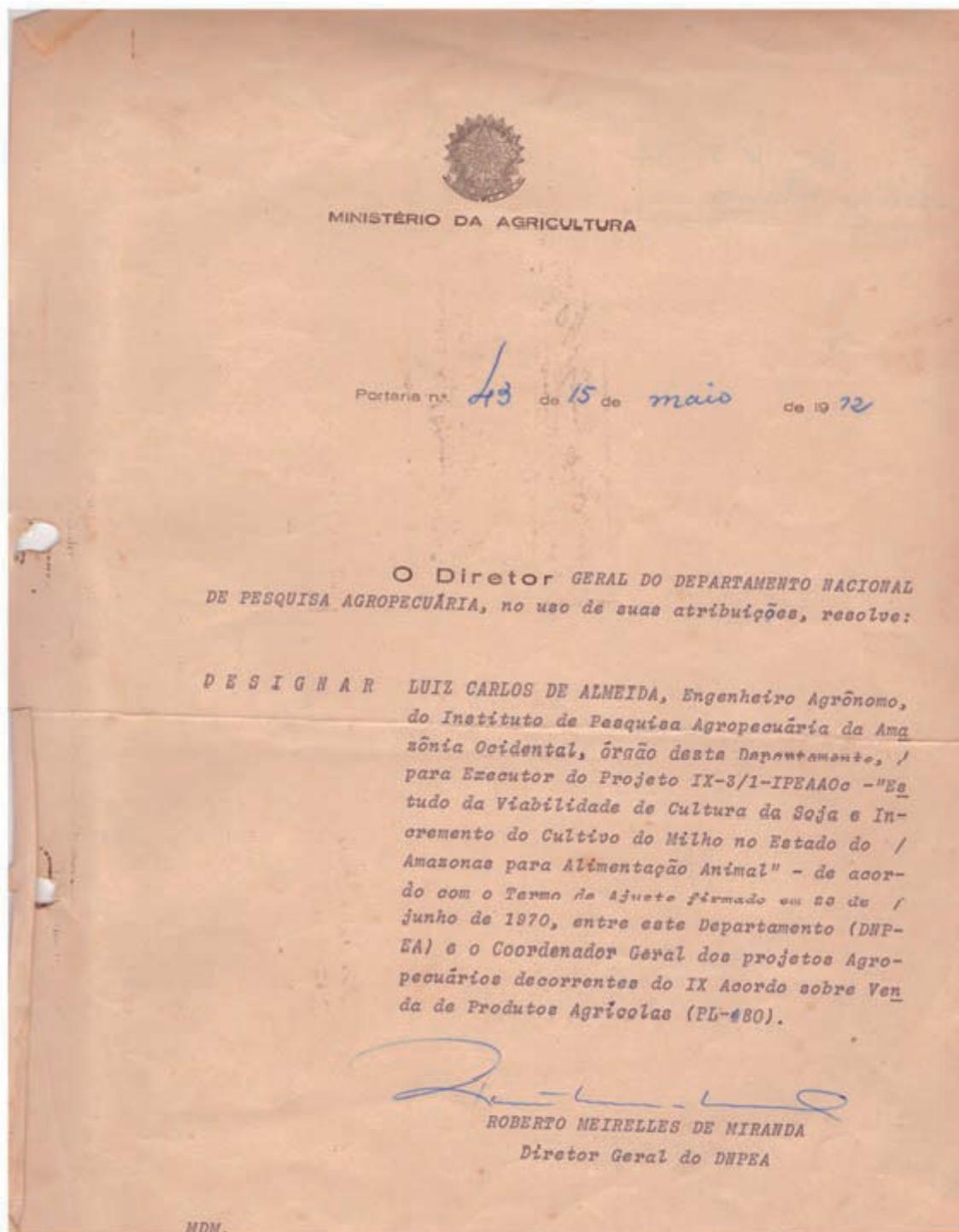
Capela *Nossa Senhora de Fátima* que o IPEAAOc mantinha em frente à Estação Experimental de Tefé, AM, atualmente conservada pelo Exército Brasileiro.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



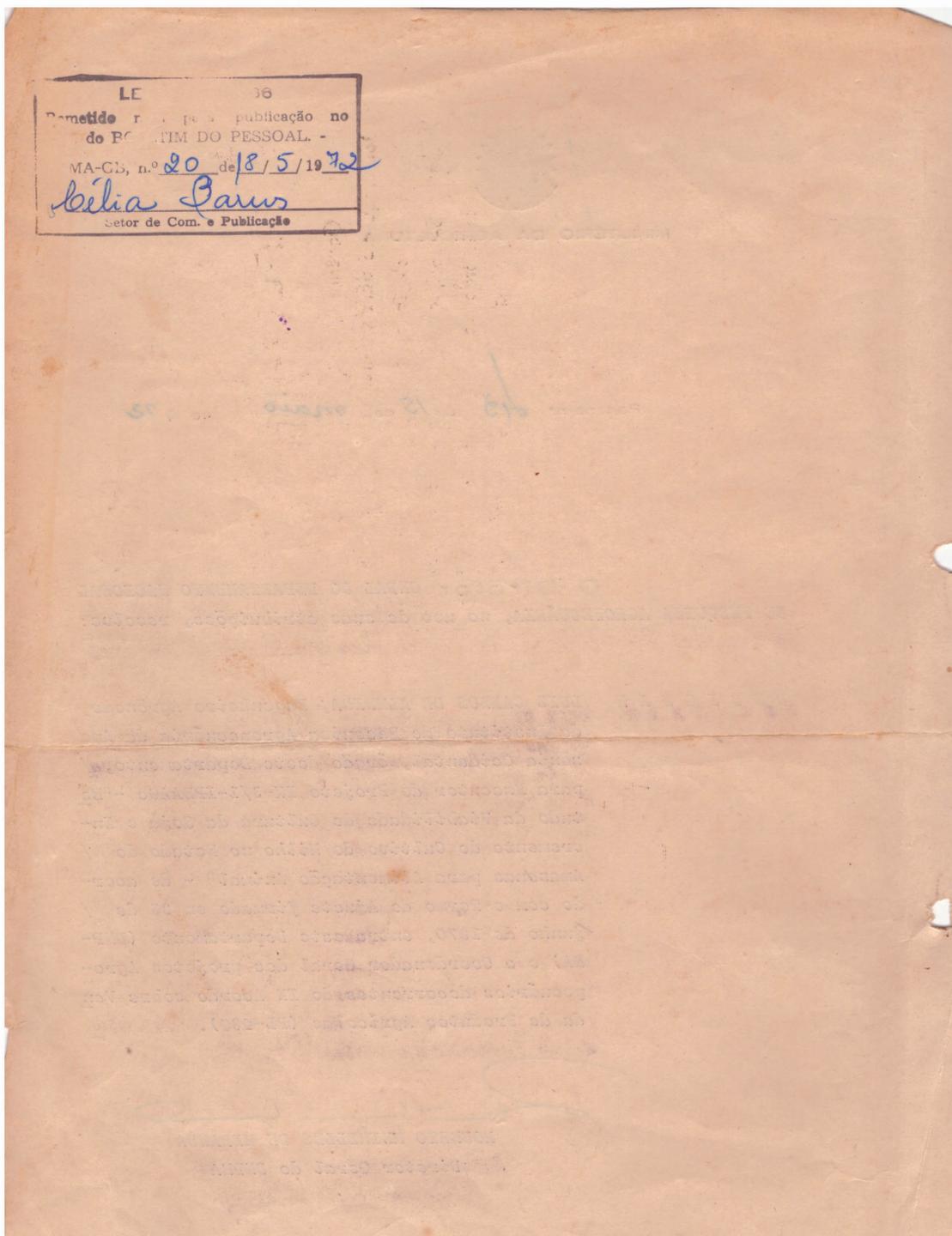
Vista do interior da Capela *Nossa Senhora de Fátima*, na sua bela arquitetura.

(Foto: Arquivo Embrapa Amazônia Ocidental).



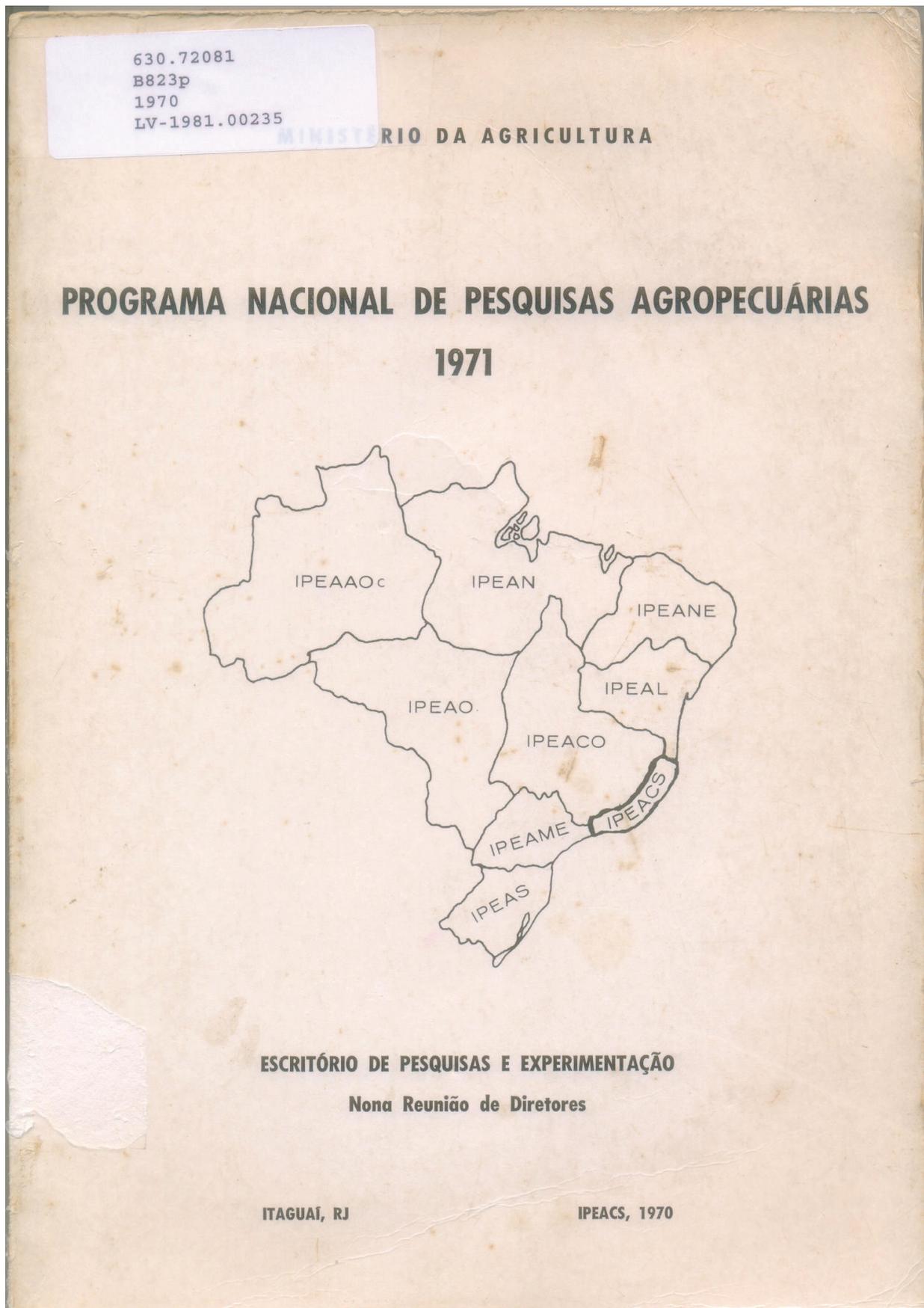
Portaria nº 43, de 15 de maio de 1972.

(Fonte: Embrapa Amazônia Ocidental).



Verso da Portaria nº 43, de 15 de maio de 1972.

(Fonte: Embrapa Amazônia Ocidental).



Relatório da Nona Reunião de Diretores.

(Fonte: Embrapa Amazônia Ocidental).

**EMBRAPA**

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA

C.DID 229/74

Brasília, 16 de setembro de 1974

Ilma. Sra.
Valda Correa dos Santos
Bibliotecária-Chefe do IPEAAOc
Estrada do Aleixo Km 2
Caixa Postal 455
CEP 69.000 - Manaus

Cara Valda,

apraz-me encaminhar-lhe o documento anexo ,
enviado ao Chefe do DRH, buscando melhor enquadramento para os
bibliotecários da Empresa.

Trata-se de uma proposição que está sendo
estudada pela Diretoria Executiva. Acredito que de alguma forma
servirá para criar opções de carreira mais compatíveis com a rea-
lidade profissional, que a oferecida no "Plano de Cargos e Sa-
lários".

Acredite-me empenhado nessa luta.

ALEXANDRE DO ESPÍRITO SANTO
CHEFE

Dep. de Informação e Documentação

VINCULADA AO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Carta encaminhando documento sobre
enquadramento dos bibliotecários.

(Fonte: Embrapa Amazônia Ocidental).

EMBRAPA

Carta IPEAAOc nº/74

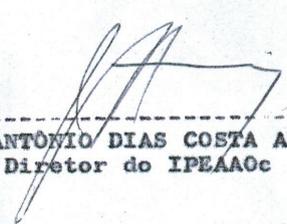
Manaus, 17 de Julho de 1974.

Senhor Diretor,

Atendendo solicitação de V.Sa. feita através do Ofício nº 640/74-GAB/DEMA/AM, estamos indicando o Engenheiro A grônomo AFONSO CELSO CANDEIRA VALOIS para representar este Instituto junto à Comissão Estadual de Sementes e Mudas (CESM).

Na oportunidade apresentamos nossos protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,



JOSÉ ANTÔNIO DIAS COSTA ARCEIRA
Diretor do IPEAAOc

Ilmo. Sr.

Dr. JOSÉ CLODOVEU MEDEIROS

DD. Diretor Estadual do Ministério
da Agricultura, no Amazonas.N e s t a

Proc. nº 342/74

/aal.

VINCULADA AO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Carta IPEAAOc/1974.

(Fonte: Embrapa Amazônia Ocidental).



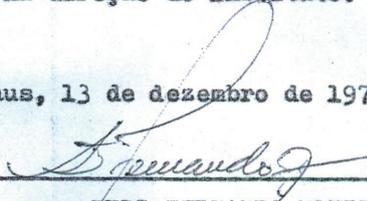
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias da Amazônia Ocidental - Manaus - Am.

D E C L A R A Ç Ã O

D E C L A R O, para os devidos fins, que o Engenheiro Agrônomo AFONSO CELSO CANDEIRA VALOIS é técnico do Instituto de Pesquisa Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), pertencente ao Ministério da Agricultura onde exerce os cargos de Chefe do Grupo de Pesquisas Vegetais, membro da Comissão de Coordenação de Trabalhos de Pesquisas e Coordenador da Estação Experimental de Terê-AM, já tendo em outra oportunidade ocupado o cargo de Chefe do Setor de Estatística Experimental e Análise Econômica, bem como, substituído-me várias vezes na direção do Instituto.

Manaus, 13 de dezembro de 1971


Eng^o Agron. LUIZ FERNANDO MONTEIRO
Diretor do IPEAAOc.

Declaração sobre a vinculação de Afonso Celso
Candeira Valois ao IPEAAOc.

(Fonte: Embrapa Amazônia Ocidental).

Relação de empregados do IPEAAOc: Período 1971 a 1974

Nome	Função
Acilino do Carmo Canto	Engenheiro-agrônomo
Adaumir Marques Uchoa	Motorista
Afonso Celso Candeira Valois	Engenheiro-agrônomo
Agnaldo Marques de Souza	Campo
Alba Luci Rego de Moraes Peloso	Engenheira-agrônoma
Alfio Celestino Rivera Carbajal	Engenheiro-agrônomo
Alfredo Kingo Oyama Homma	Economista
Aluizio Farias da Silva	Pesquisa
Aluizio Pinheiro de Matos	Campo
Antonina Ferreira Bentes	Escriturária
Antonio Francisco Souza	Campo
Antonio Laércio Rodrigues de Souza	Campo
Antônio Moreira de Souza	Campo
Arimar Ferreira da Silva	Campo
Arlindo Nogueira da Silva	Campo
Aurora de Araújo Leite	Datilógrafa
Camilo Lopes de Oliveira	Campo
Carlos Alberto Doza de Oliveira	Secretário
Carlos Alberto Teixeira dos Santos	Campo
Carlos Augusto Coimbra Garcia	Técnico em Contabilidade
Elpidio Lopes	Campo
Ernesto de Oliveira Sena	Roçagem e aração
Esmeraldino Ferreira	Campo
Fernando Antônio de Araújo Campos	Veterinário
Firmo Cardoso	Campo
Francisco Marques de Souza	Campo
Francisco Renato da Silva	Campo
Galdino Geffryres	Campo
Getulio Braga da Silva	Campo
Gregório Dias da Silva	Campo
Guilherme Santana Matos	Campo
Irene Lima Toscano	Estagiária
João Ferreira da Silva	Auxiliar de serviços gerais
José Cavalcante da Cunha	Campo
José Mardonio Souza Araújo	Instalação e colheita de experimentos

Nome	Função
José Mário Santana da Silva	Servente
José Pinheiro dos Santos	Campo
José Seabra Cavalcante	Experimentos com dendê
José Teixeira dos Santos	Campo
Luciene Marques de Almeida	Controle de pragas no guaraná
Lucilene Coutinho Castro	Serviços gerais
Luis Genis Goes	Pesquisa
Luiz Alberto Guimarães Franco de Sá	Veterinário
Luiz Fernando Monteiro	Engenheiro-agrônomo
Luiz Genis Góes	Motorista
Luiz Gonzaga da Silva	Campo
Luiz Gonzaga de Sousa	Campo
Luiz Gonzaga dos Santos	Campo
Luiz Policarpo dos Santos	Campo
Luiz Sales	Campo
Luiz Sales de Menezes	Campo
Manoel Augusto Cavalcante Cunha	Campo
Manoel Félix Bentes Rêgo	Campo
Maria do Socorro Gonçalves Siqueira	Administrativa
Maria Iolanda Sarubi	Secretária
Nagib Resala Fadel	Técnico rural
Nair Farias da Silva Filha	Administrativa
Nilson Colares Guedes	Campo
Raimundo Batalha dos Santos	Campo
Raimundo Domingos de Oliveira	Campo
Raimundo dos Santos	Campo
Raimundo Nunes	Campo
Raimundo Pinheiro dos Santos	Campo
Rômulo Teixeira Aranha	Campo
Ruberval Pereira de Oliveira	Campo
Rufino Rodrigues dos Santos	Campo
Ruy Pinto Oliveira	Instalação e colheita de experimentos
Sebastiana das Graças Sampaio	Auxiliar de biblioteca



Amazônia Ocidental

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



CGPE 15329